PATRÍSTICA

BASÍLIO DE CESAREIA

Homilia sobre Lucas 12
Homilias sobre a origem do homem
Tratado sobre o Espírito Santo



PAULUS

BASÍLIO DE CESAREIA

- Homilia sobre Lucas 12
- Homilias sobre a origem do homem
- Tratado sobre o Espírito Santo

PAULUS

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras conhecidos, tradicionalmente, como "Padres da Igreja", ou "santos Padres". Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção "Sources Chrétiennes", hoje com cerca de 300 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de "voltar às fontes" do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. Paulus Editora *procura, agora, preencher este vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes de fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as "fontes" do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento.* Paulus Editora *quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.*

Para não sobrecarregar o texto e retornar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa ação despojada, porém séria.

Cada autor e cada obra terão uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é pôr o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos, devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e padres ou pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga incluindo também obras dos escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, as origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão "teologia patrística" para indicar a doutrina dos padres da Igreja distinguindo-a da "teologia bíblica", da "teologia escolástica", da "teologia simbólica" e da teologia especulativa". Finalmente, "Padre ou Pai da Igreja" se

refere ao escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como "Pai da Igreja" quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de s. João Damasceno (675-749).

Os "Pais da Igreja" são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo assim os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussão, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que Paulus Editora *oferece ao público pode ser avaliado neste texto: "Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual" (B. Altaner; A. Stuiber,* Patrologia, *S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).*

A Editora

SÃO BASÍLIO MAGNO

A patrologia grega oriental alcançou seu ponto mais elevado com os chamados "Padres capadócios": Basílio Magno, Gregório de Nissa, seu irmão, e Gregório de Nazianzo. Basílio é, com certeza, o mais importante dos três. Devido à sua personalidade fértil, ativa tanto na reflexão, na produção literária, quanto na organização e na administração das comunidades de sua diocese, a história eclesiástica o consagrou como o "Grande", pai e doutor da Igreja. O que é característico e exemplar nestes Padres capadócios é o fato de provirem da alta aristocracia e não usarem desse privilégio para se impor, mas, desprezando toda glória e riqueza do mundo, dedicaram-se aos necessitados tanto quanto à vida intelectual, à meditação, à oração. De fato, Basílio empenhou todas as suas forças intelectuais e físicas na interpretação da doutrina cristã, na reforma da liturgia, na edificação da vida monástica, na defesa da ortodoxia, sem se descuidar, ao mesmo tempo, dos necessitados.

1. *Origens, infância e formação acadêmica*

Basílio nasceu e viveu no período conhecido como "idade de ouro" da patrística. Nesse período, ocorreram grandes mudanças e transformações sociais, principalmente a ascensão da aristocracia dos grandes latifundiários ao poder, que é de extrema importância para a compreensão de Basílio e sua ação.

Descende de família rica, numerosa e de tradição cristã. Seu pai já vinha de família rica e considerada latifundiária, da região do Ponto. Sua mãe era de família nobre da Capadócia. Macrina, a avó paterna, fora educada sob a orientação de Gregório Taumaturgo, que, por sua vez, fora discípulo de Orígenes. Desde muito cedo, esteve Basílio sob a influência desta sua avó. Em várias cartas, sempre sublinha o papel de educadora da fé ortodoxa junto de seus netos: "Que prova mais clara poderia ter em favor de nossa fé, que o fato de ter sido educado por uma avó que era mulher bem-aventurada (…)? Quero falar da ilustre Macrina, que nos ensinou as palavras do bem-aventurado Gregório (o Taumaturgo), todas as que a tradição oral lhe conservara que ela guardara e das quais se servia para educar e formar na piedade os pequeninos que éramos, então" (Epist. 104,6; 110,1; 123,3). O pai, notável retórico, ensinou-lhe os primeiros elementos culturais: "Na primeira idade, foi sob a direção do ilustre pai, que o Ponto se propunha então como modelo de virtude, que desde as línguas ele (Basílio) recebeu uma formação eminente e muito pura" (testemunha Gregório de Nazianzo, *In Basilio,* XII,1).

A família é numerosa. São dez irmãos, entre os quais se destacam a irmã Macrina, a Jovem, os irmãos Gregório, bispo de Nissa, e Pedro, bispo de Sebástia.

Os avós paternos sofreram a última perseguição movida pelo imperador Diocleciano. Alguns anos mais tarde, Constantino dará liberdade de culto através do edito de Milão, mas agora, por volta de 301-303, ao lado de reformas administrativas, fiscais e econômicas, Diocleciano publicou um edito contra a alta dos preços e, talvez instigado por Galeno, desencadeou uma dura perseguição contra os cristãos que se estendeu por quase dez anos. Seus avós paternos tiveram de se refugiar nas florestas do Ponto por 7 anos, tendo os bens confiscados.

Seus anos de juventude foram marcados por frequentes viagens. Depois dos estudos fundamentais em sua cidade, foi enviado a Bizâncio, Antioquia e Atenas para completar os cursos de

aperfeiçoamento. Durante os anos de estudo em Antioquia, é preciso sublinhar a figura de Eustácio de Sebástia, importante para a história do monaquismo da Ásia Menor. Filósofo, depois bispo (356-380), foi o propagador do ascetismo na Armênia e no Ponto. Basílio evoca várias vezes a influência dele na conversão (*Epist.* I; 123,2-3). Estudante em Atenas, sua irmã Macrina lhe interpretava, através de cartas, a "filosofia" de Eustácio. Na Carta I, Basílio declara que a reputação de Eustácio o atingiu quando o encontrou na Grécia: "Deixei Atenas por causa do renome de tua filosofia".

Atenas lhe dera tudo o que um jovem como ele podia buscar. Foi ali também que nasceu e se fortificou, entre ele e Gregório de Nazianzo, uma amizade rara e duradoura. Ali completou seus estudos de retórica aprendendo ainda a filologia e a filosofia.

Retornando de Atenas, em 355, estabeleceu-se em Cesareia como retórico. Arrebatado pelo sucesso de seu ensino, dedicou-se cada vez mais à filosofia sofística. Contudo, os desejos de perfeição, as constantes advertências de sua irmã mais velha, Macrina, acabaram dobrando-o aos projetos de vida perfeita concebidos em Atenas. Empreendeu, então, novas viagens, desta vez, visitando os ascetas do Egito, da Palestina, da Síria e Mesopotâmia (cf. *Carta* 1 e 223). De volta para sua terra, em 358, foi batizado pelo velho bispo de Cesareia, Diânios. Com a morte prematura de seu pai, neste mesmo ano, vendeu os bens recebidos em herança e distribuiu aos pobres o resultado desta venda. Em seguida, retirou-se, na companhia de sua mãe e da irmã Macrina, para Anesi, no Ponto, numa propriedade da família, às margens do Íris, vivendo como eremita. Gregório de Nazianzo vai juntar-se a eles. Juntos, estudam as obras de Orígenes e compõem uma antologia de textos originianos que levará o nome de *Filocália.*

Há consenso entre a maioria dos autores modernos em fixar Cesareia como lugar de nascimento de Basílio. Cesareia da Capadócia, a mais importante dentre tantas Cesareias espalhadas pelo império romano, na Ásia Menor, na Palestina, na Síria, Mauritânia, fundadas em honra de César Augusto. Hoje, Kayseri, no centro da Turquia atual. O imperador Trajano (98-117) transformou-a na capital da província romana da Capadócia, região que incluía o Ponto e a Armênia. Parece ter sido evangelizada bem cedo, visto que a primeira carta de Pedro escrita, provavelmente um pouco antes da perseguição de Nero, pelo ano 64, se dirige aos cristãos desta região: "Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos que vivem dispersos como estrangeiros no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia" (1Pd 1,1).

Embora fosse homem de intensa atividade, sua saúde foi sempre frágil, impedindo-o, talvez, de fazer mais. Suas cartas estão cheias de queixas sobre seu estado de saúde e da oposição que recebe de seus adversários. Aos 40 anos, sentia-se velho: "… A fim de que nós, os velhos, recebêssemos de verdadeiro filho as amabilidades que nos são devidas…" (Carta 176). "Tinha desde longo tempo respondido às questões que tua piedade nos havia proposto, mas não te enviei a carta, porque estive retido por longa e grave doença…" (*Ibidem*). Na *Carta* 200, diz: "Conosco as doenças sucedem às doenças, e as ocupações que provêm dos afazeres eclesiásticos, como aquelas que nos criam aqueles que procuram perturbar as igrejas, nos retiveram todo o inverno e até o momento em que escrevemos esta carta. É por isso que não nos foi possível nem enviar alguém, nem ir visitar tua piedade. Supomos que tal é também tua situação para o resto, não o digo pela doença"… Na *Carta* 201, a mesma queixa: "Mas, porque a mesma causa nos reteve todos os dois, vós a doença que vos sobreveio, e a nós, nossa má saúde que data de mais longo tempo e que não nos deixou ainda…". Após uma viagem ao Ponto, deixa sua situação física transcrita na *Carta* 218: "Tive o corpo quebrado em consequência de minha viagem ao Ponto e estou atacado de um mal intolerável. É que

desde longa data queria fazer saber à tua prudência (…), mas te informo agora…". Seu amigo, Gregório de Nazianzo, o retrata na "sua palidez, sua barba, seus afazeres habituais, e quando falava, sua ausência de precipitação, seu ar pensativo ordinariamente, e seu recolhimento interior" (*Disc.* 43,77,1).

2. *Pai do monaquismo*

O projeto de vida perfeita o leva para a solidão de Anesi: "Este lugar nutre o mais agradável para mim de todos os frutos, a tranquilidade, não somente porque está distante do tumulto das cidades, mas ainda porque ele não deixa sequer passar um viajante, à exceção dos que se juntam a nós durante suas caçadas" (*Epist.* 14,2; cf. Gregório de Naz. *Epist.* 4,12). Nesta vida de eremita, isolado, movido pela penitência, passava necessidades, segundo relata seu amigo Gregório: "Se esta grande e verdadeira nutriz dos pobres, quero dizer: tua mãe, se não nos tivesse rapidamente tirado de lá mostrando-se na hora oportuna propícia como um porto para aqueles que soçobram na tempestade, desde muito tempo nós seríamos apenas cadáveres" (*Epist.* 5,4).

Entre religiosos, visitando muitos cenóbios, conheceu o monaquismo por dentro, com suas grandezas e fraquezas. Sua ação era movida para uma vida comunitária que evitasse as excentricidades praticadas por alguns anacoretas e para promover um esforço teológico e exegético para equilibrar a vida monástica. Foi assim que, respondendo aos quesitos a respeito da interpretação do Evangelho, surgiram o *Pequeno Asceticon* e o *Grande Asceticon.* A estas obras costumam dar o nome de "Regras", impropriamente. São, na verdade, duas obras ascéticas. A primeira, mais breve, conservada somente numa tradução latina. A segunda, a "Grande Regra", mais extensa, se encontra na versão grega. Trata-se de obras elaboradas no esquema de perguntas e respostas, transcrevendo as conversações entre Basílio e os monges, em suas visitas. Expõem as diretrizes e orientações para a vida cotidiana e a organização de uma comunidade monástica. Estas "Regras", que incorporam ainda preceitos de Eustácio de Sebástia, estão na base do monaquismo oriental e são chamadas até hoje basilianas.

Contudo, teve pouco tempo para desfrutar a solidão, o silêncio. Ordenado presbítero, chamado à luta por seu bispo, empenhou-se na defesa da fé cristã contra o arianismo.

3. *O episcopado*

Não obstante as constantes tensões com o bispo de Cesareia, Basílio acedeu ao sacerdócio e conquistou grande autoridade, graças à sua atividade ascética e caritativa. Sua pregação era severa, especialmente contra os ricos. Quando da morte do bispo Eusébio, em 370, desencadeou-se forte oposição à eleição de Basílio, que, ao contrário do que acontecia entre o clero, era muito querido pelo povo. Parece que a oposição se fazia mais em vista de sua precária saúde. Perguntou alguém: "Vós quereis um atleta ou um doutor da fé?". Sucede, então a Eusébio no episcopado de Cesareia, em 370. Nove anos bastaram para que fosse chamado, ainda em vida, o "Grande".

Em sua atividade episcopal, continuou na luta contra os arianos, que gozavam do apoio explícito do imperador Valente. Este, para enfraquecê-lo, dividiu sua diocese, reduzindo seu território geográfico e o número de bispos sob sua jurisdição. Mas Basílio não se deixou intimidar pelas ameaças arianistas. Nestas circunstâncias, para multiplicar as sedes episcopais em seu território jurídico, impôs ao irmão Gregório a diocese de Nissa e a seu amigo Gregório de Nazianzo a diocese

de Sásima, reforçando o episcopado ortodoxo. Apesar de todos os esforços de Basílio, seu irmão Gregório perderá a sede episcopal para os arianos em 376-378.

Embora sempre muito preocupado com a unidade da Igreja e com a defesa da ortodoxia contra os arianos e macedônios, manteve-se muito próximo do povo, vivendo com ele a situação de miséria. Não só escreveu e pronunciou muitas homilias em favor do povo sofrido, mas agia diretamente ajudando os pobres, construindo hospital para acolher doentes, vítimas de epidemias, viajantes, estrangeiros, abandonados. Assim se faz pioneiro não só na defesa da consubstancialidade do Espírito Santo com o Pai e com o Filho, mas também na ação social. De fato, vendo o povo empobrecido, esmagado pelo fisco, exploração e usura, prega contra o luxo e a avareza. Defende a igualdade fundamental de todos os homens diante de Deus, a eminente dignidade da pessoa humana, a necessidade da redistribuição dos bens para eliminar a avareza e o enriquecimento. Seu hospital era verdadeira cidade operária com forno comunitário, alojamento para empregados, asilo para velhos, ala reservada para doentes contagiosos. Posteriormente, este hospital será chamado "Basilíades".

De fato, foram tempos difíceis, anos terríveis para o bispo Basílio: crise moral, econômica, política, religiosa. A fome se abate sobre regiões inteiras, atingindo toda a Capadócia.

Ao mesmo tempo em que se dedicava à reflexão teológica, à assistência e defesa dos pobres, ao trabalho de unir as igrejas, à orientação espiritual dos monges, Basílio se interessava também pela vida de oração, pelas celebrações da comunidade. É assim que se explica sua presença no movimento litúrgico. A *Carta 2* expõe um programa de santificação do dia. A *Carta 207,3* responde às críticas da igreja mais conservadora em relação à liturgia. As homilias sobre os Salmos 1 e 28, sobre a Ação de Graças e tantas outras desenvolvem os temas do louvor divino. Um formulário eucarístico bizantino marcado com o nome de Basílio existe em siríaco, aramaico, eslavo e árabe. Introduziu nova maneira de cantar e reformou o ofício litúrgico dos mosteiros. A tradição oriental atribui-lhe a liturgia que traz seu nome e que as igrejas de rito bizantino ainda usam nos dias da quaresma e na celebração das grandes festas do ano.

4. *Atividade literária*

Apesar de viver sempre num estado de saúde precária, de sua intensa atividade social, espiritual e litúrgica, não foi menor sua atividade literária. Tratados teológicos, ascéticos, pedagógicos e litúrgicos, além de grande número de sermões e de cartas, estão aí para provar esta afirmação. Em seus escritos se revelam sua têmpera e sua formação cultural.

Os tratados teológico-dogmáticos estão voltados contra os arianos e os pneumatômacos (os que negavam a divindade do Espírito Santo). Entre 363-365, compôs o tratado *Contra Eunômio,* líder mais intransigente dos arianos e dos anomeus, em três livros. Eunômio de Cízico fora secretário e discípulo de Aézio. Ordenado diácono em 357 por Eudósio e depois bispo de Cízico, em 360 havia escrito uma *Apologia* imprimindo vigoroso impulso à tendência ao arianismo extremo. Toda a igreja da Capadócia estava mergulhada na crise ariana por causa do apoio do imperador Valente. Eunômio representava o arianismo radical, chamado anomeísmo, para quem só o Pai é Deus, seu Filho Jesus Cristo é apenas uma criatura. Na refutação, Basílio defende a igualdade perfeita do Filho e do Espírito Santo com o Pai. Recolheu a herança de Atanásio de Alexandria e se apoiou na autoridade do bispo de Roma para tentar debelar o erro ariano.

Os escritos ascéticos estão voltados para a vida monástica, fixando as normas da conduta dos monges. São atribuídos a Basílio, nesta área, treze tratados, porém a maior parte são apócrifos. Os

originais são apenas três.

Quanto à exegese, Basílio não desenvolveu um trabalho sistemático. Compreendem-se, nesta área, homilias e sermões com intenção prática. Sua exegese é literal e a homilética é determinada pelos textos das Escrituras. "O auditório ao qual se dirige Basílio comanda inteiramente a estrutura literária de suas homilias. Tanto no *Hexaemeron* quanto nas *Homilias acerca da origem do homem,* encontram-se quatro traços bem caracterizados: 1) a adaptação litúrgica; 2) a exegese literária e sistemática, na qual o texto escriturístico determina a unidade da composição; 3) exortação moral graças a uma ilustração tomada da vida ambiental; e, enfim, 4) a recusa de uma problemática especializada na evocação de questões mais delicadas sobre a origem do mundo ou sobre o valor simbólico dos nomes".[1]

Há ainda uma obra pedagógica, embora várias se apresentem com seu nome, esclarecendo o problema da relação que os cristãos devem ter com a literatura clássica pagã: *Exortação aos jovens a respeito do modo de tirar proveito das letras helênicas*. Sob o pretexto de guiar os sobrinhos nos estudos, Basílio explica como a filosofia e a "paideia" atenienses podem conduzir o homem a uma atitude que se avizinha do ascetismo cristão. Os cristãos devem, portanto, saber o que é útil para segui-lo e o que é necessário deixar de lado: "Devemos imitar as abelhas: sugar o mel e deixar o veneno", dizia ele. O tratado indica, pois, tanto o perigo que o estudo dos escritos pagãos podem acarretar para os cristãos quanto o proveito que se pode tirar deles.

Sua atividade literária se engrandece ainda por seu rico e vasto epistolário. Sua correspondência é uma das mais consideráveis da antiguidade cristã. Através dela podemos conhecer melhor a vida cotidiana da Igreja Oriental do século IV. Em suas 366 cartas, vemos desfilar uma vasta gama de temas como: questões sociais, a situação de exploração em que vivia o povo, recomendações, consolações, orientações para a vida monástica, para a vida cristã dos leigos, problemas morais, ascéticos, dogmáticos, litúrgicos, históricos. Além do mais, revelam-se nelas seus sentimentos de amizade, de equilíbrio, a força de seu caráter e a sensibilidade do pastor atento às necessidades de suas ovelhas. Enfim, em todos os seus escritos, revela-se um espírito penetrante, severo, reservado, capaz da mais alta especulação e rigoroso em suas deduções.

Tímido, mas de grande coragem, encontrou ao longo de sua vida muitas incompreensões e insucessos. Feito mais para o recolhimento, não fugiu às responsabilidades da ação para servir à fé. É flexível. Homem do diálogo, da conciliação a serviço da paz e da ortodoxia. "Este homem morre esgotado pelas austeridades e pelas tribulações, prematuramente, à idade de cinquenta anos, em 1º de janeiro de 379. A vitória estava próxima. Basílio não a experimentou, mas havia-a preparado. Seus funerais foram um triunfo. O povo avaliava a perda que sua morte representava. Dez anos foram suficientes para mostrar o que ele era e fazer dele um bispo incomparável".[2]

Os elogios fúnebres, brilhantes, de Gregório de Nazianzo e de Gregório de Nissa, seu irmão, tiveram enorme influência sobre a hagiografia posterior.

[1] *Basile de Césarée. Sur l'origine de l'homme.* Coll. Sources Chrétiennes 160, Paris: Cerf, 1970, pp. 82-83).

[2] A. HAMMAN, *Os Padres da Igreja*. Paulus, 1980, p. 138.

BIBLIOGRAFIA

AMAND, E., *L'ascèse monastique de saint Basile. Essai historique.* Éditions Maredsous, Maredsous, 1949.

BOBRINSKOY, B., "Liturgie et ecclésiologie trinitaire de s. Basile": *Verbum Caro* 89, 1969, pp. 1-32.

CAVALCANTI, E., "Il problema del linguagio teologico nell'Adv. Eunomium di Basilio Magno": *Augustinianum,* 1974, pp. 527-539.

CLARKE, W. K. L., *Saint Basil the Great: A study in monasticism,* Cambridge University Press, 1913.

CORNEANU, N., "Les efforts de saint Basile pour l'unité de l'Eglise": *Verbum Caro* 23, 1969, pp. 42-93.

DÖRRIES, H., *De Spiritu Sancto. Der beitrag des Basilius zum Abschluss des Trinitarischen Dogmas,* Gotinga: Ruprecht, 1956.

DUCHATELEZ, K., "La koinonia chez s. Basile le Grand": *Communio* 6, 1973, pp. 163-180.

FEDWICK, P. J., *The Church and the Charisma of Leadership in Basil of Caesarea.* Toronto: PIMS, 1981.

——— (org.). *Basil of Caesarea: Christian, Humanist, Ascetic,* 2 vols. Toronto, 1981.

GAIN, B., *L'Église de Cappadoce au IV^e siècle d'après la correspondance de Basile de Césarée (330-379).* Roma: Pontificium Institutum Orientale, 1985, pp. 359-384.

——— *Les idées et l'action sociales de saint Basile,* Paris: [s/e], 1940.

GRIBOMONT, J., "Un aristocrate révolutionnaire, évêque et moine: s. Basile": *Augustinianum* 17, 1977, pp. 179-191.

LAVATORI, R., *Lo Spirito Santo e il suo mistero. Esperienza e teologia nel trattato "sullo Spirito Santo" di Basilio*. Cittá del Vaticano: Lib. Ed. Vaticana, 1986.

PANAYOTIS, Ch. C., "L'enseignement de saint Basile sur le Saint-Esprit": *Verbum Caro* 89, 1969, pp. 86-99.

PRUCHE, B., "Autour du traté sur le Saint Esprit de saint Basile de Césarée": *Recherche de Science Religieuse,* 1964, pp. 204-232.

——— *Basile de Césarée. Sur le Saint-Esprit* (Introd. Texte, Traduction et notes, 2éme éd.; Col. Sources Chrétiennes, 17 bis). Paris: Éd. du Cerf, 1968.

——— "Dogma et Kêrigma dans le Traité sur le Saint-Esprit de s. Basile de Césarée en Cappadoce": *Studia patristica* 9, 1966, pp. 257-262.

REILLY, C. F., *Imperium and Sacerdotium According to St. Basil the Great,* Washington: Catholic University of America Press, 1945.

SANZ, J. M. Y., *La divindad del Espíritu Santo y sa consustancialidad con el Padre e el Hijo en san Basilio de Cesarea,* Pamplona: Ed. Universitad de Navarra, 1983.

SCAZZOSO, P., *Reminiscenze della polis platonica nel cenobio di s. Basilio*. Milão: Inst. Editoriale Italiano, 1970.

——— *Introduzione alla ecclesiologia di san Basilio,* Milão: Università Cattolica del Sacro Cuore, 1975.

SIEPIERSKI, P. D., *A "leitourgia" libertadora de Basílio Magno,* São Paulo: Paulus, 1995.

WAY, S. A. C., *Saint Basil, exegetic, homilies.* Washington: [s/e], 1963.

INTRODUÇÃO À HOMILIA SOBRE A PALAVRA DO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS (Lc 12,16-21)

Basílio não é teórico que pesquisa e discorre sobre a pobreza. Sua atividade ascética, sua inclinação para a vida monástica, não o impediu de se dedicar a socorrer concretamente os pobres. Para ele, a pobreza não é desígnio da Providência como ocasião para o rico ganhar méritos celestes dando esmolas e socorrendo os necessitados. Compreendeu que a pobreza é fruto da injustiça, da ganância, da avareza dos ambiciosos. Conhecia os mecanismos que tornavam ricas as pessoas de sua época: falsificação de documentos de propriedade, que possibilitava aos gananciosos expandir seus latifúndios, invadindo uma propriedade após outra; a avareza, que impedia os afortunados de repartir, de ser magnânimos: a produção agrícola ia parar sempre nas mãos de aproveitadores, que a retinham para vendê-la depois no mercado negro por preço muito mais elevado ou trocá-la pelos filhos dos pobres para fazê-los escravos (cf. n. 4). Sua conclusão é tão lúcida quanto sua análise a respei-to dos ricos: "Assim são os ricos. Pois, apoderando-se primeiro do que é de todos, tudo tomam para si". "Qual é o espoliador? Quem tira aquilo que é de cada um"? (cf. n. 5.7).

Nascido e educado como aristocrata, tinha todas as possibilidades de enriquecer, como o faziam os de sua classe social, à custa dos pobres. No entanto, movido pela fé cristã, tocado profundamente pelo Evangelho, fez concreta e realmente aquilo que no jargão eclesiástico atual se chama "opção pelos pobres". Não só se pôs a serviço dos pobres, mas distribuiu suas posses e se identificou com eles.

Basílio profere esta Homilia ainda como sacerdote, auxiliar do bispo Eusébio de Cesareia, a quem sucederá em 370. A ocasião que a provoca é a exasperação de uma situação que vinha se prolongando e que atingiu seu ápice depois de longa estiagem abrangendo toda a Capadócia nos anos 368-369 (cf. *Epist.* 27; 31). A situação é, de fato, desesperadora: "Gemidos dos povos, lágrimas sem trégua, nas casas e nas praças públicas, de todos aqueles que deploram mutuamente seus sofrimentos. (…) As lamentações reboam nas cidades, nos campos, nos caminhos, no deserto. Não há uma voz capaz de dizer os males lamentáveis que nos esmagam a todos. (…) Nossas festas são mudadas em luto; as casas de oração estão fechadas; desertos os altares onde se celebrava o culto espiritual. Mais nenhuma reunião dos cristãos; nada de escolas para ensinar a doutrina; nenhuma lição salutar, nenhum panegírico, nada de hinos cantados durante a noite; mais nada desta feliz exaltação das almas que as reuniões e a partilha dos carismas espirituais fazem nascer nos que são fiéis ao Senhor" (*Epist.* 234).

Como se vê, a miséria não atingia somente os camponeses. Obrigados a vender ou a abandonar suas terras, os camponeses se amontoavam nas periferias das cidades. "A população urbana ampliava-se com a multidão de Lázaros — mendigos e leprozos — que, sem empregos e desabrigados, encontravam nas esmolas dos outros a única possibilidade de prolongar o número de seus dias" (P. D. Siepierski, p. 28).

O Estado nada fazia para amenizar a vida destes miseráveis. Ao contrário, numa economia baseada essencialmente na concentração de terras e numa atividade rural que se tripartia no plantio de trigo, na vinicultura e na criação de rebanhos, só podiam sobreviver os latifundiários. Assim a aristocracia controlava o uso das terras levando os camponeses à servidão. A nova estrutura da taxação das terras, elevando enormemente os impostos, tornava inviável a pequena propriedade. Não

corresse bem o tempo impedindo uma boa colheita ou qualquer outro infortúnio, mesmo assim os camponeses, os colonos, eram obrigados a pagar os impostos. Os ricos usavam de sua influência para evitar o pagamento dos impostos e ainda obtinham favores do governo e da exploração das classes inferiores. Ironicamente "num período em que os camponeses foram reduzidos a comer ervas, o trigo era disponível nas cidades, quer nos celeiros do governo, quer nas mãos de particulares. Se a colheita malograsse, o cobrador de impostos e o dono da terra extraíam seus impostos e o camponês via-se obrigado a entregar sua colheita em espécie ou vendê-la para obter o dinheiro necessário, mesmo se lhe não restasse nada para alimentar-se e a sua família".[1]

População espoliada, explorada pelos detentores do poder econômico e político, expropriação da terra, jugo pesadíssimo dos impostos, escassez de alimento retido nos celeiros dos ricos são os grandes temas que Basílio desenvolve nesta homilia. Escreveu mais duas homilias contra os ricos que ficaram famosas: Homilia *Sobre os tempos de fome* (Amós 3,8) e *Sobre os ricos* (Mt 19,16-26). Esta que aqui apresentamos, *Sobre Lucas* ou *Sobre a Avareza,* Lc 12,16-21, é a mais conhecida.

[1] A. H. M. Jones. *The Later Roman Empire, 284-602. A Social and Administrative Survey.* 2 Vols. Norman: Univ. of Oklahoma Press, 1964, cit. por P. D. Siepierski, p. 24.

HOMILIA SOBRE A PALAVRA DO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS: "DESTRUIREI MEUS CELEIROS E CONSTRUIREI MAIORES" E SOBRE A AVAREZA OU O RICO ESTULTO

1. Dúplice é a espécie da tentação: de um lado, as tribulações que põem à prova o coração como o ouro no crisol (cf. Sb 3,6) mostram quanto há nelas de bom na prática da paciência; de outro lado, a própria prosperidade da vida, que para a maior parte das pessoas se torna frequentemente uma prova, dado que é igualmente difícil manter-se seguro o ânimo nas adversidades e não se deixar dominar pelo orgulho e pela arrogância no meio das dificuldades. Exemplo da primeira espécie de tentação é o grande Jó, campeão imbatível, que suportou os violentos assaltos do demônio, semelhantes ao ímpeto de uma torrente, com ânimo imperturbável e com propósito irremovível; e nas tentações tanto se mostrou superior, quanto maiores e árduas apareciam as lutas que empreendeu com o adversário.

Das tentações que derivam da prosperidade da vida, temos muitíssimos exemplos: entre outros, aquele rico cuja história acabamos de ler. Este homem, além das riquezas que possuía, desejava ainda outras. A misericórdia de Deus, ao invés de condená-lo imediatamente por sua ingratidão, às riquezas de antes ajuntava sempre novas, querendo com isso convidá-lo a ser liberal e benigno, uma vez saciado abundantemente. "As terras de um rico — diz, de fato (o Evangelho) — deram uma abundante colheita. E ele refletia consigo mesmo: Que farei? Demolirei meus celeiros e construirei outros maiores" (Lc 12,16-18).

Por que deram tão abundante colheita as terras daquele homem que, na abundância, não soubera tirar nenhum proveito? Para que melhor aparecesse a longanimidade de Deus, a bondade daquele que se estende também a este. Deus, de fato, "faz chover sobre justos e injustos e faz nascer o sol sobre os bons e os maus" (Mt 5,45). Tal bondade de Deus, porém, acumula sobre a cabeça dos maus maiores castigos. Ela faz cair a chuva sobre o campo cultivado por mãos avaras e dá o sol que aquece a semente e multiplica abundantemente os frutos.

A generosidade de Deus

Eis quanto provém de Deus: fertilidade do solo, condições atmosféricas propícias, abundância das sementes, a ajuda dos bois e outros elementos que contribuem para o incremento da agricultura.

E da parte do homem? Dureza de coração, misantropia e avareza: é dessa maneira que o homem agradece ao próprio benfeitor. Não se recordou da comunhão de natureza, não pensou que precisava dividir o supérfluo entre os indigentes, não levou em conta o mandamento: "Não negues um benefício ao necessitado" (Pr 3,27). "A caridade e a confiança não te abandonem" (Pr 3,3). "Reparte o pão com o faminto" (Is 58,7). Permaneceu surdo ao grito de todos os profetas e de todos os mestres.

A avareza do homem

Os celeiros, pequenos demais para abrigar tanta abundância, são destruídos, mas o coração avaro não estava satisfeito. Com o advento de novas riquezas às antigas e com os proventos de cada ano, aumentava a abundância. Estava o homem rico neste dilema, do qual não sabia como desembaraçar-

se: não queria desfazer-se dos velhos, por avareza; não podia recolher o novo, por causa da abundância. Por isso, atormentava-se sem chegar a nenhuma conclusão: "Que farei?". Quem não se comoveria por um homem assim atormentado? Consternado pela prosperidade, é um mísero pelos bens que possui; mais mísero ainda pelos que viriam.

Se a terra não lhe produz os proventos, cai em gemidos constantes. Se se acumulam frutos abundantes? Aflições, penas, angústias cruéis! Lamenta-se como um pobre. Não exclama, talvez, da mesma maneira de quem está na indigência? "Que farei? O que comerei? Como me vestirei?".

Assim vai repetindo, em alta voz, o rico. Leva no coração o tormento, a ansiedade o aflige, porque aquilo que a outros torna alegres, consome pela preocupação o avaro. A casa está abarrotada de tudo, porém, ele não se alegra. Pelo contrário, aqueles bens que afluem de todas as partes e que transbordam os celeiros torturam-lhe a alma por temor de que, escapando para fora alguma migalha, os necessitados possam se aproveitar delas.

2. Parece-me que a paixão destes se assemelha à dos glutões, que preferem arrebentar-se pela voracidade antes que deixar alguma sobra aos necessitados.

O homem é administrador dos dons divinos

Reconhece, ó homem, o teu doador. Recorda-te de ti mesmo: quem sou, que coisa administra, de quem recebeste, porque foste preferido entre muitos. És servidor da bondade de Deus, administrador dos teus companheiros de servidão. Não creias que tudo seja destinado a teu ventre. Considera os bens que estão nas tuas mãos como coisa de outros: por breve tempo alegram-te, depois deslizam e desaparecem rapidamente; deles deverás prestar contas pormenorizadas.

Embora tenhas tudo bem fechado com portas trancadas, amarrado e selado, todavia, as preocupações te impedem o sono. Ruminas dentro de ti, estulto conselheiro de ti mesmo: "Que farei?". Seria, ao invés, ocasião de dizer: saciarei quem tem fome, abrirei meus celeiros e chamarei todos os indigentes. Imitarei o benéfico edito de José: "Quantos não tenham pão, vinde a mim; tome cada um o suficiente do dom concedido por Deus, como de uma fonte comum" (Gn 47,13-26).

Por que não és assim também tu? Tens medo de que outros tirem proveito destes bens e, ruminando na alma sentimentos maus, meditas, não tanto como distribuir a cada um segundo a necessidade, mas como ajuntar ainda mais bens e tirar de todos os proventos para ti.

Já haviam chegado aqueles que lhe pediriam a alma (cf. Lc 12,20) e ele confabulava consigo sobre alimentação; naquela mesma noite o levariam deste mundo (cf. Lc 12,20) e ele fantasiava gozar ainda por muitos anos. Foi-lhe deixado desejar tudo, expressar seu pensamento, para que seu propósito sofresse a sentença que merecia.

Exortação aos ricos

3. Toma cuidado para que não te aconteça o mesmo! Estas coisas foram escritas para que evitemos semelhante destino.

Imita a terra, ó homem, e produz frutos à sua semelhança: não sejas pior que a criatura inanimada. A terra produz frutos não para o proveito próprio, antes para tua sustentação. Tu, no entanto, qualquer fruto de bondade que produzires, recolherás para teu proveito, dado que o mérito das boas obras se reverte para os doadores. Deste ao faminto? O dom se volta para ti e te é restituído com juros. Como o trigo lançado à terra transforma-se em lucro para aquele que o semeou, assim o pão dado ao

faminto te renderá, a seu tempo, lucro abundante. Põe fim, pois, ao cultivo dos campos e começa a semear para o céu, porque está escrito: "Semeai para vós sementes de justiça" (Os 10,12).

A generosidade é uma glória para o homem

"Muito melhor um nome bom que grandes riquezas" (Pr 22,1). Se, pois, as riquezas te parecerem uma grande coisa pela honra que delas deriva, reflete quanto é mais vantajosamente honrável ser chamado pai de inumeráveis filhos do que ter dinheiro na bolsa. Esta a deixarás aqui, quer queiras quer não; ao invés, a honra conquistada com as boas obras a levarás contigo à face do Senhor, quando todo o povo reunido em torno de ti diante do juiz comum te aclamará provedor, benfeitor e te dará todos os títulos da caridade. Não vês aqueles que gastam o dinheiro nos teatros, nos pugilatos, nas cenas burlescas, nas lutas com as feras — gente que ninguém deveria olhar no rosto? — e tu és tão mesquinho em distribuir, enquanto uma glória bem mais elevada te espera? Deus saberá te acolher, os anjos te louvarão, os homens, todos quantos existiram desde a criação, te aclamarão bem-aventurado. Uma glória eterna, uma coroa de justiça, o reino dos céus serão para ti o prêmio pela distribuição destes bens caducos. Não mais te ocuparás com eles: substitui o empenho pelos bens presentes, por aqueles que esperamos. Coragem, pois! Dispõe generosamente das tuas riquezas, sê ambicioso e generoso no dispensar a quem tem necessidade. Que se possa dizer de ti: "É generoso, distribui de boa vontade aos pobres, a sua justiça permanece para sempre" (Sl 111,9). Não vendas a preço muito alto aproveitando da necessidade, não esperes a carestia para abrir os celeiros, porque "o povo maldiz quem retém o trigo" (Pr 11,26). Não socorrer os famintos por causa do ouro, nem a penúria geral para poderes estar na abundância é inadmissível; não te faças desfrutador das desgraças humanas. Não faças da ira de Deus uma ocasião para aumentar tuas riquezas. Não tornes mais dolorosas as chagas de quem foi golpeado pelos flagelos.

Tu, ao invés, fixas os olhos no ouro, mas não olhas em face o irmão. Sabes reconhecer a marca da moeda e distinguir a falsa da verdadeira, porém ignoras completamente o irmão necessitado.

Sofrimento do pobre

4. A bela cor do ouro te alegra extremamente, mas não pensas quantos e quais gemidos do indigente te acompanham.

Como poderei pôr sob teus olhos os sofrimentos do pobre? Eles, olhando ao redor, veem que não há ouro nem haverá jamais: os utensílios e as vestes, que costumam ser os bens dos pobres, são todos de valor insignificante. Que fará? Olha para os filhos e decide conduzi-los ao mercado para se livrar da morte. Imagina tu o conflito entre a miséria da fome e o sentimento paterno: a fome ameaça de morte deplorável, a natureza, ao invés, o induz a morrer juntamente com os filhos. Mais vezes se decide, mais vezes desiste: finalmente sucumbe oprimido pela necessidade e pela inelutável penúria.

Como raciocina o pai? "Quem venderei primeiro? Qual será preferido pelo mercador? Decidir-me-ei pelo primogênito? Mas sua idade me envergonha. Pelo mais jovem? Tenho muita compaixão pela sua juventude sem experiência das desgraças. Este conserva bem a fisionomia dos pais, aquele a boa inclinação para os estudos. Terrível angústia! Que será de mim? Qual deles irei ofender? De qual fera tomarei o coração? Como esquecerei a natureza? Se conservo a todos, vê-los-ei se consumir por este flagelo. Se não vendo um, com que olhos olharei aqueles que me restaram? Esses, doravante suspeitos, me considerarão traidor. Como habitarei em minha casa, privado pela minha

culpa dos filhos? Como poderei me sentar a uma mesa posta com tal preço?"

Finalmente ele parte, chorando lágrimas quentes, para vender seu filho mais querido. A dor não te comove e não levas em consideração a sua natureza. A fome mantém prisioneiro o infeliz e tu temporizas e te fazes de surdo, agravando desse modo a dilaceração. Tu não só não sentes paralisar a mão ao aceitar o preço de tal infortúnio, mas ainda regateias sobre o preço; e disputas como, recebendo muito, poderias dar ainda menos, agravando ainda mais a desgraça do infeliz. Suas lágrimas não te comovem, seu gemido não amolece teu coração, ao contrário, permaneces inflexível e implacável. Em tudo e por tudo, só vês ouro: imaginas o ouro; dormindo, sonhas com ouro; desperto, o cobiças. Como quem está atacado pela febre não vê a realidade, mas delira por causa do mal, assim tua alma, possuída pela cobiça das riquezas, vê, em tudo, ouro e prata. A vista do ouro te é mais importante do que a do sol. Fazes voto para que tudo se transforme em ouro para que possas obtê-lo.

Insaciável fome de ouro

5. O que não fazes pelo ouro? Para ti o trigo se torna ouro, o vinho se solidifica em ouro, a lã se transforma em ouro; todas as mercadorias, em suma, e todos os projetos te levam ao ouro. O ouro se reproduz por si mesmo, multiplicando-se com os lucros. E não estás jamais saciado e tuas ambições não têm limites.

Estultícia do rico

Por vezes, condescendemos com as crianças gulosas permitindo que se fartem à vontade daquilo que desejam, para que a saciedade exagerada lhes provoque a náusea. Nada disso acontece com o avaro; quanto mais se enche, mais deseja. "Quando vossa riqueza prospera, não ponhais nela vosso coração" (Sl 61,11).

Tu, ao contrário, seguras o que te escapa e fechas com muros as saídas. Bloqueado, estagnado desta maneira, que coisa te fazem? Arrebentará os obstáculos e, porque até agora trancado com violência e a transbordar, arrasará os armazéns, esvaziará os celeiros do rico, como se ali entrasse um inimigo que avança. Não há garantia de que os deixará assim destruídos ao seu herdeiro. De fato, muito mais depressa será ele levado para outro lugar do que construídos aqueles celeiros, conforme seu projeto ambicioso. Ele, portanto, por seus pensamentos iníquos, teve um fim conveniente. Vós, porém, dai-me ouvidos: escancarai todas as portas dos depósitos, com toda a liberalidade permiti que a riqueza saia livremente. Como um grande rio irriga e fecunda a terra por milhares de canais, assim vós dai livre curso às riquezas para que possam chegar à casa dos pobres. Os poços, donde se extrai com frequência a água, jorram água mais fácil e copiosa; deixados sem uso, as águas se corrompem. Da mesma maneira, a riqueza trancada é inútil e prejudicial, mas a que se movimenta e passa de um a outro é benéfica para todos e frutuosa. Oh! quantos louvores receberão daqueles que foram beneficiados! Que tu não o desprezes! Que copiosa recompensa terás do justo juiz! Dela não duvides tu! De todos os lados vêm a teu encontro exemplos de ricos acusados diante do tribunal. Aqueles que guardam os bens que já possuem e se angustiam pelos futuros, sem saberem se estarão vivos no dia de amanhã; o amanhã lhes fará perder o hoje. Ainda não chegara nenhum suplicante, e ele já se antecipa com ferocidade. Não recolhera ainda os frutos, e ele já recebe a condenação pela avareza. A terra prometia seus frutos pondo à mostra a messe luxuriante: nos campos lavrados,

anuncia-se abundante o trigo; muitos cachos se mostram nos sarmentos. Carregada de frutos, a oliveira se oferece, junto com todas as espécies de delícias. Inábil e estéril era aquele rico, porque, sem ter ainda alguma coisa, já augurava o mal aos necessitados. E, no entanto, quantos perigos antes da colheita! De fato, ora o granizo quebra, ora o calor ardente rouba das mãos, ora a chuva, fora do tempo, precipitando-se, estraga os frutos. Por que então não pedes ao Senhor que leve a termo o seu dom? Mas, apoderando-te dele antecipadamente, tu te tornaste indigno de receber o prometido.

Estulta ilusão do rico

6. Tu falas contigo mesmo em segredo, porém, tuas palavras são examinadas no céu; na verdade, de ti mesmo vem a resposta. Que disseste? "Alma minha, tens uma grande reserva de bens: come e bebe e regala-te cada dia" (Lc 12,19). Que estultícia! Se tivesses alma de porco, seria diferente o que te proponho? És assim como um animal, inconsciente dos bens da alma, que só aceita os alimentos da carne e dás à tua alma aquilo que será expelido fora? Se uma alma possui a virtude, se está repleta de boas obras e habita junto de Deus, então, sim, tem muitos bens e pode se regozijar com a mais bela alegria. Mas como aprecias as coisas terrenas, tens por Deus o ventre e és todo carnal, escravo das paixões, escuta o nome que te é bem apropriado, não dado por nenhum homem, mas pelo próprio Senhor: "Estúpido, nesta mesma noite, tua alma te será pedida; aquilo que guardaste, para quem irá?" (Lc 12,20). O ridículo da estultícia é muito maior do que o castigo eterno. Quem irá ser arrebatado dentro em pouco, que é que projeta? "Destruirei meus celeiros e construirei outros maiores" (Lc 12,18). Fazes bem, também eu te diria. Pois bem merecem ser destruídos os depósitos da iniquidade. Destrói com tuas próprias mãos aquilo que construíste para o mal. Desmancha os celeiros de trigo donde jamais alguém saiu levando auxílio. Faze desaparecer a casa toda inteira, guarda da avareza; arranca os telhados, derruba os muros ao redor, expõe ao sol o trigo bolorento, retira da prisão as riquezas agrilhoadas, mostra triunfalmente em público as tenebrosas moradas de Mamon. "Destruirei meus celeiros e construirei maiores." E quando os terás enchido de novo, o que estarás projetando? Provavelmente de novo os destruirás e de novo construirás? Há coisa mais insensata que isto: trabalhar sem fim, construir às pressas e às pressas destruir? Já tens celeiros, se quiseres, as casas dos famintos. Entesourarás para ti um tesouro no céu. Aquele que, guardado lá, as traças não devoram, os ladrões não roubam (cf. Mt 6,20).

Retardar a esmola é culpável e perigoso

"Quando tiver enchido os celeiros, darei uma parte aos pobres."

Previstes uma longa vida. Quem sabe se não virá antes algo de urgente contra tua previsão. De fato, esta tua promessa não é sinal de virtude, antes, de malícia: tu a auguras não para dar, em seguida, mas só para enganar. O que te impede de distribuir agora? Não está presente o necessitado? Acaso não estão repletos os celeiros? Preparada a recompensa? Não é claro o preceito? O faminto desfalece, o nu está gelado; quem reclama é sufocado. E tu adias para o dia seguinte a esmola. Escuta Salomão: "Não digas: 'Vai e volta, amanhã te darei' " (Pr 3,28). Porque "sabes o que te trará o dia de amanhã" (cf. Pr 27,l).

Desprezas tais preceitos, a avareza já te tapou os ouvidos. Quanta gratidão deverias ter para com o Benfeitor, estar radiante de alegria e célebre pela estima de todos, porque não és tu que importunas portas alheias, mas outros que vêm bater às tuas! Agora, no entanto, estás confuso, pouco acessível,

esquivando-te dos encontros, não aconteça que algo, mesmo pequeno, obrigue a estender as mãos, sabes uma palavra: "Não tenho nem darei, também sou pobre".

És pobre, realmente; careces de todo o bem. Pobre de bondade, pobre de fé em Deus, pobre da esperança de eternidade. Reparte os víveres com os irmãos, amanhã apodrecerão; dá hoje aos indigentes. A ideia da avareza é a mais detestável de todas; nem mesmo aquilo que vai corromper-se não quer distribuir com os necessitados.

Participação dos bens privados

7. "O que faço de errado, diz ele, guardando o que é meu?"

Dize-me, de que modo é teu? Donde tiraste, tomando-o para teu sustento? É como alguém que, indo ao teatro, se apoderasse do espetáculo e quisesse excluir os que entrassem depois, pretendendo ser só seu aquilo que é comum a todos os que se apresentam, conforme lhes parece bem. Assim são os ricos. Pois, apoderando-se primeiro do que é de todos, tudo tomam para si por uma falsa ideia. Se cada um tirasse para si o que lhe é necessário e entregasse ao indigente o que sobra, ninguém seria rico, ninguém pobre. Não saíste nu do útero e não retornarás nu para a terra (Jó 1,21)? Os bens que possuis, de onde vêm? Se dizes que provêm do acaso, és ímpio, não reconhecendo o Criador e não dando graças ao doador. Se, ao invés, admites que são de Deus, dize-me por que os recebeste. É talvez injusto Deus, que nos distribui os meios de subsistência de modo desigual? Por que tu és rico e aquele é pobre? Certamente para que tu pudesses receber a recompensa da bondade da fiel administração e aquele pudesse conseguir o magnífico prêmio da paciência. E tu, enquanto procuras abarcar tudo nos insaciáveis ventres da avareza, julgas não fazer injustiça a ninguém, privando tanta gente do necessário? Quem é o avarento? Aquele que não se contenta com aquilo que lhe é suficiente. Quem é o ladrão? Quem tira aquilo que é de outro. Não és avaro? Não és ladrão, tu que fazes tua a propriedade que recebeste para administrar? Quem espolia alguém que está vestido é tido como ladrão; e quem, podendo fazê-lo, não reveste quem está nu merecerá outro nome? O pão que tu reténs pertence ao faminto, o manto que guardas no armário é de quem está nu; os sapatos que apodrecem em tua casa pertencem ao descalço; o dinheiro que tens enterrado é do necessitado. Porque tantos são aqueles aos quais fazes injustiças, quantos aqueles que poderias socorrer.

Juízo de Deus

"Belas palavras, dirás, mas o ouro é ainda mais belo!" Como quando se discute sobre a castidade com os libertinos. Estes, de fato, despachada a amiga do coração, queimam-se de paixão pela lembrança. De que modo te porei sob os olhos os sofrimentos do pobre, para que te convenças com quantos gemidos acumulas riquezas? Como te parecerá justa, no dia do juízo, esta bela frase: "Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino preparado para vós desde a criação do mundo: porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, estava nu e me vestistes" (Mt 25,34-36).

Quanto terror para ti, quanto suor! Quais trevas te envolverão, se ouvires a condenação: "Afastai-vos de mim, malditos, nas trevas exteriores, preparadas para o diabo e para os seus anjos: porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber, estive nu e não me vestistes" (Mt 25,41-42.30). Naquele momento não é julgado o ladrão, mas é condenado o egoísta.

Disse tudo quanto julgo útil. Se me deres razão, é evidente que, segundo as promessas, te são

reservados tais bens; se, ao contrário, ignora-os, está escrita para ti a condenação, que te desejo não experimentá-la, para que tuas riquezas te sejam preço de resgate e tu estejas seguro de alcançar os bens celestes, por graça daquele que nos chamou todos ao seu Reino.

A ele a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.

INTRODUÇÃO ÀS HOMILIAS SOBRE A ORIGEM DO HOMEM

1. *A autenticidade*

Por muito tempo pairaram dúvidas sobre a autenticidade basiliana destas duas homilias *Sobre a origem do homem,* devido, especialmente, às variantes dos manuscritos encontrados. Contudo, "a comparação com as obras de Basílio, do ponto de vista literário e estilístico, à qual nós nos entregamos, só fizeram confirmar as conclusões às quais já nos haviam conduzido as pesquisas feitas em outros domínios. Sem revestir o aspecto de prova apodítica, nossa argumentação não permite mais hoje excluir da herança de São Basílio estas duas homilias, que ele parece ter composto como complemento tardio de seu *Hexaéméron".*[1]

Outro indício interno de autenticidade pode estar no fato de que, encerrando a nona homilia sobre o *Hexaéméron* (*Sobre os seis dias da criação*), Basílio anuncia que fará exposição mais detalhda, mais completa sobre a criação do homem nos próximos encontros com seus fiéis. Antes de despedi-los, Basílio faz uma promessa: "Mas o cair da noite me impõe o silêncio. Deixemos, pois, repousar aqui nosso discurso (…). Desde agora, levantamos o tema (o da criação do homem), bastante para excitar vosso zelo; quanto a uma exposição mais completa das questões propostas, a faremos com a ajuda do Espírito Santo nos encontros vindouros".[2] É ainda muito sugestivo que, ao iniciar a primeira homilia *Sobre a origem do homem,* apresente-se como quem vem pagar uma dívida antiga ou pagar uma promessa feita a seus fiéis: "Venho saldar inteiramente a dívida há muito contraída, cujo pagamento não foi adiado por má vontade, e sim devido à minha fraqueza corporal" (I,1).

Assim se percebe, com certa clareza, que, ao terminar a nona homilia de comentários dos primeiros versículos do Gênesis, Basílio evoca, brevemente, a criação do homem e traça planos para seus futuros sermões apontando para a questão central: "Em que, pois, o homem possui a imagem de Deus, e como participa ele da sua semelhança? Eis o que, se Deus o permitir, trataremos na sequência de nossas assembleias" (*Hex.*IX Hom. 88c).

2. *O tema*

Tendo instruído seus fiéis ao longo das nove homilias sobre a origem do universo e dos seres inferiores, Basílio se sente impelido a atender o apelo nascido do seio de sua própria assembleia de ouvintes. Sente-se na obrigação de encerrar sua catequese sobre as origens do mundo e dos seres por um estudo atinente à origem do homem, centralizando-se no significado de ser imagem e semelhança de Deus. Segundo ele mesmo confessa, esta questão lhe foi sugerida: "Mas (paro aqui), porque me lembro que me pediram, recentemente, que falasse da origem do homem e, pelo que ouço, parece-me que meus ouvintes me dirigem, em seus corações, esta censura: 'Aprendemos qual é a natureza dos seres que nos pertencem; mas ignoramos o que nós somos'… Inevitável, pois, (será) falarmos disso, quando tivermos banido o temor que nos retém" (*ibidem,* 87 A).

Impossibilitado, pela enfermidade, de dar continuação às suas homilias, retoma agora o fio da meada indo diretamente à questão central: o que somos? A resposta vem já a partir do item 3 da primeira homilia: o próprio corpo é feito diretamente por Deus. Mas a dignidade do homem não está propriamente nisso: "O que é feito à imagem de Deus é a alma, o homem interior. (…) A imagem

possui a semelhança em potência". Para que o homem venha a ser semelhante a seu Criador, será necessário o empenho da livre vontade.

Enquanto o mundo dos seres é criado por simples ordem de Deus, o homem é fruto de deliberação, de atenção especial de Deus. Criaram (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) o homem à sua imagem, mas lhe deixaram a tarefa do acabamento desta criação pela cooperação. Assim Basílio destaca o valor do interior. É aí que reside a força do homem. Por essa razão é mais fácil ao homem dominar as feras, ter domínio sobre o mundo exterior do que dominar as paixões, os instintos. Isso exige maior valentia, exige maior cuidado de si, maior conhecimento de si mesmo (cf. I.19). A hostilidade da natureza exterior é o indício da hostilidade interior das paixões. Desse modo, depois de ter mostrado a ordem objetiva da superioridade do homem sobre todos os animais pelo uso da razão, expõe como a verdadeira força, a verdadeira grandeza do homem, o domínio sobre suas paixões.

Enfim, a distinção de sexos mencionada antes da modelagem confirma que a mulher recebeu a mesma dignidade que o homem de "ser à imagem e semelhança" de Deus. "A mulher, bem como o homem, foi feita à imagem de Deus. Igualmente honrosas são as duas naturezas, iguais as virtudes, igual a recompensa, igual a condenação. Não digas: 'Sou fraca'. A fraqueza está na carne; na alma acha-se a fortaleza" (I,18).

É interessante observar como Basílio estabelece uma distinção fundamental entre ser imagem e ser semelhante a Deus. A imagem de Deus no homem é adquirida uma vez por todas, no próprio ato da criação (I,15). A imagem reside no poder que tem a razão de comandar tanto os animais, isto é, o mundo exterior, quanto as paixões, o mundo interior (I,19). A semelhança, por sua vez, vem impressa na alma com a criação, mas só se atualiza, é adquirida, pelo exercício da vontade livre (I,15). Assim, é somente em potência que Deus nos fez capazes de nos assemelhar a ele. Isso permite ao homem ser o artesão dessa semelhança. O poder da razão, todo homem o possui pelo fato de ser feito à imagem de Deus. Já quanto à semelhança, o homem a adquire tornando-se cristão (I,17). Desse modo, Basílio distingue nitidamente entre a imagem estática, adquirida, da semelhança, que é fruto do empenho, da prática cristã.

Pode-se concluir, portanto, que, segundo Basílio, o homem não é, mas se faz semelhante a Deus, para que não permanecêssemos e não parecêssemos como telas de pintor, isto é, como imagens sem alma ou que, objetos inertes, não ajuntássemos nada por nós mesmos à beleza original posta pelo Criador (cf. I,16). Daí a maneira como ele interpreta a ordem divina do "Crescei, multiplicai-vos, enchei a terra" (II,5). Há crescimento duplo, o do corpo e o da alma. Se o crescimento do corpo se faz à semelhança de qualquer outro animal, o progresso da alma só "se realiza através de novos conhecimentos, em vista de seu aperfeiçoamento". "Crescei" é dito do homem interior, do incremento do espírito que o homem deve cultivar através do conhecimento e das obras da virtude, especialmente, da temperança, da justiça e da fortaleza.

[1] A. SMETS; M. VAN ESBROECK. *Basile de Césarée. Sur l'origine de l'homme.* (Homilies X et XI de l'Haxaéméron). Paris: Cerf, 1970, p. 17, (Col. Sources Chrétiennes, 160).

[2] Nona homilia Sobre *Hexaéméron,* peroração, em *ibidem,* p. 523.

A ORIGEM DO HOMEM

PRIMEIRA HOMILIA: À IMAGEM

1. Venho saldar inteiramente a dívida há muito contraída, cujo pagamento não foi adiado por má vontade, e sim devido a minha fraqueza corporal. Trata-se de tarefa das mais urgentes e muito proveitosa para a vossa iniciação.[1] Não seria justo, efetivamente, após sermos instruídos acerca das feras, dos animais que nadam, dos rebanhos e das aves, e ainda acerca do céu e do que ele contém, como da terra e do que a povoa, não obtermos alguma luz no tocante às nossas origens, captada nas Escrituras divinamente inspiradas. Assim como nossos olhos, apesar de verem as coisas exteriores, não podem ver a si mesmos, a não ser que encontrem uma superfície polida, onde a vista, por reflexo, olha para dentro de si mesma, de igual maneira nossa mente somente pode contemplar-se a si própria, curvando-se sobre as Escrituras. A luz nela refletida possibilita a cada um de nós ver-se a si mesmo. De fato, não estamos cientes, por não examinarmos nosso próprio modo de ser, do que somos e por que existimos. Descuidados de nós mesmos, ignoramos o que está ao alcance de nosso intelecto, desconhecendo até as coisas mais insignificantes em nós existentes.

2. Muitos e cuidadosos estudos foram dedicados ao corpo humano. Se considerares a medicina, descobrirás quanto disserta sobre nossa constituição, quais os caminhos ocultos encontrados em nossa estrutura interna nas experiências anatômicas, as junturas invisíveis, a ação conjunta de todo o corpo para respirar, as vias respiratórias, os vasos sanguíneos, o trato respiratório, o foco calorífero junto do coração, o movimento contínuo do sopro vital no pericárdio. São milhares de observações sobre esses assuntos, nos quais não somos peritos por não nos termos dedicado a tais pesquisas. Nem cada um se conhece a si mesmo, o que é. Temos maior propensão para explorar o céu do que a nós mesmos. Não deprecies, contudo, a maravilha que és. És pequeno. Assim pensas. Mas a exposição seguinte te fará descobrir como és grande. Por isso, o sábio Davi, bom conhecedor de si mesmo, afirma: "É maravilhoso o saber que, proveniente de mim mesmo, tenho de ti" (Sl 139,6). Verifico, maravilhado, o conhecimento que possuo de ti. Mas, porque digo que provém de mim mesmo? É maravilhoso o saber que, proveniente de mim mesmo, tenho de ti. Tomando consciência da arte com a qual fui feito, com que sabedoria meu corpo foi plasmado, através deste pequeno organismo,[2] apreendi a grandeza daquele que me fez.

3. "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" (Gn 1,26). Recentemente, foi mostrado de modo muito rápido, porém de modo suficiente, que significa tal palavra e a quem é dirigida. A Igreja o demonstra. Ou melhor, ela tem a fé, mais firme do que qualquer demonstração. *"Façamos o homem"*. Começa a conhecer-te a ti mesmo. Esta palavra não foi escrita sobre nenhum dos outros seres criados. A luz foi feita. Simples ordem. Disse Deus: *"Faça-se a luz"* (Gn 1,3). O céu foi feito sem conselho preliminar. Apareceram as estrelas; não houve precedente deliberação acerca dos luzeiros. Foram criados o mar e o pélago infinito; por meio de uma só ordem começaram a existir. Quanto a todas as espécies de peixes, foi mandado e elas foram feitas. Às feras e aos rebanhos, aos animais que nadam e aos que voam, Deus disse e foram feitos. Ainda não existia o homem; e delibera-se a respeito dele. Deus não disse, como aconteceu relativamente às outras criaturas: "Faça-se o homem". Reconhece a tua dignidade. Tua origem não se encontra num mandamento. Deliberou Deus como viria à existência esse honroso ser vivo. *"Façamos"*. Um sábio delibera, um artista

raciocina. Acaso, a arte o abandonou, e ele, preocupado, quer dar a sua obra-prima trabalhado acabamento e perfeição? Ou busca te mostrar que és perfeito diante de Deus?

4. Sabes que se trata de duas Pessoas. Uma a falar e outra a quem a palavra é dirigida. Por que não proferiu Deus: "Faça-se", e sim: *"Façamos o homem"?* Visava a que conhecesses sua soberana majestade. Não reconheças o Pai, negando o Filho, porque o Pai criou por meio do Filho, e o Filho criou segundo a vontade paterna. E glorifiques o Pai no Filho, e o Filho no Espírito Santo. Assim és resultado de obra comum; sejas o adorador comum de um e outro, sem divisão alguma na adoração; ao contrário, confesses a unidade da divindade. Contemples exteriormente a história, captes, porém, a teologia em sua força. *"E Deus criou o homem". "Façamos"* (Gn 1,26). Não foi dito: "E eles criaram", no intuito de evitar pretexto para o politeísmo. Se, porém, fosse empregado o plural, os homens amontoariam desmesuradamente os deuses. No entanto, se foi dito: *"Façamos",* deves reconhecer o Pai, o Filho e o Espírito Santo. *"Deus criou o homem"* foi dito, a fim de creres na unidade da divindade, mas não na unidade das hipóstases, a não ser quanto ao poder; assim lhe darás glória, com uma adoração indivisa, pois dividir seria cair no politeísmo. A Escritura não disse: "Deuses criaram o homem", e sim: *"Deus criou".* Própria é a hipóstase do Pai, própria a hipóstase do Filho, e própria a hipóstase do Espírito Santo. Então, por que não são três deuses? Porque uma só é a divindade. A mesma divindade que contemplo no Pai, contemplo-a igualmente no Filho; e a mesma que vejo no Espírito Santo, vejo-a também no Filho. Por isso, em cada um dos dois há uma só forma, e idêntico é no Filho, o principado procedente do Pai. Em consequência, quanto a nós, uma só é a adoração e o louvor. O proêmio de nossa criação é uma verdadeira teologia.

5. *"Façamos o homem à nossa Imagem e semelhança"* (Gn 1,26). Fomos criados à imagem de Deus. Como, de fato, à imagem de Deus? Purifiquemos de cogitações vulgares, de superstições ignorantes, de conceitos estultos a respeito de Deus, o nosso coração. Se fomos feitos à imagem de Deus, dizem eles, Deus tem um aspecto semelhante ao nosso; Deus há de ter olhos, ouvidos, cabeça, mãos, e pode assentar-se — visto que afirma a Escritura que Deus se assenta — (cf. Sl 47,9); e também pés para andar (cf. Gn 3,8). Deus seria, de fato, assim? Expulsa de teu coração qualquer cogitação inconveniente. Repele da mente tudo o que não condiz com a grandeza de Deus. Deus não tem figura, é simples. Não imagines nele uma forma, não rebaixes sua grandeza, como fazem os judeus. Não procures abranger a Deus por conceitos corporais, não o circunscrevas em tua mente. Sua grandeza é ilimitada. Pensa em algo de grande, acrescenta cada vez mais ao objeto de tuas cogitações, aumenta ainda; convence-te de que teu raciocínio jamais atingirá o infinito. Não cogites de um aspecto exterior. Reflete sobre Deus, de acordo com sua potência. Simplicidade de natureza. De que grandeza? Está em toda a parte e ultrapassa a tudo. É intangível, invisível e foge à percepção de teu espírito. Nem o tamanho o delimita, nem o cerca a figura exterior, nem o mede a potência, nem o demarca o tempo, nem o definem os limites. Nada acontece em Deus de modo idêntico ao que sucede conosco.

6. Então, em que sentido declara a Escritura que fomos criados à imagem de Deus? Aprendamos o que se refere a Deus e entendamos que não fomos feitos à imagem de Deus quanto à forma corporal. Com efeito a forma corporal é a de um ser corruptível. Um ser incorruptível não toma forma corruptível, nem o ser corruptível é imagem do incorruptível. O corpo cresce, encolhe-se, envelhece, modifica-se. É uma coisa na juventude, e outra na velhice; um o corpo sadio, outro o doente; difere se assustado ou alegre; diverso, na fartura ou na penúria; uma coisa na paz e outra na guerra; um se

desperto, outro se adormecido. Em alguns a tez é mais corada porque o calor vital atua na pele, em outros, a temperatura se retrai, e por isso os adormecidos ficam mais pálidos. Como, então, o ser que se modifica pode se assemelhar ao que não muda? Aquele que sempre é igual ao que nunca permanece o mesmo? Escapa-nos, como um fluxo; mal aparece e já sumiu; o corpo humano vai sempre mudando de aspecto. *"À nossa imagem"*. Imagem caduca de uma natureza imutável? Imagem amorfa de uma natureza bem formada? Como, então, explicaremos a locução: "À imagem"? De acordo com as palavras do Senhor. Se profiro qualquer coisa por mim mesmo, não a acolhais; mas se é expressão do pensamento do Senhor, acolhei-a. "*Façamos o homem à nossa imagem e semelhança; e que eles dominem sobre os peixes"* (Gn 1,26). Pelo corpo ou por meio da razão? Esse domínio reside na alma ou na carne? A carne humana é mais fraca do que a de muitos animais. Qual a diferença entre a carne do homem e a do camelo, entre a carne do homem e a dos bois, entre a carne do homem e a de qualquer animal selvagem? É frágil a carne humana em comparação com a das feras. Mas onde se encontra o domínio do homem? Na superioridade da razão.[3] O que falta ao homem relativamente às forças corporais, supre-o a faculdade da razão. Como pode o homem transportar pesos enormes? Graças à inteligência ou à força do corpo?

7. "*Façamos o homem à nossa imagem"*. Deus se refere ao homem interior: "Façamos o homem". Mas, podes replicar: "Por que não alude à razão?". Ele afirma que o homem foi criado à imagem de Deus. Homem aqui é a razão. Escuta como se exprime o Apóstolo: *"Embora, em nós, o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia a dia"* (2Cor 4,16). Como? Conheço duas espécies de homens: uma, a visível, e a outra escondida sob o aspecto visível, mas em si é invisível, o homem interior. Temos, efetivamente, um homem interior, e de certo modo somos duplos. Ou antes, para falar mais exatamente, somos o homem interior. O eu é propriamente o homem interior. O exterior não constitui meu próprio eu, mas consta do que é meu. O eu não é minha mão, mas é a parte racional de minha alma. Todavia, a mão é parte integrante do homem. O corpo, contudo, é órgão do homem, órgão da alma, mas o que constitui o homem é propriamente a alma. "Façamos o homem à nossa imagem", isto é, dotemo-lo sobretudo da razão.

8. *"E domine."* Não está escrito: "Façamos o homem à nossa imagem e eles se entusiasmem, tenham desejos, entristeçam-se". Efetivamente, a imagem de Deus em si não abrange as paixões; a razão as domina.[4] "E domine sobre os peixes." Foste criado, e imediatamente adquiriste o domínio: "E domine". Se alguém receber da parte do imperador um poder qualquer durante um ano, será um homem a receber de outro homem, um mortal a receber de outro mortal, o qual não o possui por si mesmo. Mas que poder receberá em sua alma? Tu, no entanto, o recebes de Deus, não inscrito em tabuinhas, nem em folhas corruptíveis, alimento de traças. É a própria natureza que tem em si gravada a voz divina: "Domine". Integra o domínio do homem tudo o que segue: "Domine sobre os peixes, os animais da terra, as aves do céu , os rebanhos, os répteis que rastejam sobre a terra" (Gn 1,26)**.** Deus não disse: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança; que ele coma de qualquer árvore frutífera, carregada de frutos". Em segundo lugar está o que é relativo ao corpo, e em primeiro, as qualidades superiores da alma. Em primeiro lugar foi-nos confiado o poder de mandar. Ó homem, és um ser vivo, dotado da capacidade de mandar! Por que hás de estar sujeito às paixões? Por que rejeitas a tua dignidade, tornando-te escravo do pecado? Por que te fazes prisioneiro do diabo? Foste colocado como príncipe da criação e repeles a honra de tua natureza? *"Eras escravo quando foste*

chamado?" (1Cor 7,21) Por que lastimas a escravidão corporal? Por que não tens grande estima ao domínio que Deus te outorgou, tendo a razão para governar as paixões? Quando vês teu senhor escravizado aos prazeres, e tu mesmo qual escravo apenas corporalmente, reconhece que, enquanto tu és escravo só de corpo, aquele que é denominado senhor, de fato encontra-se sob a mais negra escravidão. Vês que ele se une a uma prostituta, enquanto tu a desprezas. Então, não és senhor das paixões, enquanto ele é escravo dos prazeres que calcas aos pés? Desta forma, "Façamos o homem e que eles dominem": onde o poder de dominar se encontra, lá está igualmente a imagem de Deus. Efetivamente, sê igualmente a imagem de Deus.

9. *"Domine sobre os peixes."* Em primeiro lugar, foi-nos dado o domínio sobre animais que vivem em outro elemento. Deus não disse: "Domine sobre os animais domésticos", mas: "sobre os peixes". Com efeito, eles vivem nas águas. Em primeiro lugar foi-nos concedido dominar sobre os peixes. E como podemos dar ordens aos peixes? Observaste, talvez, ao apareceres perto de uma lagoa, que a tua sombra os espanta a todos, qual o dono de uma casa em tumulto que, aparecendo de repente, acalme tudo, e a presença do chefe restabelece inteiramente a ordem? Como é que todos os seres aquáticos mudam de posição com a aparição de um só homem? De forma alguma continuam a mover-se livremente, nem ousam nadar à superfície do mar ou do lago. O delfim que percebe a proximidade de um homem, embora seja o rei dos monstros marinhos, tem medo. Assim foi outorgado ao homem o domínio sobre os animais que nadam. Quando notas que a razão penetra todas as coisas e sobre elas tem o domínio, como não o possuiria sobre os cetáceos? Conheço a inventiva humana. Armam anzóis com iscas proporcionadas ao tamanho dos cetáceos que devem engoli-los. Depois, na outra ponta dos fios em que estão suspensos os anzóis amarram odres cheios de ar, que ficam flutuando à superfície do mar. Lançam-se, então, os monstros marinhos sobre as iscas e ingerem simultaneamente os anzóis, arrastando os odres para o fundo. Mas como naturalmente os odres tendem a subir, puxam-nos até a superfície. Engasgados com a comida, saltam furiosos para cima e para baixo, exploram os abismos, percorrem mares e mares. Mas, sendo inútil todo esse imenso esforço, finalmente o monstro é vencido pelo cansaço provocado pelo anzol. Exausto de fome, morre e é arrastado pelos odres, tornando-se presa do pescador. O pequeno prende o grande; o fraco vence o gigante. Por quê? Porque o homem, devido à superioridade da inteligência, recebeu o poder de dominar. Como a fugitivos malvados, traz de volta à disciplina os desobedientes. Ele reconduz por meio da coação os que não consegue induzir pela mansidão. Assim, em toda a parte, o homem possui o domínio que lhe foi outorgado pelo criador. Por isso, os espadartes, os martelos, as baleias, os serrões, os leões-marinhos e todos esses cetáceos de nomes horríveis, estão sujeitos ao homem.

10. *"Domine sobre os peixes do mar e os animais da terra"*. Não vês o leão cruel e rugidor, cujo nome por si só assusta, e que faz tremer a terra com o seu rugido? Quem lhe resiste ou enfrenta seu ataque? Animal algum presume superá-lo em força, ousando defrontar o ataque do leão. No entanto, podes vê-lo encerrado numa pequena jaula. Quem o prendeu? Quem inventou esta pequena prisão para um animal tão grande? Quem preparou para a fera a estreiteza daquelas barras de madeira, que não lhe impedem a respiração, mas lhe permite respirar livremente, garantindo, porém, a segurança? Quem, a não ser o homem? Transforma em joguete seu as feras mais perigosas. Não zomba do leopardo, apresentando-lhe uma figura humana de papelão, que ele estraçalha, enquanto o homem, agachado, ri-se da estultícia da fera? O homem não domina por sua superioridade todas as coisas? E que dizer das aves? Com efeito, o homem não voa; mas eleva-se como as aves pelo poder da

inteligência. Nada aprisiona a razão. Examina o fundo do mar, capta o que está sobre a terra, alcança o que se encontra no ar.

Acaso já viste uma ave na ponta de um galho a desafiar os homens, confiante na agilidade de suas asas? Entretanto vê-se também uma criança a brincar, colocando um ramo sobre outro ramo, com goma na ponta; depois, esconder sob ramos e folhas a visgueira, e ficar vigiando. Se a ave o toca levemente, ele a prende. Embora corte o ar, atravesse o éter, fica prisioneira da visgueira. O homem, porém, permanece embaixo, com a mão abaixada, sobe, porém, pelo pensamento; e por sua habilidade tudo se torna possível. Ele arma redes para apanhar as aves; munido de arco, mira as aves. Com engodos apanha os animais mais vorazes.

Já observaste, por acaso, como a águia se precipita impetuosamente sobre a presa, mas depois cai embaixo nas ciladas? Assim, apesar de viver nas alturas, deixa-se prender na terra pelos engodos preparados pelos homens. Deus submeteu todas as coisas ao homem. Terminou a criação, e não retirou do homem o domínio. Não digas: "Como me superam as aves que se elevam aos ares!". Também elas te estão sujeitas devido a teu intelecto. *"E todos os animais que rastejam sobre a terra"*. Vês o que inclui o fato de teres sido criado à imagem de Deus?

11. *"E Deus criou o homem"*. Que é, pois, o homem? Nós o definiremos de acordo com o que lemos e ouvimos. Ocioso seria procurar de empréstimo definições estranhas, ou utilizar noções vãs no raciocínio sobre a verdade. O homem é um ser racional, criado por Deus, à imagem de seu Criador. Se esta definição for deficiente, busquem outra os que se dedicaram à aquisição de uma sabedoria corruptível. O homem foi criado à imagem de Deus.

12. *"Deus abençoou o homem e disse: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra"* (Gn 1,28). Idêntica foi a bênção aos peixes: "Deus disse: Produzam as águas seres vivos que rastejam". E assim se fez (Gn 1,20). Em seguida, disse Deus: "Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei as águas" (Gn 1,22). Que acrescentaremos ainda? Esta bênção forçosamente se refere ao que te é comum com os animais e também àquilo que te é peculiar. Efetivamente, cresces como os demais seres vivos. De pequenino, no começo, vais aos poucos atingindo a estatura adulta. O mesmo acontece aos cavalos e aos cães, a mesma coisa às águias e aos cisnes, e a todos os outros que te aprouver nomear. De pequeninos, ao serem concebidos, progressivamente chegam ao completo desenvolvimento; depois, vão decaindo e diminuem de estatura. Foi-nos concedido, também a nós, o que é comum a toda a natureza.

13. "Crescei", isto é, desenvolvei-vos.[5] Pequeninos, ao nascer, crescestes. Haja um termo para o crescimento. Pelo fato de crescermos nos primeiros sete anos, e a idade mudar na segunda semana de anos, nem por isso havemos de passar igualmente a outra idade em toda a vida, a cada sete anos.

Os primeiros sete anos constituem a infância. O termo da infância é bem claro: é a mudança da dentição. Caem os primeiros dentes e nascem outros. A segunda etapa de crescimento começa e vai até o fim dos catorze anos. Então, temos a segunda parte da infância: primeiro vem a criancinha, depois o menino. Em seguida o adolescente, depois o homem, a começar dos catorze anos. Estes os limites do crescimento. "Crescei", portanto. Mas, se atingires os cem anos, não crescerás do primeiro ao centésimo ano. Este mandamento: "Crescei", proferido com sabedoria, é um desígnio providencial.

"Crescei". Até que ponto? Não há uma medida só para o crescimento. Conforme a primitiva

constituição no seio materno, introduz-se determinada espécie de crescimento. Posteriormente, não constituem novidade os dons adicionais de acordo com a idade, mas as substâncias introduzidas no seio materno já contêm os elementos adequados ao crescimento. Caem os dentes, e sabemos que o crescimento atingiu tal fase. O pai mede a altura de uma criança de três anos; sabe que ela terá o dobro de sua altura no fim desta fase. Será duas vezes maior do que aos três anos. No final do crescimento terá outro tanto. Tal é a medida da natureza humana até o termo, após a passagem dos primeiros sete anos aos seguintes. Então aumenta o calor vital, mais sólida torna-se a conformação do corpo, desaparece a flacidez, os membros se fortificam; os jovens iniciam uma adolescência mais vigorosa, embora não cheguem ainda ao pleno vigor. A consistência é recente, e inadequada a trabalhos mais árduos. Então adquire o ser vivo ligeireza e agilidade. Na terceira semana de anos, alcança-se o crescimento pleno. Mas, o corpo ainda aumenta em altura.

Depois da terceira semana, quando a natureza se livra do cansaço do aumento em altura, começa a adquirir maior largura, a lançar de certo modo os contrafortes que sustentam a altura, a engordar e a fortalecer os membros do corpo. Age a natureza com coerência. Assim acontece desde o princípio segundo o mandamento do Senhor, e sua palavra acompanha o processo de toda a criação, até o fim.

14. *"Crescei e multiplicai-vos".* "Crescei", para que a criação não pare num só estádio. "Multiplicai-vos", pois ela não se destina a um só, mas a muitos. *"Enchei a terra";* enchei-a, mas não relativamente à habitação. Viveríamos bem apertados se a terra tivesse apenas o suficiente à nossa moradia. Ao invés, "enchei-a", pelo poder que Deus vos concedeu de dominar a terra.

"Enchei a terra"; não, porém, a terra tórrida e estéril, ou a gélida e intransitável. A esta, certamente, os homens não a enchem por coação. Deus lhes deu o domínio para enchê-la pela inteligência. Ao verificarmos como é imensa a terra tórrida e inóspita; ao vermos a extensão da região boreal, que o frio excessivo torna inculta e improdutiva, podemos dizer que temos enchido a terra? Não temos escolhido a parte aproveitável, menosprezando a inútil para a manutenção do homem? Deste modo a ordem "Enchei a terra" fez-nos senhores. Se não a utilizamos toda, nem por isso deixamos de ter o domínio sobre ela inteira. Nem se comprares trigo, deixas de ser dono de todo ele, mesmo se uma parte for comestível e a outra for imprestável. Não tiras as pedras, como sendo inúteis? E se outro cisco se misturar aos alimentos, soprando a palha e tirando o joio, não escolherás uma quantidade limpa para o teu sustento? O mesmo sucede com a terra. A parte melhor é dotada do que convém à moradia; outra parte é a necessária à agricultura, e a última é deixada para pastagem dos quadrúpedes. Responde-me. Não posso dar-lhe o destino que quiser, visto que, por um dom do Senhor que me criou, tornei-me senhor dela? "Enchei. Eles dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre os animais da terra". Tal a bênção, o mandamento, a dignidade que Deus nos concedeu.

15. *"E Deus criou o homem. À imagem de Deus ele o criou"* (Gn 1,27). Notaste que a frase foi interrompida? "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança." Duas deliberações: "à imagem" e "à semelhança". A operação, contudo, é uma só. Por acaso, Deus decidiu uma coisa e mudou de parecer? Houve arrependimento no ato de criar? Ou fraqueza do Criador, que decidira uma coisa, e fez outra? Ou excesso no falar? Talvez tenha idêntico sentido dizer: "Façamos o homem à nossa imagem" e: "à nossa semelhança"; de fato, tendo dito: "à nossa imagem", não declarou também: "à nossa semelhança". Qualquer que seja a explicação que escolhermos, reprovamos o que está escrito. Se, efetivamente, o significado é o mesmo, a repetição é redundante. Mas dizer que existe na

Escritura palavra vã seria perigosa blasfêmia. Com efeito, a Escritura não fala em vão. Por conseguinte, é necessário ter sido criado o homem à imagem e à semelhança.

Por que não foi afirmado: "E Deus criou o homem à imagem de Deus e à sua semelhança"? O Criador não podia agir assim? Palavra ímpia! Deu a ordem e arrependeu-se? Opinião muito mais ímpia! Falou e mudou de decisão? Não. Nem a Escritura o afirma, nem o Criador é fraco, nem o propósito desvaneceu. Qual, então, o motivo do silêncio?

16. "Façamos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança" (Gn 1,26). A primeira, nós a temos devido à nossa criação; a segunda, nós a adquirimos pela vontade. Em nossa primeira formação nos foi dado nascer à imagem de Deus; pela vontade torna-se em nós o ser à semelhança de Deus. A parte dependente da vontade, nós a possuímos em potência; mas devemos obtê-la em ato. Se o Senhor, ao criar-nos, não tivesse antes proferido: "Façamos" e "à nossa semelhança", se não nos tivesse outorgado a possibilidade de nos tornarmos semelhantes, não seria por nosso próprio poder que teríamos obtido a semelhança com Deus. Agora, contudo, fez-nos com a capacidade de nos assemelhar-nos a Deus. Dando-nos a capacidade de nos assemelhar-nos a Deus, possibilitou-nos sermos os artífices da semelhança com Deus. Nossa seria a recompensa de nossa obra, e não seríamos como imagens feitas por um pintor, somente imagens, de sorte que nossa semelhança não sirva ao louvor de outro. Quando, porém, vês uma imagem fiel de um modelo, não elogias o retrato, mas admiras o pintor. Assim, visando a que a admiração me atinja e não a outro, deixou-me a tarefa de tornar-me semelhante a Deus. De fato, enquanto feito à imagem, sou um ser racional, e me faço à semelhança tornando-me cristão.

17. "Deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5,48). Vês como o Senhor nos concede o que nos faz à sua semelhança?[6] *"Ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos"* (Mt 5,45). Se tu te fizeres adversário do mal, sem ira, esquecido da inimizade de ontem, se amas teu irmão, se és compassivo, assemelhas-te a Deus. Se perdoas ao inimigo de coração, assemelhas-te a Deus. Se como Deus age para contigo, pecador, assim ages relativamente ao irmão que te ofendeu, assemelhas-te a Deus pela misericórdia para com o próximo. Deste modo, se ages racionalmente, tens a imagem de Deus, mas, assumindo a bondade, tens a semelhança. Deves revestir-te de "sentimentos de compaixão, de bondade" (Cl 3,12), a fim de te revestires de Cristo (Gl 3,27). Ao assumires a compaixão, tu te revestes de Cristo, e a convivência com ele te faz familiar de Deus. Desta forma a história da criação é educativa para a vida humana. "Façamos o homem à nossa imagem." Sejam criados à imagem, e adquiram também a semelhança. Este poder te foi concedido por Deus. Se tivesse te criado também à semelhança, onde ficaria a graça? Por que foste coroado? (Cf. Sl 8,6). Se o Criador te desse tudo, como se abriria a ti o reino dos céus? Mas acontece que uma parte foi doada, e a outra ficou incompleta, no intuito de que te aperfeiçoes, e te tornes digno de retribuição da parte de Deus. Como, então, adquirimos a semelhança? Por meio dos evangelhos. O que é o cristianismo? Consiste na semelhança de Deus, quanto possível a natureza humana. Se recebeste a graça de seres cristão, cuida de te tornares semelhante a Deus, de te revestires de Cristo. Como, porém, te revestirás se não foste assinalado? Como te revestirás, sem teres recebido o batismo? Se não usas a veste da incorruptibilidade? Desistes de te assemelhares a Deus? Se te dissesse: "Olha! Deves tornar-te semelhante ao imperador", não me considerarias um benfeitor? Visto que desejo fazer-te semelhante a Deus, foges da palavra que te deifica, tapas os ouvidos para não ouvires as palavras de salvação?

18. "E Deus criou o homem à sua imagem." O homem! diz a mulher, e a mim, o que interessa?[7] O homem foi criado. Deus não disse: um ser humano, mas pela expressão: o homem, indicou o gênero masculino. Não é assim. Para não suceder que alguém por ignorância entenda o termo: homem, somente como relativo ao gênero masculino, foi acrescentado: *"Homem e mulher ele os criou"* (Gn 1,27). A mulher, bem como o homem, foi feita à imagem de Deus. Igualmente honrosas são as duas naturezas, iguais as virtudes, igual a recompensa, igual a condenação. Não digas: "Sou fraca". A fraqueza está na carne; na alma acha-se a fortaleza. Tendo em vista que a imagem de Deus merece a mesma honra, obtenha a mesma estima a virtude, e a demonstração das boas obras. Não sirva de pretexto a fraqueza do corpo. Por que razão, aliás, seria ele apenas tenro? Mas, partilhando as dores, ele é persistente nas privações, resistente nas vigílias. A natureza do homem é incapaz de rivalizar com a da mulher, que passa uma vida de privações. O homem pode imitar a perseverança das mulheres nos jejuns, a tolerância do cansaço na oração, a abundância das lágrimas, a prontidão para as boas obras? Conheço uma mulher que cometia às ocultas piedosos roubos. Sem licença do marido, praticava boas obras em favor do marido, da prosperidade de sua casa, da incolumidade dos filhos. Dava às escondidas do marido, gastando para o bem dele, sem que ele o soubesse. Assim agia, porém, diante daquele que vê o que está oculto (cf. Mt 6,4), e não proclamava suas boas obras. A boa esposa é feita à imagem. Não considera o homem exterior, figura externamente plasmada. A alma habita no íntimo, sob um véu, escondida num corpo delicado. As almas, sem dúvida, têm dignidade igual; nos véus encontra-se a diferença. Tu, portanto, te tornaste semelhante a Deus na bondade, na longanimidade, na vida em comum, no amor ao próximo e aos irmãos, detestando o mal, dominando as paixões pecaminosas, a fim de teres o poder de mandar.

19. *"Dominem os peixes"* (Gn 1,26). Deus te concedeu domínio sobre os peixes irracionais; de igual maneira domina as paixões desordenadas. *"E dominem sobre as feras"* (cf. Gn 1,26). Dominas todas as feras. E, então, existem em mim animais selvagens? Aos milhares. Tens dentro de ti uma turba enorme de feras. Não consideres uma afronta esta palavra. A ira, quando ladra no teu coração, não é mais feroz do que um cão qualquer? A astúcia oculta numa alma pérfida não é mais feroz que o urso das cavernas? A hipocrisia não é uma fera? O injuriador ferino não é um escorpião? Aquele que às ocultas planeja vingança não é pior que uma víbora? O ambicioso não é um lobo rapace? Que espécie de feras não temos em nós? O apaixonado por mulheres não é um cavalo furioso? Diz a Escritura: *"São cavalos cevados, cada qual relincha pela mulher de seu próximo"* (Jr 5,8). Não declara: "Fala à mulher", mas: "Relincha". Foi rebaixado à natureza dos irracionais, por causa da paixão a que se entregou. Muitas, por conseguinte, são as feras que temos em nós. Na verdade, dominas as feras, se tens o domínio sobre as feras de fora, mas deixas reinarem as que tens dentro de ti? Serás deste número se dominas o leão por tua razão e desprezas seu rugido, mas ranges os dentes e soltas sons inarticulados quando a cólera interior procura irromper de uma só vez. Que haverá de pior do que o homem não conseguir manter-se no seu interior, vencido pela paixão, quando a ira expulsa a razão, apossando-se do governo da alma?

Efetivamente, foste criado para mandar. És o senhor das feras, das serpentes, das aves. Não alimentes cogitações no ar, não sejas leviano e instável em teus pensamentos. Foste escolhido para dominar as aves; seria ilógico se prendesses as aves exteriormente, enquanto tu és leviano e instável. Não te enchas de vaidade, e de orgulho, não nutras pensamentos que ultrapassam a natureza humana. Não te envaideças com os louvores, não te glorifiques, não te consideres importante. Do contrário,

serás ave instável, de natureza móvel, levada de cá para lá. Governa teus pensamentos, para te tornares senhor de todas as coisas. Assim, o poder que nos foi dado sobre seres vivos nos prepara para exercermos o domínio sobre nós mesmos. É inconveniente, de fato, governar os povos e ser dominado em sua própria casa, exercer publicamente a direção de uma cidade e dentro estares sob o poder de uma companheira. Importa pôr em ordem a organização de tua casa, e ter disposto em harmonia o teu interior, e depois assumir o governo dos outros. Pois, se em tua casa tens desordem e indisciplina, a expressão: *"Médico, cura-te a ti mesmo"* (Lc 4,23) será lançada contra ti por aqueles a quem deves governar. Curemo-nos, portanto, primeiro, a nós mesmos.

Ninguém é censurado por não ter capturado um leão. Mas aquele que não contém a ira é ridicularizado por todos. Desta forma, quem não vence a própria paixão, estará sujeito à condenação; ao invés, quem não tiver conseguido capturar animais selvagens, não parece ter cometido ação condenável.

20. O Senhor que providenciou que fossem gravadas as Escrituras, e concedeu-nos, apesar de nossa insignificante e fraca voz, falar-vos até aqui, e que, através de nosso fraco intelecto, vos transmitiu grandes tesouros sob algumas sombras da verdade, vos conceda, por pequenos meios, grandes bens, por algumas sementes, a perfeição da ciência. Outorgue-nos, a nós, o íntegro salário da obra que nos propusemos, e a vós, o fruto completo, o gozo das palavras de Deus. A ele, glória e poder pelos séculos dos séculos. Amém.

[1] "Vossa iniciação". A expressão indica o contexto litúrgico no qual participavam ouvintes catecúmenos que se iniciavam no conhecimento da doutrina cristã. Na*Homilia II,* 8, Basílio diz: "A assembleia aqui presente não aguarda uma *iniciação* sobre coisas maravilhosas, mas busca solução para questões atinentes à edificação espiritual".

[2] "Pequeno organismo". A origem da expressão se encontra em Aristóteles, *Física* 9,2 (microcosmo). O homem é a síntese do mundo material e do mundo espiritual. Daí o conhecimento admirável que se pode ter de Deus, conhecendo o homem. O nº 14 da Homilia II retoma essa ideia.

[3] Já em Fílon de Alexandria se encontra a *razão* como a causa da dominação sobre os animais e a expressão da *Imagem* de Deus no homem (*De opif. mundi,* 69). O dom da razão, segundo Basílio, é o que torna o homem superior a todos os tipos de animais.

[4] Nos números 8, 9, 10, Basílio se esforça por explicar em que consiste o domínio do homem sobre a natureza e os animais. Como Deus submeteu todas as coisas ao homem. Nisso está sua realeza, sua dignidade, seu poderio e superioridade.

[5] Depois de explorar o significado da "imagem", Basílio chama a atenção agora para o "duplo aspecto do mandamento do crescimento do homem, além da vida animal, o dom da razão". O crescimento do corpo é visto em função do parentesco com os animais.

[6] Até aqui o ouvinte ou o leitor estaria inclinado a pensar que, para Basílio, o uso correto da razão e o exercício empenhativo da vontade bastariam para tornar o homem imagem e semelhança de Deus. Contudo é necessária, indispensável, a recepção do batismo e empenho sério ao cristianismo, à imitação das obras de Cristo para que o homem se torne à semelhança do Criador.

[7] Basílio afirma que também a mulher foi criada à imagem e semelhança de Deus. A mulher é igual ao homem na natureza, nas virtudes, na honra, na recompensa e na condenação. Isso a torna um ser forte, resistente e capaz.

A ORIGEM DO HOMEM

SEGUNDA HOMILIA

1. O sábio Salomão, sábio não, porém, segundo *"a persuasiva linguagem da sabedoria"* humana (1Cor 2,4), e sim de acordo com os ensinamentos do Espírito Santo, ao exaltar o homem na passagem que acabamos de ler, exclama: "Grande é o homem, e coisa preciosa o homem misericordioso" (Pr 20,6). Quanto a mim, foi em vão que meditava sobre os conceitos que tinha em minha própria mente e os que aprendera da Escritura a respeito do homem. Raciocinava como pode ser grande o homem, este ser efêmero, sujeito a mil sofrimentos, que do nascimento à velhice passa por milhares de padecimentos, e do qual foi dito: *"Senhor, que é o homem para dele te tornares conhecido?*" (Sl 144,3). E se o salmista o menospreza, como insignificante, os Provérbios o exaltam como algo de grandioso.[1]

2. Mas a história das origens do homem, lida há pouco, soluciona-me este problema. Acabamos de ouvir que Deus tomou do "pó da terra" e "modelou o homem" (Gn 2,7). Nesta sentença encontro as duas afirmações, a saber, que o homem é nada e que é grande o homem. Se ponderas apenas a natureza, é nada e de nada é merecedor; se, porém, pensas na honra que lhe foi conferida, o homem é grande. Que honra é esta? "Deus disse: 'Faça-se a luz' " (Gn 1,3). Compara a origem do homem com a origem da luz. Para esta, disse Deus: "Faça-se o firmamento" (Gn 1,6). E estendeu-se o céu incomensurável acima de nossas cabeças por meio de uma palavra de Deus. As estrelas, o sol, a luz, e tudo o que contemplamos com nossos olhos e quanto apreendemos de grandezas lá no alto, foi feito por uma palavra. O mar e a terra e tudo o que os ornamenta, as espécies todas de animais, os diferentes vegetais em grande número, tudo isso foi pela palavra que se fez. Mas, que aconteceu ao homem? Deus não disse: "Faça-se o homem", da mesma forma que dissera: "Faça-se o firmamento". Mas notas no homem algo mais. A origem do homem acha-se acima da luz, acima do céu, além das estrelas, bem acima de todas as coisas. "Tomou o Senhor Deus". Ele se dignou plasmar nosso corpo com suas próprias mãos. Não ordenou a um anjo que o fizesse. Nem foi a terra que nos gerou espontaneamente, conforme acontece às cigarras. Nem mandou às potestades que lhe prestam serviço que fizessem isto e aquilo. Mas, com as próprias mãos — como um artista — pegou a terra. Se pensas no que ele pegou, que é o homem? Mas, se levas em conta aquele que o plasmou, como é importante o homem! Desta sorte, ele nada é, tomando-se em consideração a matéria de que foi feito, mas é grande por causa da honra que lhe foi outorgada.

3. *"E Deus tomou"* (Gn 2,7)**.** Como se explica que mais acima foi dito: "E Deus fez o homem" (Gn 1,27), e aqui novamente se fala da origem do homem? Como se nada soubéssemos sobre o homem, a história narra: *"E Deus tomou do pó da terra, e Deus modelou o homem"* (Gn 2,7). Alguns intérpretes explicaram que o termo "modelou" refere-se ao corpo, e a expressão "fez" é relativa à alma. Talvez esta interpretação seja exata. Pois, quando foi dito: "Deus criou o homem, à imagem de Deus ele o criou", foi usada a expressão: "criou"; mas, enfim, ao se referir à substância corporal, o termo empregado foi: "modelou". O salmista nos instrui a respeito da diferença entre criar e modelar nesses termos: *"Tuas mãos me fizeram e me modelaram"* (Sl 118,73 e Jó 10,8). Deus criou o homem interior e modelou-o exteriormente. De um lado, modelar convém à argila, de outro, criar é próprio de um ser feito à imagem. Assim, a carne foi modelada, mas a alma foi criada.

4. Deste modo, tendo tratado da substância da alma, agora a Escritura nos descreve a formação do corpo. Tal é o primeiro motivo. Qual o seguinte? Enquanto o primeiro texto narra o que se realizou "no começo", o segundo nos transmite o modo da realização. Mais acima foi escrito que Deus criou, aqui se descreve como ele criou. Se, porém, simplesmente dissesse a Escritura que ele fez, julgarias que criou de igual maneira como fez os rebanhos, os animais selvagens, as plantas, o feno. No intuito de evitares equiparar-te aos animais ferozes, a palavra divina te comunica qual a peculiar e artística habilidade de Deus para contigo. "Deus tomou do pó da terra" (Gn 2,7). Mais acima, foi dito que Deus criou; aqui, se descreve como criou. Tomou do pó da terra e plasmou com as próprias mãos. Pensa como foste modelado. Considera a oficina da qual saiu a tua natureza. Deus te tomou nas mãos. Modelado pelas mãos de Deus, não sejas manchado pela malícia, nem alterado pelo pecado. Não caias das mãos de Deus. És um vaso plasmado por Deus, feito por Deus. Glorifica teu criador. Não foste criado senão a fim de te tornares instrumento apropriado a dar glória a Deus. E todo o universo deve ser para ti como livro escrito para proclamar a glória de Deus. Anuncia-te a grandeza oculta e invisível de Deus, a ti que és dotado de espírito para conhecer a verdade. Guarda a lembrança de tudo o que foi dito.

5. *"Deus os abençoou e lhes disse: 'Crescei, multiplicai-vos, enchei a terra' "* (Gn 1,28). Duplo crescimento: um, o do corpo; outro, o da alma. Mas o progresso da alma se realiza através de novos conhecimentos, em vista de seu aperfeiçoamento; o do corpo é sua passagem de um tamanho pequenino a uma estatura conveniente. "Crescei", portanto, foi ordenado aos irracionais relativamente ao crescimento corporal, segundo a compleição física; quanto a nós, "crescei" refere-se ao homem interior, de acordo com o progresso em direção a Deus. Assim agia Paulo, tendendo para o que estava adiante, esquecido do que ficava para trás (cf. Fl 3,13). Aumentar os princípios especulativos, assumir a piedade, estender-se para os valores maiores consiste no seguinte: orientar-nos sempre em direção às coisas que são, deixar sempre o que ficou para trás, procurar em medida conveniente o que ainda falta à vida na piedade. Desta maneira agia Isaac, do qual a Escritura atesta que progrediu cada vez mais, até tornar-se grande (cf. Gn 26,13). Não se desviou, não permaneceu pequeno após o primeiro progresso. Ao invés, sempre ia avante, a grandes passos. Avançou através das obras da virtude; atravessou a grandes passos a temperança, alcançou a justiça e dali elevou-se até a fortaleza. Trilhando o caminho desta forma, o justo atinge as culminâncias do bem. "Crescei", portanto, com o crescimento segundo Deus, crescimento segundo o homem interior. "Multiplicai-vos". Esta bênção pertence à Igreja. A palavra de Deus não é circunscrita a um só lugar, mas seja anunciado o evangelho da salvação na terra inteira. "Multiplicai-vos". A quem se refere tal palavra? Aos nascidos segundo o evangelho. "Enchei a terra" (Gn 1,28). Enchei de boas obras o corpo que recebestes para prestar serviço. Os olhos se encham da visão dos deveres. A mão esteja repleta de boas obras. Os pés sirvam para visitares os doentes, prontos a partir para o cumprimento do dever. Todos os nossos membros, em seu conjunto, estejam repletos da prática das obras prescritas.

Tal é o significado da ordem: "Enchei a terra". Desta sorte, estas palavras se referem aos irracionais em geral; mas adquirem significado particular quando são empregadas para os seres que foram criados à imagem de Deus, como temos a honra de ter sido. Os animais, de fato, crescem corporalmente; quanto a nós, porém, crescemos espiritualmente; os animais enchem a terra pelo número, nós, contudo, fazemos crescer por atividades boas a terra a nós associada, quer dizer, os nossos serviços corporais.

6. *"Eu vos dou todas as árvores que produzem fruto: isso será vosso alimento"* (Gn 1,29). De nada descuide-se a Igreja; tudo é normativo. Deus não disse: "Dou-vos os peixes por alimento, dou-vos os rebanhos, os répteis, os quadrúpedes. Não foi para isso que ele os criou, conforme foi dito. Mas, a primeira legislação concedeu a utilização dos frutos; então éramos ainda considerados dignos do paraíso. E para ti, qual o mistério oculto nesses fatos? Segundo a Escritura, para nós, para os animais selvagens e para as aves, foram destinadas as frutas, as verduras e as ervas.[2] Elas vos servirão de alimento, a vós, e "a todas as feras da terra, a todas as aves do céu" (Gn 1,30). Entretanto, vemos que muitas feras não se nutrem de frutos. Que fruto aceita o leopardo? Qual o fruto que farte o leão? Todavia, esses animais, pela lei da natureza, alimentavam-se de frutos. Ora, depois que o homem mudou de alimentação, e ultrapassou os limites que lhe haviam sido impostos, após o dilúvio, o Senhor, conhecendo a prodigalidade dos homens, permitiu a utilização de todo alimento. "Para alimento, tudo isso eu vos dou, como vos dei as hortaliças" (Gn 9,3). De acordo com essa permissão, também os outros animais tiveram licença de comer carne. Desde então, pois, o leão é carnívoro, desde então as aves de rapina espreitam os cadáveres. As aves de rapina não espreitavam ainda a terra quando os animais eram criados. Nada ainda morrera do que Deus assinalara ou a que dera existência, para que as aves de rapina pudessem comer. Nem a natureza fizera distinções. Com efeito, era florescente. Nem os caçadores capturavam, pois os homens não tinham ainda este costume. Nem as feras dilaceravam, porque não eram carnívoras. O abutre tem o costume de se alimentar de corpos mortos; não havia mortos, nem cheiro fétido, nem tal era a comida dos abutres. Mas, todos comiam como os cisnes, e todos pastavam da erva dos campos. Vemos, às vezes, os cães mastigarem ervas como remédio, embora não seja esse seu alimento natural; mas isto assim sucede porque os irracionais por instinto natural procuram o que lhes convém; reflete que naquele tempo os animais carnívoros faziam o mesmo. Achavam que a erva era o alimento adequado para eles, e não se atacavam mutuamente.

7. Mas, no final, a restauração de todas as coisas será como era a primitiva origem. O homem, então, voltará ao estado primitivo, renunciando à malícia, a esta vida repleta de preocupações, à escravidão da alma por causa das necessidades da subsistência; tendo renunciado a tudo isso, retorna àquela vida paradisíaca, isenta da escravidão das paixões, livre, na amizade com Deus, semelhante à vida angélica. Entretanto, assim vos falamos, não no intuito de proibir alimentos, cuja utilização Deus vos concedeu, e sim para declararmos feliz a época passada, em que a vida era de certo modo livre de coações, visto que os homens precisavam de muito pouco para seu sustento; e que o pecado foi a causa da adoção de dieta variada. Uma vez que, devido à queda, perdemos as verdadeiras delícias do paraíso, arranjamos alimentos falsificados. Como não olhamos mais para a árvore da vida, nem nos orgulhamos de sua beleza, foi-nos concedido deliciar-nos com o produto do trabalho de cozinheiros e padeiros, com confeitos, aromas, e outras coisas semelhantes, que nos sirvam de consolo acerca do paraíso perdido. De igual modo, quando doença grave abate os enfermos, e eles não podem participar das delícias habituais, os médicos prometem-lhes perfumes e produtos análogos. Visto que perderam a capacidade de usar de alimentos mais fortes, os que fomentam a sensibilidade destes enfraquecidos, inventam meios adequados à sua fraqueza. No entanto, como agora queremos imitar a vida paradisíaca, evitando comprazermo-nos em fartos alimentos, comportemo-nos de modo tão semelhante quanto possível àquela vida; empreguemos para nossa subsistência, frutos, grãos, produtos de árvores frutíferas; renunciemos a quanto vai além disso, como

desnecessário. Também aquilo que o Criador não abomina, nem por isso é desejável, pelo prazer que pode acarretar à carne.

8. *"E no sétimo dia Deus descansou, depois de toda a obra que fizera"* (Gn 2,2). Afirmem, por conseguinte, os peritos em cálculos, e os que se aplicaram a tais estudos, considerando estes conhecimentos como algo de grande, que o número seis tem afinidade com a criação do mundo, é fértil, gera por si muitas figuras de números, e que também é perfeito em suas partes. Quem tiver tempo para tal, trate separadamente de todas as teorias que os aritméticos elaboram sobre o hexaedro. Afirmem também a respeito da semana que o número sete é de certa maneira estéril; com efeito, o número sete nada produz por si mesmo, nem é produzido por outro. E no intuito de evitar discutir tão vasta questão, e de fazer uma digressão, partirei para noções mais acessíveis. Se alguém, contudo, for perito nesse assunto, saiba que também nós temos em reserva o tesouro destes conhecimentos. Se a aritmética é grande ciência, existem igualmente aqui germens da aritmética. Nós, porém, se roubamos poucas noções de importantes obras sobre o assunto, não nos exaltamos por isso, julgando que esta ciência seja a sabedoria deste mundo, ou que dela se origine. Querendo demonstrar-lhes que não damos importância ao que eles se esforçam por descobrir, passamos em silêncio por tais problemas. Além disso, não é acessível a todos a sua teoria. A assembleia aqui presente não aguarda uma iniciação sobre coisas maravilhosas, mas busca solução para questões atinentes à edificação espiritual.

9. No entanto, o sétimo dia, isto é, o sábado, foi particularmente honrado. Os judeus estimam o número sete, que se encontra na festa dos Tabernáculos, das Trombetas, e no dia da Propiciação (cf. Lv 23,24-36; Nm 29,1). Honravam o sétimo ano, denominado ano da remissão (cf. Dt 1,1-3). Na época em que eles possuíam a terra da promissão, era-lhes lícito cultivar a terra durante seis anos; no sétimo, deviam bastar-lhes os produtos espontâneos (cf. Lv 25,2-5). Um hebreu podia ser escravo durante seis anos, mas no sétimo ano tornava-se liberto (cf. Ex 21,2). O cativeiro terminou para os hebreus no ano septuagésimo (cf. Jr 25,11-12; 29,10). Ora, cuidemos do que nos interessa. Diz a Escritura: "*Pois o justo cai sete vezes, e se levanta"* (Pr 24,16). Deste modo apropriamo-nos da semana. Enoc, o sétimo a contar do início, não experimentou a morte (cf. Gn 5,24). Mistério da Igreja! Moisés, o sétimo a contar de Abraão, recebeu a lei, a qual é mudança de vida, libertação da transgressão, introdução à justiça, vinda de Deus, ordem no mundo, promulgação dos mandamentos. Na septuagésima sétima geração, a contar de Adão, o Cristo apareceu (cf. Lc 3,23.88).

10. Pedro conhecia o mistério do número sete: *"Senhor, quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim? Até sete vezes?"* (Mt 18,21-2). Pedro sabia muito pouco sobre o mistério. Ainda não havia aprendido; com efeito, ainda era discípulo. *"Até sete vezes?"* O mestre não rejeitou o número sete. O discípulo falava conforme sabia. Mas o Senhor o superou largamente.

"Quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim?" Por que Pedro não perguntou: "Até seis vezes?", ou: "Até oito vezes?", e sim: "Até sete?". Qual o motivo por que o Senhor não replicou: "Até cem vezes cem", mas se refere a múltiplo de sete? Nem Pedro fez a pergunta com outro número, nem o Senhor saiu da regra do número sete. Pedro observou que a regra tradicional era antiga. O número septenário acentua a remissão dos pecados, o repouso final, de que é sinal o sábado, o sétimo dia desde a origem. Pedro refere-se a sete vezes, e o Senhor até a setenta vezes sete. Os pecados são castigados sete vezes. Não disse a Escritura: *"Quem matar Caim será vingado sete vezes"?* (Gn 4,15). Aqui não se trata também de oito, mas de sete. Qual a razão disso? Aguarda

um pouco e descobrirás o mistério. O primeiro pecado é vingado sete vezes. O segundo homicídio é o de Lamec. *"É que Caim é vingado sete vezes, mas Lamec, setenta vezes sete*" (Gn 4,24). Se, de um lado, o perdão para Pedro é sétuplo, conforme o castigo de Caim, a vênia, da parte do Senhor, vai até setenta vezes sete, como a condenação de Lamec atinge o número de setenta vezes sete. Por maior que seja o pecado, tão grande será a graça. Se a falta é leve, leve será igualmente o perdão. Aquele a quem pouco se perdoou, com efeito, ama pouco (Lc 7,27). *"Onde avultou o pecado, a graça superabundou"* (Rm 5,20). Onde se acha, então, o mistério? Chama-se oitavo dia a época do julgamento, em que o pecador será castigado sete vezes, e o que pecou de modo extraordinário, setenta vezes sete. O justo será honrado sete vezes e o justo por excelência setenta vezes sete. Agora, a bondade de Deus para com os homens nos deixa entrever os bens futuros através de enigmas, mas, no momento da manifestação do Senhor, a verdade será clara e evidente. Ela revelará qual o mérito de cada um. Sem dúvida, o Senhor nos concederá a nós pecadores sete vezes a remissão de nossas dívidas, se aqui na terra for aplacado por meio de nossa confissão e arrependimento. Assim, cientes de como aquele dia é terrível e de que é oferecida aos pecadores ocasião de solver seu débito, façamos previamente penitência, compensando adequadamente as faltas cometidas, e apaguemos nossos pecados, a fim de escaparmos de lá sofrer o peso insuportável de uma dívida acumulada. Digamos, pois, que tal será o sétimo dia correspondente ao oitavo da eterna consumação.

11. "Deus concluiu sua obra e descansou" (Gn 2,2). Naquele dia, já não haverá obras no mundo, nem casamentos, nem comércio, nem trabalhos agrícolas, mas toda a terra estará abalada, a criação inteira angustiada, o suor será inevitável, e até os justos terão a ansiedade de saber qual a sorte que os espera. Igualmente Abraão não estará temeroso então de ser condenado à geena, mas estará ansioso por saber em que fileira de justos será colocado, se na primeira, na segunda ou na terceira. O Senhor virá dos céus, e os céus se rasgarão, o poder de Deus se revelará, e toda a criação estremecerá. Quem estará, então, livre de temor? Nem os anjos.

Também eles haverão de comparecer, embora não tenham de prestar contas a Deus; entretanto, a aparição gloriosa de Deus incutirá temor a todos. Não ouves a palavra de Isaías: *"Oxalá que fendesses o céu e descesses; diante da tua face os montes se abalariam"?* (Is 63,19). Então o mar estará congelado, a criação ficará parada, a natureza morta. Todo o uso da palavra será ocioso, diante do evento que se revelará dos céus. Então os justos serão arrebatados, então as nuvens lhes servirão de carro, então no cortejo dos justos achar-se-ão os anjos, então os justos, quais estrelas, serão elevados da terra aos céus. Os pecadores, ao contrário, em cadeias e grilhões, devido ao peso dos pecados, resvalarão para baixo, por causa de sua consciência carregada. Aquele sétimo dia, com efeito, é figurado por este sétimo dia:

"Deus concluiu sua obra e descansou". Naquele dia não existirão mais as ocupações da vida presente. As paixões juvenis estarão adormecidas; não se contratará matrimônio; cessará o desejo de procriação de filhos; já não haverá solicitude acerca de lucros pecuniários. Tu, ó avaro, esquecer-te-ás de tua bolsa. Tu, ó latifundiário, não te lembrarás de terras. Da glória te esquecerás, ó ambicioso. Tais cogitações, todas elas, desvaneceram. A alma comparece diante daquele que a atemoriza, na expectativa de terríveis e iminentes acontecimentos. Com efeito, o temor expele pensamentos apaixonados que tinham direitos de cidade em nossas almas. Onde se instala o temor de Deus, todas as máculas das paixões de nossa mente são purificadas. Este sétimo dia, de fato, é o tipo daquele sétimo dia.

12. *"Deus tomou do pó da terra e modelou o homem"* (Gn 2,7). Ainda não está perfeitamente acabada a criação do cosmo. A sequência não foi cortada para se incluir a narrativa acerca do homem, mas foi dito: "Deus criou o homem, concluiu sua obra e descansou" (cf. Gn 1,2; 2,2). Após ter dito que ele repousou, informa-nos a Escritura sobre o modo como criou: "Deus tomou do pó da terra" (Gn 2,7). Ao ouvires a referência ao pó da terra, aprende a permanecer impávido. Não julgues o homem pela aparência externa. Por que haverás de te ensoberbeceres? Se surgirem em ti pensamentos que produzem tumores e inchaço em teu coração, recorda a criação, compenetra-te de como foste criado. "Deus tomou do pó da terra e modelou o homem" (Gn 2,7). Como é possível esquecer-te do que és? Tu te esqueces quando te afastas da terra. Se, porém, jamais te apartas da terra, mas continuas conatural a ela, caminhas sobre a terra, repousas sobre ela, és julgado sobre a terra. Em tudo o que fizeres sobre a terra, seja grande ou pequeno, conserva junto de ti o lembrete de tua pequenez. És irascível e violento? De onde te vem a ira? De falta de atenções? Não pudeste aceitar o comentário de tua ascendência humilde? Logo tiveste um assomo de cólera? Excita-te a emulação, para replicares em termos piores que aqueles que ouviste? Abaixa os olhos, e a cólera se acalma.

Contempla a terra e reflete. A Escritura declara que sou de humilde ascendência, que fui plasmado da terra. Alguém falou a meu respeito menos do que mereço pelo que sou; ele não afirmou que saí da terra, mas que sou originário de outro homem. Quanto mais não é merecedor de honra um homem possuidor de uma alma que a terra, que se calca aos pés! Eu, porém, considero a terra antiga como sendo minha mãe; e assim nascer de um escravo não se torna uma ofensa, mas é honroso o fato de ter nascido com uma alma. Quem pensava injuriar-me mais honrou-me involuntariamente do que me ultrajou. Quanto a mim, contudo, estou ciente de qual é minha natureza, sei o que sou e de onde vim. Desta forma, o fato de lembrar-nos de que saímos da terra não permite à cólera despertar. Seja uma aliada da razão a terra, sempre presente, qual lembrete.

13. Se corres, movido pela concupiscência, corres sobre a terra; lembra-te de onde provéns. Se pensas que te desfarás na terra, cessa a loucura da concupiscência. "Pois tu és pó e ao pó tornarás" (Gn 3,19). Lembra-te de que mais um pouco e esses membros que agora estão palpitantes, ou a atual concupiscência da carne, dentro em breve não existirão mais, pela dissolução dos membros, que na terra haverão de se decompor. Recorda-te de tua natureza, e os impulsos para o mal se dissolverão. Tal lembrança nos sirva de defesa contra todo pecado. "Deus modelou o homem do pó da terra". Ótima é a humildade, conatural a esta lembrança. Se a Escritura tivesse dito que Deus plasmou o homem, tomando alguma coisa do céu, quando olharíamos para lá, a fim de nos lembrarmos de nossa natureza? Está ao alcance de nossas mãos, encontra-se sob nossos passos o lembrete do nosso nada. Inclina-te para a terra, e torna-te ciente de que é de um elemento em afinidade com a terra, de algo de insignificante que há em ti, que foste plasmado. O que existe de mais desprezível? O que pode mais nos humilhar do que nós próprios? Viste acaso um homem soberbo, coberto de vestes floridas, tendo no dedo um anel com uma gema preciosa do mais alto preço e a envaidecer-se por isso? Está revestido de tecidos de seda, cercado de clientes, tem longos cabelos, e por acréscimo louros; anda com rapidez e afetação, tendo no pescoço colares de ouro, e senta-se em trono de prata. Orgulhoso no andar, no pensar, no falar diante da multidão dos clientes, dos aduladores que atrai, junto da mesa suntuosa, entre as saudações que todos lhe prodigalizam na praça, uns erguendo-se dos bancos, outros indo a seu encontro, outros acompanhando-o, outros como lictores? Ao contemplares tais chefes passarem, precedidos de um arauto de voz possante, e notares que a um atemorizam, a outro

torturam, a outro infligem requisição, a outro entregam à morte, não te assustes com o que vês, diante dessas ações não te intimidem aqueles que as ordenam. Tua imaginação não se alheie. Pensa que Deus plasmou o homem do pó da terra. Se ele é algo de diferente, teme; mas se é pó da terra, despreza-o.

14. *"Deus modelou o homem"*. Sob o termo: "modelou", não se subentenda logo uma espécie de arte da parte de Deus na criação do homem. "Deus plasmou". Terá plasmado à imitação dos oleiros, ou como os fundidores de bronze? Mas estátuas modeladas e objetos de gesso imitam superficialmente apenas. Observaste que as está- tuas representam certas atitudes. A estátua de um soldado demonstra bravura; o bronze, esculpido com uma figura feminina traduz a feminidade; ou ainda, quanto o permite a imitação na arte, acrescenta uma qualidade moral. A moldagem feita por Deus não é desta espécie. Ele plasmou o homem, e sua atividade criadora o organizou em profundidade, partindo do interior. Se dispusesse de tempo suficiente para te mostrar a estrutura do homem, aprenderias pelo conhecimento de ti mesmo a sabedoria de Deus ao te criar. Na verdade, o homem é uma miniatura do cosmo (microcosmo), e têm inteira razão os que o honram com tal designação. Quantos estudos se empregaram nesta questão! As fisiologias dos médicos, os manuais dos ginastas sobre a proporção ou a simetria dos membros entre si, ou a corpulência, tudo isso contribui para se conhecer como foi criado o homem. Onde encontrarei palavras tais para expressar com exatidão todo o conteúdo desta única palavra: "modelou"? Quanto ao que é acessível a todos, mesmo se o omito, tu o sabes.

15. Deus modelou o homem em posição ereta. Concedeu-te tal forma de escol entre os outros animais. Por que razão? Porque a força interna que te daria seria também privilegiada. Os outros são animais que pastam. Sua estrutura foi adaptada à finalidade de sua natureza. O rebanho foi feito para pastar, e tem a cabeça inclinada para o chão; olha para o ventre e para as partes do corpo que estão sob o ventre, porque o bem para eles consiste em saciar o estômago e no gozo do prazer. O homem, ao contrário, não olha para o ventre, mas tem a cabeça no alto, erguida, a fim de olhar para cima, como lhe é conatural. Seus olhos não se fixam no chão. Não procedas, portanto, de modo contrário a tua natureza. Não fixes o olhar nas coisas terrestres, e sim nas celestes, onde Cristo se encontra. Diz a Escritura: *"Se ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus"* (Cl 3,1). Assim foste plasmado. O próprio corpo que foi modelado é uma espécie de escola que te ensina para que finalidade foste criado. Nasceste para contemplar a Deus, e não a fim de que tua vida rasteje sobre a terra, nem para ter os prazeres animais, e sim para consumar a tua cidadania celeste. Por isso, diz o sábio Eclesiastes: *"O sábio tem olhos na cabeça"* (Ecl 2,14). Quem é que não tem os olhos na cabeça? Não é isso; mas "na cabeça" significa que se deve olhar para o alto. Ao invés, quem não olha para o alto, mas para as coisas terrestres, tem os olhos voltados para o chão.

16. Os olhos, com efeito, são arredondados. A cabeça está acima dos ombros, mas não enterrada neles, de sorte que não fica rebaixada. Mas encosta-se no pescoço, conveniente apoio. A cabeça está no alto, donde os dois olhos enxergam. Não me bastaria um olho só? No entanto, os dois olhos podem substituir-se mutuamente, de sorte que se um for perdido, o outro pode supri-lo. Além disso, a visão de um só olho seria mais fraca. Ao invés, o olhar que se origina de duas fontes é mais penetrante. Ao partir, a visão simultaneamente apóia-se nas narinas e sai unificada. À semelhança de um aqueduto, de cada olho, de cá e de lá, parte a visão. Mais adiante, converge e unifica-se. Unificando-se, fortifica-se. Como demonstrar que a visão se unifica? Ainda não verificaste como os

velhos não veem os objetos mais próximos? O motivo da fraqueza é que a visão dividida não percebe o que está próximo. Onde há convergência de visão, qual aluvião da vista, torna-se mais aguda a percepção do sensível. E qual é a proteção dos olhos? Um revestimento interno; e não é suficiente. Efetivamente, não podia ser espesso. Se fosse espesso, seria um véu diante dos olhos. Era, por conseguinte, conveniente que fosse diáfano e leve. Existe, pois, um revestimento transparente, e outro tênue, o cristalino e a córnea. O que se acha diante é mais forte, o de dentro é mais tenro para não impedir a passagem da luz. O terceiro é cristalino, a fim de ter ambas as qualidades: a visão e a transparência. As pálpebras servem de proteção, mas são também véu, cortina, morada e refúgio. Seria possível que a mão também protegesse o olho. Mas até que ela o alcançasse, a vista já estaria perdida. Com efeito, as pálpebras estão bem perto, estão colocadas em cima do olho. Logo que pressentem o perigo, oferecem proteção. Por isso também a pupila se acha sob um invólucro protetor; nem sempre é acessível. O olho quer ser o único dentre os nossos órgãos que, oculto sob a cortina das pálpebras, fica intacto.

Está cercado das pontas dos cílios. Por quê? Para que o entrosamento das pálpebras, superiores e inferiores, seja bem exato. Quais laços, os cílios se entrecruzam mutuamente. Além disso, expulsam para longe os insetos e impedem que a poeira se deposite na pupila, que pode perder a visibilidade de várias maneiras. Os cílios são peculiar guarda em torno de nós; ao mesmo tempo, tornam agradável a fisionomia, e são de grande utilidade. As sobrancelhas que dominam os olhos constituem saliência particular, e retificam a visão. Como se demonstra isso? Se queres olhar para longe, curvas a mão colocando-a sobre as sobrancelhas. Porque fazes assim? Para que os raios visuais que sobem não se dispersem, mas sejam reconduzidos sob a proteção da mão e projetados para a frente, tornando a visão retificada mais penetrante e aguda. A direção do olhar retifica-se com a projeção da mão. Ainda simultaneamente as sobrancelhas endireitam o olhar e impedem que o suor, a correr devido a qualquer esforço, desça sobre o olho e perturbe a visão. Por isso, as sobrancelhas formam uma barreira. Qual o vinhateiro que pode, como fez o Senhor com a muralha das sobrancelhas, construir tão cuidadosamente sua vinha, cercá-la de um talude para dificultar os ataques e impedir fácil acesso às torrentes em torno? Felizmente, ele traçou a linha das sobrancelhas, e colocou-as de cada lado do nariz desde um ponto de junção, a fim de que o suor que corre daqui e dali não atrapalhe o agricultor e ele, para enxugá-lo, não precise retirar a mão da vinha. Assim, corre o suor por seus próprios canais, pois o Criador, desde o começo, o canalizou para o eliminar, enquanto o olho pode exercer sua própria atividade.

17. Se quiséssemos falar apenas do que Deus, nosso artífice, empregou para nós, o dia inteiro não seria suficiente. Mas, por meio deste único exemplo, podeis ter uma ideia do todo. Nós, porém, temos pressa de começar uma viagem necessária. Acompanhai-nos com vossas orações, para que, em breve possamos voltar são e salvo, e solver o restante de nossa dívida, pela graça do Senhor, que dispôs tudo em nosso favor, ele que nos criou por sua graça. A ele glória, pelos séculos dos séculos. Amém.

[1] Basílio começa esta segunda homilia abordando o tema antigo e sempre atual da glória e miséria, grandeza e pequenez do homem. Olhando para aquilo do que é feito, o homem é miséria, é nada. Olhando, porém, para Aquele que o fez e como o fez, o homem é grande, digno, honrado, glorioso.

[2] Descreve o regime vegetariano dos seres vivos antes da falta do homem. Não havia desequilíbrio na natureza, nem morte, ninguém se alimentava de carne. Basílio recomenda a prática da alimentação vegetariana como forma de mortificação da carne.

INTRODUÇÃO AO TRATADO SOBRE O ESPÍRITO SANTO

1. *Origem e ocasião do livro*

Até o Concílio de Niceia, em 325, a reflexão cristã concentra-se quase exclusivamente em torno de Cristo: quem é ele em relação ao Pai e em relação a nós? Como conseguiu nossa redenção? É Deus igual ao Pai ou uma divindade de grau inferior? Tem realmente uma natureza divina e uma natureza humana?

Com a condenação do arianismo, que afirmava que Jesus era Deus, mas não da mesma natureza nem coeterno ao Pai, pelo Concílio de Niceia, e com o exílio dos mais ferrenhos defensores do arianismo, seguiram-se duas ou três décadas de trégua. Até então, nenhuma atenção fora dada à reflexão sobre a natureza do Espírito Santo.

Na aparente calmaria, pessoas influentes movimentavam as forças políticas fazendo retornar do exílio alguns chefes do arianismo, que crescia, desenvolvia-se e conquistava muitos adeptos. Reagindo contra este crescimento do arianismo, muitos bispos católicos orientais começaram, nas celebrações litúrgicas, a acentuar algumas características antiarianas, orando ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo em lugar de orarem ao Pai e ao Filho *no* Espírito Santo. Os cristãos ficavam atentos para ouvir como seus bispos iam pronunciar as palavras finais das doxologias. Conta-se que, em certa ocasião, o bispo Leôncio, simpático aos arianos, mas procurando não ofender os católicos, recitou tão baixo a doxologia, que ninguém pôde ouvi-lo. Para evitar confusões e polêmicas que poderiam acirrar ainda mais os ânimos, Basílio se calava sobre a consubstancialidade de natureza divina do Espírito Santo. Mas, pressionado pelas circunstâncias, não pôde ocultar por muito tempo sua opinião. Quando o fez, parece ter criado embaraço para a fé de muitos cristãos. Ele mesmo relata, no início do livro: "Há pouco, estava rezando com o povo. Glorificava a Deus Pai com ambas as formas da doxologia: ora *com* o Filho, *com* o Espírito Santo; ora *pelo* Filho, *no* Espírito Santo. Alguns dos presentes nos acusaram de empregar palavras estranhas e até contraditórias entre si" (1.3).

As acusações vinham também de outras partes. Um monge, conforme relata Gregório de Nazianzo, escreve a este último queixando-se da doutrina ambígua de Basílio sobre a identidade do Espírito Santo: "Tu, dirigindo-se a Gregório, tens afirmado em palavras claras que o Espírito é Deus. Em certa ocasião, no meio de uma grande multidão, falando da divindade do Espírito Santo, tu interrompeste teu discurso para gritar: Até quando esconderemos a luz sob o alqueire? Mas ele, Basílio, expõe confusamente a doutrina da fé…" (*Epist.* 58).

As perguntas começaram a surgir de todos os lados. Muitas questões eram levantadas. No meio de tantas vacilações e ambiguidades, surge o pedido muito insistente de seu caro amigo Anfilóquio: "Tu (Anfilóquio), porém, pensando antes no bem deles, ou ao menos, se o mal for inteiramente irremediável, para precaver seus companheiros, pediste um ensinamento bem claro sobre o alcance destas partículas (*com, no, pelo, por quem, de quem, em quem*) (1,3).

O livro sobre o Espírito Santo nasceu, portanto, por instigação de Anfilóquio, nos últimos meses de 374. Seu objetivo imediato, confessado, é responder às demandas de esclarecimentos do bispo de Icônio, Anfilóquio, sobre a doxologia "com o Espírito", em razão das graves acusações levantadas por parte dos adversários arianos contra Basílio. Uma carta enviada a Anfilóquio, que deve ser

datada pelos fins do ano de 375, indica que o livro já estava terminado: "O livro que escrevemos sobre o Espírito Santo está acabado, como tu o sabes. Mas os irmãos que estão comigo me impediram de o enviar escrito em papiros, dizendo ter recebido ordens de tua nobreza para escrevê-lo em pergaminho. A fim de não parecer ir contra tua ordem, nós o guardamos e o enviaremos em breve, se encontrarmos algum amigo para levá-lo" (*Epist.* 231).

Nota-se como, neste período, a discussão teológica se deslocou do Filho para o Espírito Santo, cujo desfecho será dado pelo Concílio de Constantinopla, dois anos após a morte de Basílio, em 381. Este Concílio proclamou a divindade do Espírito Santo, digno de receber a mesma honra e a mesma glória que o Pai e o Filho: "Senhor e doador de vida, que procede do Pai (e do Filho), que com o Pai e o Filho recebe uma mesma adoração e glória, e que falou pelos profetas" (Dz. 86-150).

2. *A situação da Igreja*

A situação psicológica de Basílio e do povo é aflitiva. O estado geral em que se encontra a Igreja e o episcopado quando escrevia o tratado sobre o Espírito Santo era deprimente: as armadilhas, as defecções, as perseguições, as divisões das dioceses, o estado de exploração e miséria em que vivia o povo, as lutas de toda espécie, tornavam o clima lúgubre. Pessoalmente, sua saúde se enfraquecia, a amargura o consumia. Confidenciou sua angústia a Atanásio nestes termos: "Toda a Igreja se dissolve, como numerosos navios em alto-mar vagando a esmo, batem-se uns contra os outros sob a violência das ondas. É um grande naufrágio cujo responsável é o mar em fúria e também a desordem dos navios, indo uns contra os outros, despedaçando-se mutuamente. Onde encontrar um piloto à altura da situação, que seja assaz digno de fé para despertar o Senhor, a fim de que ele ordene aos ventos e ao mar? (*Epist.* 82).

Para completar sua amargura, seu velho amigo, o grande asceta e bispo de Sebástia, Eustácio, torna-se o inspirador dos pneumatômacos, um movimento evangélico radical que negava a divindade do Espírito Santo. Na *Epístola* 123,5, Basílio se queixa por ele ter tomado esta atitude: "Quantas vezes não nos visitastes no mosteiro às margens do Íris, quando eu estava com o irmão muito amado de Deus, Gregório, que procurava realizar o mesmo ideal de vida que eu? Quantos dias passamos na vila do outro lado do rio, com minha mãe, ou como amigos nos entretendo mutuamente, discorrendo de dia e de noite?".

Para evitar ser perseguido, Eustácio tomou posição contra as decisões de Niceia, a favor dos arianos. Desse modo, o exílio dos bispos fiéis a Niceia, a perseguição dissimulada ou a mão armada, as acusações, a miséria generalizada, formam, agora, a trama de sua vida na qual foi escrito o livro sobre o Espírito Santo. É compreensível que tenha as marcas do combate, de uma dialética que procura aproveitar-se da fraqueza da posição adversária, para arruiná-la.

De um lado, os pneumatômacos negavam que se pudesse glorificar o Espírito Santo *com* o Pai e *com* o Filho. O Espírito, diziam, não vem senão em terceiro lugar na invocação batismal. Ele é, portanto, inferior ao Pai e ao Filho e não se pode atribuir-lhe a honra que lhe é dada em algumas igrejas. Ora, os seres da mesma honra são co-numerados enquanto se subnumeram aqueles cuja dignidade é menor. Deve-se, portanto, subnumerar o Espírito ao Filho e ao Pai, e glorificá-lo após o Pai e o Filho, e não *com* ou *junto do* Pai e do Filho.

Por outro lado, Macedônio, bispo de Constantinopla, para defender a unidade de Deus, afirmava que o Espírito Santo está subordinado ao Pai e ao Filho, negando, consequentemente, a divindade do

Espírito Santo. Segundo o historiador eclesiástico Sozomeno, para Macedônio, o Espírito Santo não tinha a mesma dignidade divina do Filho, sendo apenas um ministro, um intérprete, uma espécie de anjo a serviço de Deus (*HE* IV, 27).

3. *O primeiro tratado sobre o Espírito Santo*

A primeira menção de um debate sobre o Espírito Santo encontra-se na terceira carta de Atanásio ao bispo Serapião de Thmuis, por volta do ano 360. Até então, as ideias a respeito do Espírito Santo caracterizavam-se por incertezas. O próprio Concílio de Niceia afirmava a plena divindade e consubstancialidade do Filho, mas proclamava somente a fé "no Espírito Santo". Nenhuma palavra a respeito da natureza, da substância do Espírito Santo.

É neste escrito a Serapião que Atanásio desenvolve os argumentos negando que o Espírito seja tão-somente uma criatura do Logos, como diziam os macedonianos. Atanásio dizia que era preciso reconhecer também para o Espírito Santo a consubstancialidade com o Pai e com o Filho. O ponto de vista de Atanásio era o mais explícito, até esse momento, sobre o reconhecimento da divindade do Espírito Santo.

De fato, existiam dificuldades para a afirmação da consubstancialidade do Espírito com o Pai e com o Filho. Pareciam faltar testemunhos escriturísticos precisos nesse sentido e queria-se evitar que isso implicasse a noção de dupla divindade gerada (o Filho e o Espírito) ou de duplicidade de Pais (o Filho e o Pai). Além disso, os textos conciliares não definiam os termos empregados nas fórmulas do credo. As palavras-chave substância, natureza, pessoa, permaneciam suscetíveis de várias interpretações. Eusébio de Cesareia, antigo conselheiro eclesiástico de Lucinius, por exemplo, entendia o termo substância (*omooúsios*) no sentido genérico: aquilo que há de comum entre dois indivíduos. Já os partidários de Ósio, conselheiro teológico de Constantino, compreendiam o termo "da mesma substância" (*omooúsios*) como da mesma realidade individual. No Concílio de Niceia, por falta de unanimidade, o termo "consubstancial" (*omooúsios*) foi mantido e imposto pelo próprio imperador Constantino.

4. *A definição de Basílio*

Numa carta dirigida a seu irmão Gregório, bispo de Nissa, Basílio definira assim a substância (*ousía*) e a *hypóstasis:* a *ousía* é o que é comum aos indivíduos da mesma espécie, o que todos possuem igualmente e que faz com que lhes seja designado a todos com o mesmo vocábulo, sem distinguir a nenhum de modo particular. Porém, esta *ousía* não pode existir realmente senão na condição de ser completada pelos caracteres individualizantes que a determinam (*Epist.* 38, 1-3).

Na carta a Anfilóquio, Basílio desenvolve mais explicitamente o que ele entende pelos termos *ousía* e *hypóstasis*. O texto, um pouco longo, torna-se necessário nesta introdução: "Entre *ousía* e *hypóstasis,* há a mesma diferença que existe naquilo que é comum em relação ao que é individual, por exemplo, o animal em relação a tal homem. Por esta razão, a propósito da deidade, confessa-se, de uma parte, uma *ousía* única: assim não se presta conta diferentemente da essência; e, de outra parte, uma *hypóstasis* particularizada: com a finalidade de tornar sem mistura para nós e inteiramente límpida a noção de Pai e de Filho e de Espírito Santo. Porque, se não se consideram as características distintivas de cada um deles, tais como a paternidade e filiação e santificação, mas, a partir da noção comum da essência, se confessava Deus, se tornaria incapaz de dar conta

corretamente da fé. É preciso, pois, juntando o caráter próprio de cada um ao que é comum, confessar-se assim a fé: comum a deidade, própria a paternidade. Então, reunindo-os, que se diga: eu creio em Deus Pai. De novo, na confissão do Filho, que se faça o mesmo, ao comum juntando o próprio, e que se diga: em Deus Filho. E semelhantemente para o Espírito Santo, dando ao enunciado uma forma que respeita a ordem da expressão, que se diga: eu creio também no divino Espírito Santo. Assim, se salvará totalmente a unidade na confissão da única deidade e se confessará o caráter próprio das *prósopa* na distinção das propriedades reconhecidas para cada um. Quanto àqueles que dizem que *ousía* e *hupóstasis* são a mesma coisa, se encontram na obrigação de confessar somente as *prósopa,* e na sua recusa de dizer: três *hypóstaseis,* passam por não evitar o erro de Sabélio" *(Epist. 236)*.[1]

As discussões suscitadas pelos arianos e anomeus levaram Basílio a aprofundar a compreensão das três *hypóstasis*. Esse é o termo importante para ele. A *hypóstasis* une a *ousía* e o *prósopon*. Para ele, o *prósopon* seria o aspecto externo sob o qual aparece a *hypóstasis* característica de um ser, o "rosto" que ele tem. Dá-se-lhe um falso sentido quando, já naquela época, faziam os latinos traduzindo-o por "persona". No livro sobre o Espírito Santo, Basílio afirma que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três *hypóstasis,* cuja estrutura formal é a *ousía* e cujo rosto, cujo aspecto distintivo, é o *prósopon*. Assim Basílio distingue entre "essência" (*ousía*) e existência individual (*hypóstasis*) e conclui que as três *hypóstasis* são iguais na essência e distintas como individualidade. Assim, em Deus, o comum é a *ousía,* e particular, individualizante, é a *hypóstasis*.

Mas não pense o leitor ter em mãos um livro árido e entregar-se à leitura de uma disputa em torno de vocábulos, de preposições. O próprio autor tem consciência do possível engano do leitor, quando, no capítulo 2, põe-se a esclarecer sua tarefa e a justificá-la: "Bem longe de me envergonhar por causa da brevidade destas partículas, se conseguisse apreender apenas uma pequenina parte de seu valor, alegrar-me-ia como merecedor de grande aplauso, e diria ao irmão que conosco investiga não ser pequeno o lucro que daí retiraríamos".

Na verdade, não é sobre partículas, nem sobre tal ou tal vocábulo que Basílio se entrega a escrever seu tratado. Se ele se dedica à análise dos termos *com, em quem, para quem, por quem,* é porque por trás deles se esconde uma teologia, uma realidade cujo sentido e verdade são inteiramente de outra ordem.

Inspirado nas cartas de Santo Atanásio e Serapião de Thmuis, o tratado de Basílio sobre o Espírito Santo constitui a fonte por excelência da teologia trinitária. Sua obra tornou-se documento memorável, de primeiro valor, ao qual se deve voltar toda a vez que se quiser remontar às fontes da teologia do Espírito. Exerceu considerável influência para que os Padres conciliares chegassem à definição do símbolo de Constantinopla e decisivo, sem dúvida, para o desenvolvimento doutrinal posterior. Inspirou, por sua vez, muitos escritos na época patrística e nos séculos posteriores, sobre a caracterização do Espírito Santo no seio da Trindade.

Com a proclamação da divindade do Espírito Santo e de sua igualdade consubstancial com o Pai e com o Filho, dos quais procede, completou-se o terreno da ortodoxia nicena, católica.

[1] Erro de Sabélio: De origem cirenaica, foi para Roma, onde adotou o monarquismo ou modalismo: o Pai, o Filho e o Espírito Santo não são distintos, são três *modos*de Deus se manifestar. Excomungado pelo papa Calisto I, por volta de 217, ainda no Concílio de Constantinopla, em 381, foi lançada uma nova condenação aos sabelianos.

O texto desta carta se encontra em francês, no volume 17 bis da Sources Chrétiennes: *Basile de Césarée, Sur le Saint-Esprit,* p. 66.

A tradução é nossa, como também os textos de todas as Epístolas citadas nesta Introdução.

TRATADO SOBRE O ESPÍRITO SANTO

1. *Prefácio. Apurem-se até as mínimas parcelas da linguagem teológica*

1. Considero muito louvável teu empenho em aprender e tua aplicação ao trabalho. Causa-me extraordinário prazer não deixar tua mente firme e sóbria de ponderar palavra alguma das utilizadas nas exposições sobre Deus, caro amigo (*kefalé* = cabeça), querido entre todos, meu irmão Anfilóquio. Entendeste bem a exortação do Senhor: "Todo o que pede, recebe; o que busca, acha" (Lc 11,10). Tendo em vista a justeza de teu pedido, mesmo com o mais hesitante, a meu ver, poderias iniciar uma discussão. Mais admirável, porém, é o fato de não formulares perguntas, como acontece atualmente na maioria dos casos, para armar ciladas, e sim com o propósito de investigar a verdade. Facilmente aparecem os que nos espreitam e nos interrogam continuamente, mas é dificílimo encontrar uma alma desejosa do saber e que procura a verdade, a fim de curar a própria ignorância. Ora, como um laço de caçadores e uma emboscada de guerra, são ciladas ocultas, bem planejadas, essas perguntas de muitos, cuja intenção não é tirar proveito para si, mas, ao contrário, quando as respostas não correspondem a seus desejos, conseguir pretexto de ataque aparentemente justo.

2. Se até o estulto, quando interroga, passa por sábio (Pr 17,28), o que não há de merecer o ouvinte inteligente, pelo profeta assimilado ao "conselheiro maravilhoso" (Is 9,5)? É justo dar-lhe todo apoio, estimulá-lo, partilhar seu zelo, e vir em ajuda daquele que insta a irmos até o fim. Não ouvir superficialmente os termos teológicos, mas tentar descobrir o sentido oculto de cada palavra, de cada sílaba, não é próprio dos tíbios, e sim daqueles que conhecem a finalidade de nossa vocação, pois nos é proposto assemelharmo-nos a Deus, quanto possível à natureza humana. Todavia, não há semelhança sem conhecimento (*gnosis*), e este conhecimento se obtém por meio de ensino. Ora, o discurso, base de todo ensino, compõe-se de partes: sílabas e termos. Por isso, não é fora de propósito examinar as sílabas. Questões aparentemente insignificantes, mas nem por isso menos merecedoras de atenção. Ao contrário, visto ser difícil ir à caça da verdade, temos de investigá-la em todas as direções. Quer se trate das artes, quer da aquisição da piedade, em que lentamente se progride, nada negligenciem os que são introduzidos no conhecimento (*gnosis*), pois quem menosprezar os primeiros elementos, como sendo ínfimos, de modo algum atingirá a perfeição da sabedoria. O "sim" e o "não" não passam de duas sílabas. Mas estas pequeninas palavras muitas vezes abrangem tanto o maior dos bens, a verdade, quanto o último limite da maldade, a mentira. Mas, que digo? Basta um aceno com a cabeça, para testemunhar a Cristo, e já se considera cumprido o dever da piedade. Sendo assim, que termo teológico será pequeno demais para se tornar expressivo, ou inexato, inclinando o fiel da balança de um lado ou de outro? E se da Lei não haverá de passar nem um iota, nem um só traço sem se cumprir (Mt 5,18), poderia ser seguro transgredir até mesmo os menores mandamentos? Com efeito, estas partículas, das quais procuras obter de nós um exame atento, apesar de breves, são realmente grandes. Breves pela concisão com que se apresentam, e em consequência disso talvez menosprezáveis; grandes pela força de seu significado, conforme a figura do grão de mostarda, a menor de todas as sementes de hortaliças, mas que devidamente cresce, com o desabrochar de suas forças, quando cercada de convenientes cuidados. Se alguém se rir de nossa loquacidade — para falar como o salmo (Sl 118,85) — em torno de sílabas apenas, fique ciente de que deste riso colherá um fruto imprestável; nós, porém, não haveremos de abandonar a pesquisa, nem nos haveremos de dobrar diante da crítica dos homens, nem de desanimar em vista

deste desprezo. Bem longe de me envergonhar por causa da brevidade destas sílabas, se conseguisse apreender apenas uma pequenina parte de seu valor, alegrar-me-ia como merecedor de grande aplauso, e diria ao irmão que conosco investiga não ser pequeno o lucro que daí retiraríamos. Como verifico ser muito grande a contestação, embora se trate de pequenas palavras, não recuso o labor, na esperança da recompensa, considerando que para mim será frutuosa labuta, e para os ouvintes, de grande utilidade. Por isso, explicarei agora, auxiliado pelo mesmo Espírito, ser lícito dizer: "com" o Espírito Santo. E se te apraz que me ponha a caminho, volto um pouco atrás, ao início da questão.

3. Há pouco, estava rezando com o povo. Glorificava a Deus Pai com ambas as formas de doxologia: ora *com* o Filho, *com* o Espírito Santo; ora *pelo* Filho, *no* Espírito Santo.

Alguns dos presentes nos acusaram de empregar palavras estranhas e até contraditórias entre si. Tu, porém, pensando antes no bem deles, ou ao menos, se o mal for inteiramente irremediável, para premunir seus companheiros, pediste um ensinamento bem claro sobre o alcance destas sílabas. Seremos concisos, na medida do possível, quais pessoas já de acordo no ponto de partida.

2. *Base da tese dos hereges sobre as partículas*

4. Não é tão fácil, como parece, compreender as sutilezas destes hereges sobre sílabas e palavras. Não versam sobre erros insignificantes, mas revelam profundos e obscuros desígnios contra a piedade. Empenham-se por demonstrar não ser semelhante o enunciado dos nomes do Pai e do Filho e do Espírito Santo, a fim de extrair daí uma fácil demonstração da diferença das naturezas. Adotam um antigo sofisma, formulado por Aécio, o chefe de sua seita, que escreveu em certa passagem de suas cartas: "Os seres dessemelhantes por natureza são denominados de maneira diferente", e reciprocamente: "Os seres denominados de modo diferente diferem também quanto à natureza". E Aécio quer apoiar esta opinião no testemunho do Apóstolo: "Existe um só Deus, o Pai, de quem tudo procede, e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem tudo existe" (1Cor 8,6). Assim, segundo sua opinião, as naturezas significadas pelas palavras se relacionam mutuamente como as palavras entre si. Ora, a locução *de quem* é diferente da locução *por quem.* Por conseguinte, o Filho não é semelhante ao Pai. Desta afecção, com efeito, provém a loquacidade destes hereges sobre as mencionadas expressões. Daí vem que eles destinam a Deus Pai, como porção de escol, a expressão *de quem.* Determinam para Deus Filho a expressão *por quem*; quanto ao Espírito Santo, reservam-lhe a expressão *em quem.* E afirmam que de forma alguma o emprego destas partículas deve ser alterada, a fim de que, como já disse, a diferença das denominações revele simultaneamente a diversidade das naturezas. Mas, efetivamente, evidencia-se que esta sutil discussão de palavras serve apenas para manifestar a impiedade da doutrina. Pela locução *de quem* querem assinalar o Artífice (demiurgo); com a expressão *por quem* indicam um auxiliar ou instrumento; pelos termos *em quem* determinariam tempo ou lugar. Com isso, pretendem que se conceba o Artífice do universo apenas como um instrumento e se evidencie que o Espírito Santo nada acrescenta aos seres, a não ser as circunstâncias de espaço e de tempo.

3. *A tecnologia das partículas se origina da sabedoria profana*

5. Efetivamente, estes hereges foram induzidos em erro, devido a uma tese de pensadores "de fora".

Estes atribuem a seres de diferente natureza os termos *de quem* e *por quem.* Segundo eles, *de quem* indicaria a matéria; quanto à locução *por quem,* representaria um instrumento, ou de modo geral, qualquer auxílio. Ou antes (Que nos impede, depois de ter apreendido o conjunto de seus ensinamentos, rapidamente convencer a estes homens de incoerência perante a verdade e de desacordo em relação àqueles filósofos?), os que empregaram seu tempo em estudar a vã filosofia, expõem de várias formas a natureza das causas, que classificam em várias espécies. Umas são denominadas causas "principiadoras", outras chamam-se "causas de manutenção" ou "cooperadoras", outras ainda, "necessárias". De cada qual, porém, delimita-se a peculiaridade e a expressão. Assim, de um modo se assinala o artífice e de outro, o instrumento. Ao artífice, julgam eles, convém a locução *por quem.* Diz-se, com razão, de um banco, que foi feito *por* marceneiro. Ao instrumento convêm os termos *por meio de quem,* pois, dizem eles, o objeto foi feito por meio do machado, da verruma etc. De modo semelhante, eles atribuem os termos *de quem* à matéria. O objeto manufaturado é *de* madeira. Os termos *segundo o qual* referem-no ao projeto, o modelo proposto ao artífice. Ora, ou ele previamente esboçou na mente o objeto, e depois fê-lo passar da imaginação à obra concreta; ou considera o modelo que tem sob os olhos, e trabalha de acordo com a aparência deste modelo. A expressão *para quem*, referem-na ao fim. O banco foi feito *para* a utilidade dos homens. Os termos *em que* assinala o tempo ou o espaço. Quando foi feito? *Naquele* tempo. E onde foi feito? *Naquele* lugar. Embora essas circunstâncias nada acrescentem aos fatos, sem elas nada é possível. Tempo e lugar são indispensáveis para qualquer ação. Tendo aprendido e admirado tais opiniões, observações vãs e ilusões fúteis, eles querem introduzi-las na doutrina simples e sem artifícios sobre o Espírito, visando a depreciar o Verbo de Deus e rejeitar o Espírito Santo. Os vocábulos que os sábios "de fora" aplicam aos instrumentos inanimados, ou os termos com que assinalam um serviço subalterno e em extremo humilhante, isto é, *por quem,* eles não hesitam empregá-los relativamente ao Senhor do universo, e não se envergonham esses cristãos de atribuir ao Artífice da criação uma expressão usada para a serra ou o martelo.

4. *O uso dessas partículas na Escritura não acarreta distinções*

6. Confessamos que a Palavra da Verdade emprega com frequência estas expressões. Não quer isso dizer que a liberdade do Espírito esteja totalmente a serviço das mesquinharias dos filósofos "de fora", mas sempre conforme as circunstâncias e de acordo com a necessidade, muda as expressões. *De que,* por exemplo, nem sempre designa a matéria, conforme opinam aqueles filósofos. Ao contrário, é mais usual na Escritura tomar estas palavras para assinalar a causa suprema. Assim, nesse trecho: "Um só Deus, *de quem* tudo procede" (1Cor 8,6), e em outro lugar: "Tudo vem *de* Deus" (1Cor 11,12). A Palavra da Verdade, de fato, emprega tal locução muitas vezes referindo-se à matéria, por exemplo: "Faze uma arca *de* madeira incorruptível" (Gn 6,14), "Farás um candelabro *de* ouro puro" (Ex 25,31), "O primeiro homem, tirado *da* terra, é terrestre" (1Cor 15,47) e ainda: "Também eu fui modelado *de* argila" (Jó 33,6). Mas, os hereges, como dissemos, para marcar uma diferença de natureza, determinaram que esta palavra convém apenas ao Pai. Adotaram os princípios das teses dos filósofos "de fora", mas não se prenderam a todas as suas minúcias. Seguiram as normas deles, quando ao Filho atribuíram a função de *instrumento*, e ao Espírito a de *lugar.* De fato, eles dizem *no* Espírito e *pelo* Filho. Ao designarem para Deus os termos *de quem*, afirmam eles, já não se acham de acordo com os estranhos, porém se adaptam aos usos "apostólicos", segundo a

palavra: "É *dele* que vós sois em Cristo Jesus" (1Cor 1,30). E: "Tudo vem *de* Deus" (1Cor 11,12). Qual a conclusão a que se chega com toda essa tecnologia? À conclusão de que uma é a natureza da causa, outra a do instrumento, outra a do lugar. Por conseguinte, o Filho seria, segundo a natureza, diferente do Pai, porque o instrumento difere do artífice; diferente também o Espírito, porque espaço e tempo são distintos por natureza dos instrumentos e daqueles que os manipulam.

5. *Atribui-se também ao Pai a expressão* por quem, *e ao Fi-lho,* de quem. *As duas se referem igualmente ao Espírito*

7. Acima encontram-se as teorias deles. Quanto a nós, vamos demonstrar o que acabamos de afirmar, a saber, que nem o Pai toma para si a expressão *de quem*, atirando para o Filho os termos *por quem*, nem o Filho, por sua vez, recusa ao Espírito Santo a participação nos termos *de quem* ou *por quem*, conforme as normas por eles estabelecidas e a nova distribuição que determinam. "Existe um só Deus, o Pai, *de quem* tudo procede, e um só Senhor, Jesus Cristo, *por quem* são todas as coisas" (1Cor 8,6). Não se trata de palavras de legislador, mas de alguém que discerne as hipóstases, após exame atento. O Apóstolo não se expressa deste modo, visando a introduzir diferença de natureza, e sim estabelecer com nitidez os conceitos de Pai e de Filho. Pois esses termos não são opostos entre si, nem se comportam com as naturezas a que se referem, à maneira como na guerra alguns se destacam diante da frente inimiga, a fim de se incitarem mutuamente ao combate. Evidencia-se isso da seguinte maneira. São Paulo reuniu ambas as noções sob um só e mesmo sujeito, ao dizer: "Tudo é *dele, por* ele e *para* ele" (Rm 11,36). Sem dúvida, atribui-se ao Senhor esta passagem, como pode afirmar quem der um pouco de atenção ao sentido da frase. Efetivamente, depois de ter citado um trecho do profeta Isaías: "Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem se tornou seu conselheiro?" (Rm 11,34. Cf. Is 40,13), o Apóstolo acrescenta: "Porque tudo é *dele, por* ele e *para* ele". Do contexto se depreende que o profeta trata do Verbo de Deus, o Demiurgo de toda a criação: "Quem pôde medir as águas do mar na cavidade da mão? Quem conseguiu avaliar a extensão dos céus a palmos, medir o pó da terra com o alqueire e pesar os montes na balança e os outeiros nos seus pratos? Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem se tornou seu conselheiro?". Este pronome interrogativo: "quem" não aponta para uma ação absolutamente impossível, e sim evidentemente rara, como nesse texto: "Quem se levanta por mim contra os maus?" (Sl 93,16). E nesse outro: "Qual o homem que deseja a vida?" (Sl 33,13). E ainda: "Quem pode subir à montanha do Senhor?" (Sl 23,3). De igual modo, acontece na mencionada passagem: "Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem se tornou seu conselheiro?" "Porque o Pai ama o Filho e lhe revela tudo o que faz" (Jo 5,20). Ele é que sustenta a terra e a mantém firmemente nas mãos. Ele tudo organizou e dispôs em bela ordem o universo; equilibrou os montes, estabeleceu medida para as águas, pôs no devido lugar tudo o que o cosmo contém. Bastou-lhe pequena parte de seu poder, que o profeta simbolicamente chama de "palmo", para abranger o céu inteiro. Consequentemente, foi com exatidão que o Apóstolo empregou as expressões: "Tudo é *dele, por* ele *e para* ele". *Dele,* porque segundo a vontade de Deus Pai, dele provém para os seres a razão de existirem. *Por* ele, porque dele se originam para todos a permanência e a estabilidade. Ele tudo criou e concede a cada criatura em larga medida aquilo de que necessita para a salvação. Por isso, também, *para* ele tendem os seres todos. Com desejo irreprimível e inefável amor, dirigem o olhar para o chefe e doador da vida, conforme está escrito: "Em ti esperam os olhos de todos" (Sl 144,15),

"abres a mão" e cumulas todo ser vivo com tua benevolência (Sl 144,16).

8. Se os adversários se erguem contra a nossa interpretação, que raciocínio os livrará de cair abertamente em contradição, contra si mesmos? Pois se não concedem que as três expressões, *dele, por* ele *e para* ele, se aplicam ao Senhor, necessariamente terão de atribuí-las a Deus Pai. Daí resulta claramente que sua tese cairá por si. Efetivamente, seria atribuível ao Pai não somente *de quem,* mas ainda *por quem*. Se, porém, essas últimas partículas nada incluem de humilhante, como reservá-las ao Filho, assinalando inferioridade? Se, contudo, designam em geral um serviço, que eles nos respondam: De que chefe (archonte) seria servo o Deus da glória, pai de Cristo? Assim, eles se voltam contra si mesmos, enquanto nós, de ambos os lados, mantemo-nos em posição melhor. Se eles, porém, tiverem de se convencer de que a passagem trata do Filho, terão de aceitar igualmente que *de quem* adapta-se ao Filho. Mas, se alguém se empenha por atribuir a Deus a palavra do profeta, terá de conceder que convém a Deus a locução *de quem* e os dois termos serão igualmente dignos, porque também se aplicam a Deus. Assim comparados, ambos se mostram de igual dignidade, uma vez que atribuídos a uma só e mesma pessoa. Mas, retomemos a exposição que nos propusemos fazer.

9. O Apóstolo se dirige aos efésios nestes termos: "Mas, seguindo a verdade em amor, cresceremos em tudo em direção àquele que é a Cabeça, Cristo; é *dele* que o corpo, em sua inteireza, bem ajustado e unido por meio de toda junta e ligadura, com a operação harmoniosa de cada uma das suas partes, realiza o seu crescimento" (Ef 4,15-16). Novamente, na carta aos Colossenses diz aos que não possuem o conhecimento do Filho Unigênito: "O que apreende a Cabeça, *de quem* todo o corpo, alimentado e coeso pelas juntas e ligamentos, realiza o seu crescimento em Deus" (Cl 2,19). Aprendemos noutro lugar ser Cristo Cabeça da Igreja, segundo as palavras do Apóstolo: "E ele o pôs acima de tudo, como Cabeça da Igreja" (Ef 1,22), e ainda: "Pois *de* sua plenitude todos nós recebemos" (Jo 1,16). Afirma também o próprio Senhor: "Receberá *do* que é meu e vos anunciará" (Jo 16,14). E de modo geral, se alguém quiser se dar ao trabalho de recolher os textos onde se utiliza a locução *de quem,* verificará como são numerosos. Ora, o próprio Senhor diz: "Eu senti que uma força saía *de* mim" (Lc 8,46). Observamos também que em muitas passagens *de quem* se aplica ao Espírito. "Quem semear no Espírito, *do* Espírito colherá a vida eterna" (Gl 6,8). E João: "Nisto reconhecemos que ele permanece em nós, por causa *do* Espírito que nos deu" (1Jo 3,24). Também disse o anjo: "Pois o que nela foi gerado vem *do* Espírito Santo" (Mt 1,20). Igualmente afirma o Senhor: "O que nasceu *do* Espírito é espírito" (Jo 3,6). Efetivamente, assim é.

10. Relativamente aos termos *por quem*, a Escritura o adota de igual modo para o Pai, e o Filho e o Espírito Santo. Vamos comprová-lo. Quanto à sua atribuição ao Filho, ocioso seria apresentar provas, pois é fato por demais conhecido e também os adversários as utilizam. Nós, porém, queremos mostrar que a expressão é também usada em relação ao Pai. Diz o Apóstolo: "É fiel o Deus *por quem* fostes chamados à comunhão com o seu Filho" (1Cor 1,9). E: "Paulo, apóstolo de Cristo Jesus *pela* vontade de Deus" (2Cor 1,1). E ainda: "De modo que já não és escravo, mas filho. E se és filho, és também herdeiro, *por* graça de Deus" (Gl 4,7). Igualmente: "como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, *pela* glória do Pai" (Rm 6,4). Isaías também declara: "Ai dos que elaboram seus planos profundamente, mas não *por* meio do Senhor" (Is 29,15). É possível mencionar muitos testemunhos do emprego desta preposição relativamente ao Espírito. "A nós, porém, Deus o revelou *pelo* Espírito" (1Cor 2,10). E em outra passagem: "Guarda o bom depósito, *por* meio do Espírito Santo" (2Tm 1,14). E ainda: "A um *pelo* Espírito é dada a mensagem da sabedoria" (1Cor

12,8).

11. Podemos dizer o mesmo da sílaba *em*, que a Escritura utiliza em referência a Deus Pai. No Antigo Testamento, encontram-se, por exemplo: "*Em* Deus nós faremos proezas" (Sl 107,14), diz o salmista; "*Em* ti está continuamente o meu louvor" (Sl 71,6); e ainda: "*Em* teu nome exultarei de alegria". Em São Paulo, porém: "*Em* Deus, criador de todas as coisas" (Ef 3,9); "Paulo, Silvano e Timóteo à Igreja de Tessalônica, *em* Deus Pai" (2Ts 1,1); "pedindo que, de algum modo, *no* beneplácito de Deus, se me apresente uma oportunidade de ir ter convosco" (Rm 1,10); "tu te glorias *em* Deus" (Rm 2,17). E tantas outras passagens que seria difícil enumerar. Não temos o propósito de exibir uma multidão de testemunhos, mas de denunciar que sadias não se mostram as teses deles. Omitirei, como bem conhecida, a demonstração de que a expressão assinala o Senhor ou o Espírito Santo. O ouvinte inteligente, porém, não é ocioso afirmá-lo, julgará refutação suficiente das proposições deles, o argumento a que se chegou por contraste. Com efeito, se diferença de expressão assinala mudança de natureza, segundo opinam, devem agora eles conceder, cheios de confusão, que identidade de termos designa imutabilidade de essência.

12. Não é apenas ao se referir a Deus que se usam tais palavras umas pelas outras, mas ainda em coisas cujo significado se relacionam mutuamente, quando uma toma o sentido da outra, frequentemente essas palavras são permutáveis. Assim: "Adquiri um homem, *por* intermédio de Deus" (Gn 4,1), disse Adão, isto é, recebi *de* Deus. E em outro trecho: "Todas as coisas que Moisés ordenou ao povo de Israel *por* ordem do Senhor". E em outra passagem: "Não é *por* Deus que vem a interpretação?" (Gn 40,8). José, ao tratar de sonhos com os cativos, afirma claramente que a interpretação vem *por* Deus, em vez de dizer: *de* Deus. Ao invés, Paulo emprega *de* em lugar de *por*, como no seguinte texto: "Nascido *de* mulher" (Gl 4,4), em lugar de *por* mulher. Ora, ele o explica com clareza em outro lugar, quando diz que a mulher é que nasce do homem e que ao homem cabe, por sua vez, nascer *pela* mulher, ao afirmar: "Pois, se a mulher foi tirada *do* homem, o homem nasce *por meio* da mulher" (1Cor 11,12). Mas igualmente aqui Paulo revela a diferença no uso desta expressão e ao mesmo tempo corrige de passagem o erro dos que julgam que o corpo do Senhor era um corpo espiritual. Quer mostrar que a carne deificada provém da massa humana, e por isso preferiu o termo mais expressivo. A locução *por* uma mulher podia dar a impressão de uma geração transitória; ao contrário, dizendo "*de* uma mulher", assinala convenientemente a comunhão de natureza entre o filho e a genitora. Não há contradição. O Apóstolo mostra que as partículas podem com facilidade substituir-se mutuamente. Se, de fato, diante de nomes que normalmente tomam a preposição *por* pode-se empregar em seu lugar *de*, que razão teríamos para modificar a exposição da fé, distinguindo inteiramente essas palavras, uma da outra?

6. *Réplica àqueles que afirmam não ser o Filho* com *o Pai, mas* depois *do Pai. Opinião a respeito da igualdade em honra (homótimos)*

13. Efetivamente, não se podem refugiar sob um pretexto de ignorância aqueles que tomam a palavra com tanta arte e malícia. Atacam-nos abertamente por louvarmos o Unigênito *com* o Pai, sem do Filho separarmos o Espírito Santo. Que nomes injuriosos não nos dão esses fautores de novidades, inovadores, inventores de palavras? Bem longe de me encolerizar por essas injúrias, se não fosse a tristeza e a dor incessantes causadas pelo mal com que se prejudicam a si mesmos, quase diria ser-

lhes grato pela calúnia, enquanto nos proporcionam realizar a bem-aventurança: "Bem-aventurados sois, diz o Senhor, quando vos injuriarem por causa de mim" (Mt 5,11). É o seguinte que excita sua cólera: Dizem eles não ser o Filho *com* o Pai, e sim *depois* do Pai. Por conseguinte, deve-se glorificar o Pai *por* ele, e não *com* ele. A expressão *com* ele, evidentemente, assinala honra igual; quanto à locução *por* ele, ao invés, introduz a noção de serviço. Não se deve, portanto, dizem eles, pôr o Espírito Santo na mesma linha com o Pai e o Filho, mas sob o Filho e o Pai, não em coordenação, mas em subordinação; nem enumerá-lo com eles, e sim abaixo deles. Por meio de tais tecnologias de palavras, eles falsificam a simplicidade e espontaneidade da fé. Como, então, poderiam defender-se sob pretexto de ignorância, se eles, em litígio, recusam aos outros desculparem-se por inexperiência?

14. Quanto a nós, interroguemo-los em que sentido afirmam que o Filho vem *depois* do Pai. Seria posterior relativamente ao tempo, ou pela posição que ocupa, ou em dignidade? Mas, quanto ao tempo, quem será tão estulto que afirme ser posterior temporalmente aquele que fez os séculos? Intervalo algum interrompe a continuidade natural entre o Pai e o Filho. Ora, o conceito comum de paternidade entre os homens não implica que o Filho seja mais jovem que o Pai, não somente porque são conhecidos pela relação mútua, mas porque se chama "segundo" cronologicamente o que está mais próximo do presente, e ainda "primeiro" o que se acha mais distante. A história de Noé, por exemplo, é anterior à de Sodoma, por ser mais distante do tempo atual, e esta é posterior, por parecer mais próxima. Não seria impiedade e o cúmulo da loucura querer medir a existência e a vida que ultrapassam todos os tempos e todos os séculos pela distância que as separam do presente? Também se Deus Pai, comparado a Deus Filho, que existe antes de todos os séculos, o superasse, de igual maneira que os seres sujeitos ao nascimento e à corrupção são denominados "anteriores" uns aos outros. Além disso, é impensável a superioridade do Pai, visto que a geração do Senhor não se abrange, nem por pensamentos, nem por conceitos. João, em duas palavras delimitou perfeitamente o âmbito do entendimento, dizendo: "No princípio era o Verbo" (Jo 1,1). A inteligência, efetivamente, não pode ir além deste "era"; menos ainda a imaginação ultrapassar este "princípio". De fato, por mais que subas com o pensamento, não superas este "era". E por mais que te esforces por ver o que está além do Filho, não ultrapassarás o "princípio". De acordo com esta exposição, seria conforme à piedade pensar no Filho simultaneamente com o Pai.

15. Mas se eles pensam numa espécie de rebaixamento em lugar inferior, do Filho relativamente ao Pai, de sorte que o Pai estaria sentado nas alturas, enquanto o Filho seria posto mais abaixo, que o declarem e nós nos calaremos, pois o absurdo seria evidente por si mesmo. Ora, eles não chegam à conclusão lógica de seus raciocínios, pois não podem conceder ao Pai estender-se por toda a parte, enquanto as mentes sadias acreditam que Deus tudo enche. Aqueles que distribuem o "alto" e o "baixo" entre o Pai e o Filho, não se lembram da palavra do profeta: "Se subo aos céus, tu lá estás; se desço ao Hades, aí te encontro" (Sl 139,8). Ora, mesmo passando em silêncio a prova de sua imperícia, ao destinarem um lugar aos seres incorpóreos, como apaziguar a guerra que fazem às Escrituras, eliminar a contradição tão impudente que opõem a esses trechos: "Senta-te à minha direita" (Sl 110,1), e ainda: "Sentou-se à direita da Majestade de Deus" (Hb 1,3)? "Direita" não significa um lugar abaixo (conforme eles asseguram), mas uma relação de igualdade. Não deve ser entendida materialmente, porque então Deus teria também uma esquerda, mas no sentido da honra de sentar-se ao lado de alguém. É deste modo que a Escritura se refere à grandeza da majestade do

Filho. Resta ainda, na opinião deles, que esta palavra indicaria uma dignidade inferior. Aprendam, então, que Cristo é o Poder de Deus, a Sabedoria de Deus, a Imagem do Deus invisível, a irradiação de sua glória e que Deus Pai o marcou com seu selo, gravando-se por inteiro nele. Sobre esses testemunhos, e tantos outros da mesma espécie, encontrados na Escritura inteira, diremos que são humilhantes, ou ao invés que anunciam, como que oficialmente, o esplendor do Filho Unigênito e sua igualdade na glória com o Pai? Ouçam como o próprio Senhor apresenta claramente a identidade de sua glória com a do Pai, quando afirma: "Quem me viu, viu o Pai" (Jo 14,9). E ainda: "Quando o Filho vier na glória do seu Pai" (Mc 8,38). E: "A fim de que todos honrem o Filho, como honram o Pai" (Jo 5,23). Ainda: "Vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai" (Jo 1,14). "O Filho Unigênito, que está no seio do Pai" (Jo 1,18). Sem levar em consideração qualquer desses trechos, eles impõem ao Filho o lugar destinado aos inimigos. Efetivamente, o seio paterno é conveniente cátedra para o Filho, enquanto o lugar do escabelo pertence aos que hão de ser subjugados. Quanto a nós, tendo em vista outras metas, tocamos ligeiramente em alguns testemunhos; tu, porém, conforme o tempo de que dispões, poderás reunir provas, a fim de ter uma noção clara da grandeza da glória e da superabundância do poder do Unigênito. Um ouvinte prudente logo percebe não estarmos tratando de coisas pequenas. Contanto que não se entenda de modo carnal e humilhante os termos "direita"e "seio", a ponto de circunscrever a Deus num só lugar e imaginar que ele tem forma, figura e posição corporal. Seria distanciar-se muito da noção de um ser simples, infinito e incorpóreo. Aliás, tal noção humilhante atingiria tanto o Pai quanto o Filho. Por isso, quem assim opina, ao invés de diminuir a dignidade do Filho, é incriminado de blasfêmia contra Deus. É forçado a transferir para o Pai o que ousou lançar contra o filho. De fato, quem atribui ao Pai um trono na região do "alto", assegurando que o Filho Unigênito está sentado "abaixo", terá de aceitar uma série de consequências corporais de suas ficções. E se estas são ilusões de beberrões e de loucos, como poderia ser segundo a piedade, não adorar e glorificar *com* o Pai aquele que lhe está unido pela natureza, pela glória e pela dignidade, se ele mesmo nos ensina: "Quem não honra o Filho não honra o Pai?" (Jo 5,23). Mas, que diremos? Que defesa adequada teremos perante o temível e comum tribunal onde comparecerão todas as criaturas, se apesar de ter o Senhor manifestamente prometido vir na glória do Pai, e de Estêvão ter visto Jesus de pé à direita de Deus, e de Paulo ter atestado no Espírito acerca de Cristo, que ele está à direita de Deus, e embora tenha dito o Pai: "Senta-te à minha direita" (Sl 110,1), e o Espírito Santo ter testemunhado que ele está sentado à direita da majestade de Deus, procuremos colocar numa posição inferior aquele que possui igual trono, igual honra, devido à igualdade com o Pai e o Filho? A meu ver, as posições de pé e sentado demonstram a firmeza e a perfeita estabilidade da natureza, como também diz Baruc, acentuando a imobilidade e a imutabilidade da vida divina: "Tu, sim, permaneces eternamente em teu trono; enquanto nós, para sempre estamos perdidos" (Br 3,3). Quanto à expressão "à direita", evidentemente indica igual honra e dignidade. Como, então, não seria ousado excluir o Filho da participação no louvor, como sendo merecedor de lugar menos honroso?

7. *Contra aqueles que afirmam não convir ao Filho a locução* com quem, *e sim* por quem

16. Mas, dizem eles, é completamente estranho e inusitado dizer *com ele*; no entanto, *por ele* é habitual na Escritura, e frequentemente empregado entre os irmãos. Que responderemos? Que são felizes os ouvidos que não vos escutaram, e os corações que se mantiveram invulneráveis a tais

palavras. Ora, eu vos asseguro, a vós que amais a Cristo, serem usuais na Igreja as duas formas, e nem uma nem outra é rejeitada, como se elas se excluíssem mutuamente. Ao contemplarmos a majestade da natureza do Filho e a excelência de sua dignidade, atestamos ter a glória junto *com* o Pai. Se, porém, refletimos sobre o conjunto dos bens que nos coube, ou acerca do acesso que temos junto de Deus, ou da intimidade com ele, temos de confessar ter-nos sido outorgada tal graça *por* Cristo e *em* Cristo. Assim, a expressão *com ele* pertenceria propriamente ao louvor, enquanto *por ele* caberia melhor à ação de graças. Outra mentira é a seguinte: quem pratica a piedade não emprega a locução com *ele*. Efetivamente, todos os camponeses ou citadinos, arraigados em seus hábitos, que preferem uma respeitável antiguidade às novidades e conservam sem deformações a tradição dos Pais, empregam esta palavra. Aqueles, porém, que, enfastiados de seus costumes, revoltam-se contra tudo o que é antigo, como sendo superado, acolhem bem qualquer inovação, da mesma forma que na indumentária, os que apreciam os ornatos, sempre preferem vestir-se à última moda. Os camponeses, ainda agora, empregam uma linguagem antiquada, enquanto nossos peritos, como que ungidos para um combate verbal, cunham as palavras de acordo com a nova sabedoria. Nós, porém, falamos como falavam nossos Pais, que a glória é comum ao Pai e ao Filho; por isso, proferimos a doxologia ao Pai *com* o Filho. Não nos basta, porém, que se trate de tradição dos Pais. Eles próprios seguiam o conteúdo da Escritura e extraíam os princípios dos testemunhos da Escritura, que há pouco citamos. Assim, concebe-se a irradiação *com* a glória, a imagem *com* o modelo, e o Filho absolutamente *com* o Pai. Nem a sequência dos nomes, nem a natureza das coisas permite ruptura.

8. *De quantos modos se usa* por quem; *quando é preferível* com quem. *Exposição da maneira como o Filho recebe uma ordem, e como se diz que é enviado*

17. Quando o Apóstolo dá graças a Deus *por* Jesus Cristo, (Rm 1,8) e ainda diz ter recebido *por* ele a graça e a missão de pregar às nações para que obedeçam à fé, ou também que teve acesso *por* Cristo a essa graça em que fomos estabelecidos e da qual nos gloriamos, revela-nos a bondade para conosco daquele que ora nos transmite da parte do Pai a graça dos benefícios e ora nos introduz *por* seu intermédio junto do Pai. Ao declarar: "por quem recebemos a graça e a missão de pregar" (Rm 1,5), Paulo revela a origem da distribuição dos bens; e ao afirmar: "por quem tivemos acesso" (Rm 5,2), mostra que nossa elevação e nossa familiaridade com Deus se realizaram *por* Cristo. Por acaso, confessar que a graça em nós atua por ele seria diminuir a glória de Cristo? Ou não seria mais exato afirmar que uma enumeração de boas obras constituiria tema conveniente de louvor? Além disso, verificamos não nos transmitir a Escritura um nome apenas para o Senhor, nem somente nomes que revelam a divindade e a sua grandeza, mas ainda apresenta propriedades características da natureza. Com efeito, ela sabe proferir o nome que está acima de todo nome, o do Filho, verdadeiro Filho, Deus Unigênito, Poder de Deus, Sabedoria, Verbo. Ademais, devido às múltiplas formas da graça em relação a nós, graça concedida aos suplicantes por bondade, conforme a sua multiforme sabedoria (cf. Ef 3,10), a Escritura designa o Senhor por muitas outras denominações. Ora ela o denomina pastor, ora rei; ora ainda médico, esposo, caminho, porta, fonte, pão, machado, pedra. Estes nomes, porém, não designam a natureza, mas, como já disse, a multíplice energia que ele transmite, por misericórdia para com a sua própria obra, àqueles que a pedem, em suas particulares necessidades. Quanto àqueles, porém, que sob sua autoridade se refugiam, dispostos a partilhar o que têm, e são resignados, Cristo os chama de ovelhas e confessa servir-lhes de pastor, pois elas escutam sua voz, sem prestar atenção em doutrinas estranhas. Declara: "Minhas ovelhas escutam minha voz" (Jo

10,27). Ele é rei dos que já alcançaram as culminâncias, e precisam de chefe legítimo. Igualmente, é porta, porque conduz às práticas de zelo, conforme os seus retos mandamentos e ainda apascenta em segurança os que se refugiam no bem do conhecimento (*gnósis*), por meio da fé que nele depositam. Pois, "quem entrar por mim, entrará e sairá e encontrará pastagem" (Jo 10,9). Chama-se, contudo, "pedra" (1Cor 10,4), por ser para os fiéis abrigo forte, inabalável, mais sólido que qualquer fortificação. Nesses casos, quando se chama Cristo de porta ou caminho, usar *por quem* é preferível e mais expressivo. Como Deus e Filho, possui *com* o Pai, junto com ele, a mesma glória, porque "ao nome de Jesus, se dobrará todo joelho dos seres celestes, terrestres e dos que vivem sob a terra, e, para glória de Deus Pai, toda língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor" (Fl 2,10-11). Por esta razão, usam-se ambas as partículas; uma, para exprimir sua dignidade peculiar, e a outra, para expressar sua graça em nosso favor.

18. *Por ele*, contudo, é que vem às almas toda espécie de auxílio. A cada uma das formas de sua particular solicitude corresponde determinada denominação. Quando se une a uma alma irrepreensível, sem ruga, nem mancha (Ef 5,27), qual virgem pura, recebe o nome de esposo. Quando acolhe uma alma ferida pelos golpes malignos do diabo, e ele a cura da grave doença dos pecados, denomina-se médico. Tais cuidados para conosco nos induziriam à baixeza de pensamentos? Ou, ao contrário, despertariam nossa admiração diante do grande poder e imenso amor para com os homens de nosso Salvador, que aceitou compadecer-se de nossas fraquezas (Tt 3,4 e Hb 4,15), e quis descer até nossa pobre condição. Efetivamente, nem o céu, nem a terra, nem a imensidão dos mares, nem os que povoam as águas, nem os animais terrestres, as plantas, os astros, o ar, as estações, e o variegado ornamento do universo, nada disso comprova tanto a virtude de Cristo, que lhe tornou possível, a ele que é Deus, o infinito impassivelmente ser enlaçado por meio da carne na morte, a fim de nos conceder, por sua própria paixão, a impassibilidade. Se o Apóstolo pôde assegurar: "Em tudo isto somos mais que vencedores, *por* aquele que nos amou" (Rm 8,37), não está insinuando por meio de tais palavras um humilde serviço, e sim um socorro atuante no vigor de sua força. Ele ligou o forte (Mt 12,29), roubou-lhe os instrumentos, a saber, nós mesmos, de quem o forte havia abusado através de toda espécie de obras más, e transformou-nos em instrumentos úteis ao Senhor, preparados para toda obra boa, por disposição livre de nossa parte. Assim *por ele* temos acesso ao Pai, ao passarmos do poder das trevas à parte da herança dos santos na luz (Cl 1,12). Por isso, não consideremos como serviço forçado, próprio de escravo em sua condição humilhante, o plano (*oiconomia*) determinado pelo Filho; ao contrário, a solicitude voluntária relativamente à obra de suas mãos origina-se da bondade e misericórdia, segundo a vontade de Deus Pai. Desta forma, permaneceremos na prática da piedade, dando testemunho em tudo do perfeito poder do Filho, que jamais se aparta da vontade do Pai. Igualmente, se damos ao Senhor o nome de caminho, erguemo-nos a uma concepção mais elevada do que a comum. Esta consistiria no contínuo e bem ordenado progresso para a perfeição, por meio das obras justas e da iluminação do conhecimento; de fato, sempre vamos avante, tendendo para o que resta na frente (Fl 3,13), indo ao encontro do fim bem-aventurado, o conhecimento de Deus. O Senhor o concede, *por* si mesmo, aos que nele acreditaram. É nosso Senhor realmente ótimo caminho, certo e sem desvios. Conduz ao bem verdadeiro, ao Pai. Conforme ele mesmo disse: "Ninguém vem ao Pai a não ser por mim" (Jo 14,6). Por conseguinte, subimos até Deus *por* meio do Filho.

19. Em seguida, vamos dizer qual é, por sua vez, o conjunto dos bens que provém do Pai *pelo* Filho.

Uma vez que toda natureza na criação visível ou no mundo inteligível precisa da providência de Deus para persistir, o Verbo Criador (Demiurgo), Deus Unigênito, concede auxílio, segundo as necessidades de cada um. Seus benefícios são múltiplos e diversos, conforme as diferenças dos necessitados, adaptados a cada qual de acordo com o que precisam. Ilumina os que se encontram presos às trevas da ignorância; é, por conseguinte, luz verdadeira. Julga, retribuindo dignamente as boas obras; por isso, é justo juiz. Efetivamente "o Pai a ninguém julga, mas confiou ao Filho todo julgamento" (Jo 5,22). Ele reergue da queda os que, das culminâncias na vida, deslizarem para o pecado; é, portanto, ressurreição (Jo 11,25). Ele tudo faz por seu contato poderoso, agindo por voluntária benevolência. Apascenta, ilumina, nutre, conduz no caminho, cura, ressuscita. Dá existência ao que não existe, e sustenta o que criou. É deste modo que os bens chegam até nós, *de* Deus, *por* meio do Filho, que os produz cada qual por si, com rapidez maior do que se possa dizer. Não são tão rápidos nem os relâmpagos, nem a propagação da luz no ar, nem tão ligeiro o piscar dos olhos, nem tão velozes os movimentos do intelecto. Mas, cada um deles em rapidez perde em comparação com o poder divino; bem mais que o mais lento dos animais perde, já não digo em comparação com as aves, ou com o vento ou com o movimento dos céus, mas até mesmo com o nosso espírito. De que duração temporal poderia, então, necessitar aquele que "sustenta o universo com o poder de sua palavra" (Hb 1,3)? Ele não age corporalmente, nem precisou do trabalho das mãos para criar, mas a natureza das criaturas obedece à sua vontade a agir sem violência. Assim, disse Judite: "O que pensaste aconteceu. O que determinaste se apresentou" (Jd 9,4). Mas agora, no intuito de evitar que, diante da grandeza destas operações, sejamos levados a imaginar que o Senhor é sem Princípio, o que afirma aquele que é a Vida em si? "Eu vivo pelo Pai" (Jo 6,57). E o que assevera aquele que é o Poder de Deus? "O Filho, por si mesmo, nada pode fazer" (Jo 5,19). E a Sabedoria absoluta? "O Pai me prescreveu o que dizer e de que falar" ((Jo 12,49). Por meio de tudo isso, leva-nos a entender o Pai, atribuindo a este as maravilhas *por* ele operadas, a fim de que *por* meio dele conheçamos o Pai. Não quer isto dizer que se divisa o Pai, através das diferenças percebidas nas obras, como se estas diferenças manifestassem que ele possui uma atuação própria e distinta, uma vez que tudo o que o Pai faz, o Filho o faz igualmente (Jo 5,19). Entretanto, por causa da glória que lhe é prestada pelo Filho, ao Pai se dirige a admiração das criaturas, não somente devido à grandeza das obras, mas também por causa do próprio autor delas, sendo exaltado e louvado por aqueles que o reconhecem como Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, "por quem e para quem todas as coisas existem" (Hb 2,10). Por isso, diz o Senhor: "Tudo o que é meu é teu", tendo em vista ao Pai atribuir o Princípio das criaturas. E o que "é teu é meu", para mostrar que deste Princípio ele recebe a causalidade criadora. Ele não tem necessidade de auxílio para sua atuação, nem é encarregado em cada obra, por comissão particular, de exercer aquele múnus; pois isso seria função servil, inteiramente contra a dignidade divina. Ao invés, o Verbo cumulado dos bens do Pai, resplendor do Pai, tudo faz à semelhança daquele que o gerou. Se, quanto à essência, não há entre eles diferença alguma, também não existe diferença no poder. Efetivamente, quando o poder é igual, também o é inteiramente a operação. Cristo, de fato, é o Poder de Deus e a Sabedoria de Deus (1Cor 1,24). E assim, tudo foi feito *por* ele, tudo foi criado *por* ele e *para* ele (Cl 1,16). Ele não executa um múnus instrumental ou servil, mas, ao criar, cumpre a vontade paterna.

20. Por isso, quando ele declara: "Não falei por mim mesmo", e ainda: "O que eu digo, portanto, eu o digo como o Pai me disse" (Jo 12,49-50), e também: "A palavra que ouvis não é minha, mas do Pai que me enviou" (Jo 14,24), e em outra parte: "Faço como o Pai me ordenou" (Jo 14,31), não fala

como se fosse privado de liberdade, ou estivesse desorientado ou esperasse um sinal convencional para empregar tais palavras, mas revela a unidade e indivisibilidade de seu plano com o do Pai. Quanto ao mandamento mencionado acima não se trata de palavra de ordem emitida pelo órgão da voz, anunciando ao Filho, como a subordinado, o que ele teria de fazer, mas entendamos de modo digno de Deus a transmissão da vontade que eternamente o Pai faz ao Filho, à maneira de figura refletida num espelho. Efetivamente, "o Pai ama o Filho e lhe revela tudo" (Jo 5,20). Por conseguinte, tudo quanto possui o Pai é também do Filho, não, porém, por pequenos acréscimos, mas está presente todo de uma vez. Com efeito, entre os homens, aquele que conhece bem seu ofício, e tem grande experiência devido a um longo exercício, no entanto não pode por si mesmo fazer obra somente de acordo com os princípios do conhecimento que tem em si; quanto àquele que é a Sabedoria de Deus, o Demiurgo da criação, aquele que é sempre perfeito, o sábio que de ninguém aprendeu, o poder de Deus, em quem se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Cl 2,3), não precisa de normas minuciosas, que lhe determinariam forma e medida nas ações. Tu, talvez, envolvido na vaidade de teus pensamentos, queiras abrir uma escola. Farás com que um se assente no lugar do mestre; e a outro, como aluno inexperiente, porás a seu lado. Consequentemente, com as sucessivas aulas, o discípulo haverá de adquirir a sabedoria e adiantar-se para a perfeição. Em vista disso, se souberes ao menos ser coerente nos raciocínios, descobrirás que o Filho está sempre aprendendo, e jamais atinge o termo, por ser a Sabedoria infinita do Pai, e ser impossível alcançar o fim do infinito. Por conseguinte, não conceder que o Filho tudo possui desde o começo seria negar que possa atingir a perfeição. Envergonho-me, contudo, dessas cogitações pusilânimes, às quais me deixei levar pela sequência do discurso. Retomemos, portanto, uma exposição mais elevada.

21. "Quem me viu, viu o Pai" (Jo 14,9). Não viu as feições, nem a forma do Pai; de fato, a natureza divina é isenta de composição. Contempla, contudo, semelhante e igual, ou antes a mesma, no Pai e no Filho, a benevolência idêntica à essência. O que significa: "Fez-se obediente" (Fl 2,8) e: "Entregou-o por todos nós" (Rm 8,32)? Significa que provém do Pai a operação benevolente do Filho em favor dos homens. Ouve também a seguinte passagem: "Cristo nos remiu da maldição da Lei" (Gl 3,13); e: "Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores" (Rm 5,8). Presta cuidadosa atenção nas palavras do Senhor, que, ao instruir-nos sobre o Pai, soube falar com termos autoritários de soberano: "Eu quero, sê purificado" (Mt 8,3); e: "Silêncio! Quieto!"; igualmente: "E eu vos digo"; e ainda: "Espírito mudo e surdo, eu te ordeno" (Mc 4,39; Mc 9,25) etc., a fim de que aprendamos por estas últimas palavras a conhecer nosso Soberano e Autor e através das primeiras, o Pai de nosso Autor e Soberano. Assim, se manifesta inteiramente a verdade da doutrina. Se o Pai cria *por* meio do Filho, isso não representa imperfeição na atividade criadora do Pai, nem fraqueza na atuação do Filho, mas demonstra a unidade da vontade. Desta forma, a locução *por quem* atesta a causa principial, mas não deprecia a causa eficiente.

9. *Noções bem definidas do Espírito, segundo o ensinamento das Escrituras*

22. Examinemos agora quais as noções geralmente aceitas sobre o Espírito, as que coletamos das Escrituras e as que nos foram transmitidas pela Tradição oral dos Padres. Em primeiro lugar, ao ouvir as denominações do Espírito, não se eleva a mente, não ergue os pensamentos para a mais sublime natureza? Ele recebe os nomes de "Espírito de Deus", "o Espírito da verdade, que vem do

Pai" (Jo 15,26), "Espírito reto", "Espírito principal" (Sl 50,12-14). Mas, Espírito Santo é especialmente seu nome próprio, pois ele é o ser mais incorpóreo, inteiramente imaterial e simples. Por esta razão, o próprio Senhor ensinou à samaritana que acreditava necessário adorar a Deus em determinado lugar, que o ser incorpóreo é incircunscrito, dizendo: "Deus é espírito" (Jo 4,24). Por isso, quem ouve falar em Espírito não deve imaginar uma natureza circunscrita, ou sujeita a mudança e alteração, em tudo semelhante a uma criatura. Mas, quem eleva o pensamento ao ser mais sublime, necessariamente terá em mente uma substância inteligente, de poder infinito, grandeza ilimitada, fora do tempo e dos séculos, em nada ciosa de seus próprios bens. Para ele voltam-se todos os que anseiam pela santificação, para ele se dirigem os anelos dos que vivem segundo a virtude, quantos recebem o refrigério de seu sopro, e são amparados para alcançar o fim adequado a sua natureza. Aperfeiçoa os outros, enquanto ele mesmo de nada carece. Não é um ser vivo que precise se refazer; ao contrário é provedor *(choregón)* de vida. Não aumenta progressivamente, mas logo possui a plenitude; é consistente por si mesmo, está em toda a parte. Origem da santificação, luz inteligível, concede por si mesmo certa iluminação a toda faculdade racional, a fim de que descubra a verdade. Inacessível por natureza, faz-se, contudo, inteligível, por bondade. Seu poder enche todas as coisas, mas somente se comunica aos que são dignos, não, porém, numa só medida, mas opera proporcionalmente à fé. Simples por essência, seu poder, contudo, se manifesta em milagres variados (Hb 2,4). Está presente todo inteiro a cada ser, embora todo inteiro em toda parte. Impassível na partilha, indefectível na comunicação, à semelhança do raio solar, que agracia, como se fosse o único, àquele ao qual está presente, enquanto ilumina a terra, o mar, infiltrando-se também no ar. De igual modo, o Espírito está presente, como se fosse o único, a cada um dos que são capazes de acolhê-lo; permanece intacto e comunica graça suficiente para todos. Os participantes da graça do Espírito dela usufruem quanto é possível a sua natureza, não, porém, à medida que ele pode transmiti-la.

23. A íntima união do Espírito com a alma não é uma proximidade local. Como seria possível haver aproximação corporal daquele que é Incorpóreo? Achar-se-ia, ao invés, na renúncia às paixões, que, devido ao amor que a alma dedica à carne, assaltam-na, afastando-a da intimidade com Deus.

Somente podemos nos aproximar do Paráclito, se nos purificarmos da deformidade proveniente dos vícios e recuperarmos a beleza própria da nossa natureza, restituindo assim à imagem do rei, através da purificação, sua primitiva forma. O Paráclito, porém, como um sol, haverá de penetrar nos teus olhos purificados, e mostrar-te em si a Imagem do ser Invisível. Na feliz contemplação da Imagem, verás a inefável beleza do modelo original (arquétipos). Por meio dele, elevam-se os corações, os fracos são conduzidos pela mão, os que progridem chegam à perfeição. Ele é que, iluminando os que se purificaram de toda mácula, transforma-os em espirituais, através da comunhão com ele. E como os corpos claros e diáfanos, atingidos por um raio luminoso, tornam-se brilhantes e emitem outro fulgor, assim as almas portadoras do Espírito, iluminadas por ele, tornam-se elas também espirituais e propagam a graça. Daí as consequências: a previsão do futuro, a inteligência dos mistérios, a percepção das coisas ocultas, a distribuição dos carismas, a cidadania celeste, o canto em coro com os anjos, a alegria interminável, a habitação junto de Deus, a semelhança com Deus, enfim o anelo supremo: tornar-se Deus. De fato, estes são a respeito do Espírito Santo, para mencionar apenas alguns, os nossos conceitos concernentes a sua grandeza, dignidade e obras, aprendidos das palavras do mesmo Espírito. Vamos agora ao encontro dos contraditores, tentando refutar as objeções extraídas de uma pseudociência e por eles propostas.

10. *Contra os que afirmam não ser lícito pôr o Espírito Santo na mesma ordem que o Pai e o Filho*

24. Não se deve, dizem eles, pôr o Espírito Santo na mesma ordem que o Pai e o Filho, por causa da diferença de natureza e do grau inferior de dignidade. É justo responder com as palavras dos apóstolos: "É preciso obedecer antes a Deus que aos homens" (At 5,29). Se, porém, o Senhor claramente, na instituição do batismo da salvação, ordenou aos discípulos que batizassem todos os povos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Mt 28,19), e não considerou indigna de si a comunhão com este Espírito, quando os adversários afirmam que não se deve colocá-lo na mesma ordem que o Pai e o Filho, como não ver nisso uma aberta oposição ao mandamento de Deus? Se, ao invés, conforme dizem eles, colocá-lo na mesma ordem não representa estar em comunhão ou união, respondam-nos, então, como julgam lícita sua opinião, e se conhecem maneira mais apropriada de designar a união. Seja como for, se o próprio Senhor não uniu o Espírito Santo a si e ao Pai no batismo, tampouco venham nos acusar de os unir. Efetivamente, nós nada pensamos, nem afirmamos divergindo dele. Mas, se ali o Espírito se acha unido ao Pai e ao Filho, e se ninguém é tão ousado para assegurar outra coisa, não nos censurem por seguirmos as Escrituras.

25. Mas, estão prontos os preparativos da guerra contra nós. Os espíritos estão aguçados contra nós, e as línguas caluniadoras lançam suas flechas com maior intensidade do que a empregada ao apedrejar Estêvão aqueles que odiavam os cristãos. Mas, não se escondam! Efetivamente, pretexto para a guerra somos nós, mas na verdade o alvo em mira está mais alto. Contra nós, de fato, se preparam os mecanismos de guerra e as ciladas, e estimulam-se mutuamente ao esforço de dar cada qual o que possui em experiência e coragem. Mas, é a fé que é combatida. Meta comum de todos os adversários, inimigos da sã doutrina, é abalar o fundamento da fé em Cristo, arrasando, fazendo desaparecer a Tradição apostólica. Por isso, eles, aparentando ser detentores de bons sentimentos, recorrem a provas extraídas das Escrituras, e lançam para bem longe, como se fossem objetos vis, os testemunhos orais dos Padres. Mas não atenuaremos a verdade, nem por temor trairemos nossa aliança. Ora, se o Senhor nos transmitiu como doutrina obrigatória e salvífica que o Espírito Santo está na mesma ordem que o Pai, e eles opinam que assim não é e que importa separá-los, romper esta coordenação, e trasladar o Espírito ao nível de uma natureza servil, não é verdade que eles dão maior importância a sua blasfêmia do que às normas de seu Senhor? Em consequência, rejeitemos qualquer gosto de polêmica, e examinemos juntos o que temos em mãos.

26. Como somos cristãos? Pela fé, será a resposta. De que maneira seremos salvos? Pela regeneração, pela graça do batismo. Como poderia ser de outra forma? Cientes da salvação operada pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, abandonaríamos o modelo de salvação que recebemos? Sem dúvida, seria motivo de profundos gemidos encontrarmo-nos agora mais longe da salvação do que quando acreditamos (Rm 13,11), se agora rejeitarmos o que então aceitamos. Igual prejuízo seria partir sem batismo, ou receber um batismo falho em algo de tradicional. Relativamente à profissão de fé, entregue na primeira fase da entrada, quando, renunciando aos ídolos, aderimos ao Deus vivo, se alguém não a guarda sempre, e não a segura durante toda a vida, qual sólida salvaguarda faz-se estranho às promessas de Deus, opondo-se ao documento escrito de próprio punho, entregue por ocasião da profissão de fé. Efetivamente, se o batismo é para mim o início da vida e o primeiro dos dias é o da regeneração, consequentemente a palavra mais preciosa é a que foi proferida quando me foi conferida a graça da filiação adotiva. Poderia trair, seduzido por suas pretendidas ra-zões, esta transmissão (*parádosis* = tradição) que me introduziu na luz, concedeu-me a graça do conhecimento

de Deus, pelo qual, de pecador inimigo fui transformado em filho de Deus? Bem ao contrário, suplico para mim o dom de partir com esta profissão para junto do Senhor, e a eles, entretanto, exorto-os a conservar uma fé íntegra até o dia de Cristo, a crer que o Espírito é inseparável do Pai e do Filho e a seguir exatamente o ensinamento do batismo, na confissão da fé e na recitação das doxologias.

11. *É uma transgressão renegar o Espírito*

27. Para quem os ais? Para quem a tribulação? Para quem a angústia e as trevas? Para quem a sentença condenatória (Pr 23,29)? Não seria para os transgressores? Não seria para os que negam a fé? Qual a prova da negação? Não renegaram a própria profissão? Que profissão fizeram e quando? Confessaram crer no Pai e no Filho e no Espírito Santo, quando, tendo renunciado ao diabo e a seus anjos, proferiram aquela palavra de salvação. Qual então a denominação adequada para lhes ser aplicada pelos filhos da luz? Não foram denominados transgressores, por faltarem a seus compromissos salutíferos? Então, como nomearei ao que renega a Deus? Como haverei de designar a quem renega a Cristo? Que denominação a não ser a de transgressor? Que nome queres que atribua ao que nega o Espírito? Não seria o mesmo que o aplicado a quem não cumpriu a aliança feita com Deus? Por conseguinte, se confessar a fé no Espírito nos torna felizes pela piedade e, ao invés, renegá-lo acarreta-nos a sentença condenatória por impiedade, como não seria terrível agora verificar que existem os que o renegam, não impelidos pelo temor do fogo, nem pelo medo da espada, da cruz, dos flagelos, da roda, das torturas, mas apenas enganados pelos sofismas e insinuações dos adversários do Espírito? Atesto a todo aquele que confessa o Cristo, mas renega a Deus, que Cristo em nada o ajudará. Dou testemunho ao que invoca a Deus, mas rejeita o Filho que sua fé é vã, e ao que recusa aceitar o Espírito que a sua fé no Pai e no Filho cairá num vazio; nem mesmo poderá possuir a fé, se não tiver o Espírito. Efetivamente, não crê no Filho quem não acredita no Espírito; nem crê no Pai aquele que não crê no Filho. Com efeito, "ninguém pode dizer: 'Jesus é Senhor' a não ser no Espírito Santo" (1Cor 12,3). "Ninguém jamais viu a Deus: o Filho Unigênito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer" (Jo 1,18). Acha-se também excluído da verdadeira adoração aquele que renega o Espírito. De fato, é impossível adorar o Filho, a não ser no Espírito Santo, nem é possível invocar o Pai, a não ser no Espírito da adoção filial.

12. *Contra os que asseguram ser suficiente o batismo em nome do Senhor*

28. Ninguém se iluda com a palavra do Apóstolo, quando, ao referir-se ao batismo, muitas vezes omite o nome do Pai e do Espírito Santo, nem creia ser dispensável empregar a invocação desses nomes. Diz o Apóstolo: "Todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo" (Gl 3,27). E ainda: "Todos os que fostes batizados em Cristo, é na sua morte que fostes batizados" (Rm 6,3). Ora, nomear a Cristo é confessar a todos, pois designa a Deus que unge, o Filho que foi ungido, e a unção que é o Espírito. Assim ensinou Pedro, segundo os Atos: "Jesus de Nazaré, Deus o ungiu com o Espírito Santo" (At 10,38). E em Isaías : "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu" (Is 61,1; cf. Lc 4,18). E o salmista: "Eis por que Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria" (Sl 44,8). Evidencia-se, porém, que às vezes o Apóstolo relembra apenas o Espírito relativamente ao batismo. "Todos, diz ele, fomos batizados num só Espírito para ser um só corpo" (1Cor 12,13). Concorda com esta passagem os dizeres: "Vós fostes batizados no Espírito Santo" (At

1,5). Igualmente: "Ele vos batizará no Espírito Santo" (Lc 3,16). Mas, nem por isso se deve afirmar que é perfeito o batismo em que somente o nome do Espírito foi invocado. Importa seja conservada sempre íntegra a Tradição transmitida pela graça vivificante. Efetivamente, aquele que redimiu da corrupção a nossa vida, outorgou-nos uma força renovadora, cuja causa inefável encontra-se oculta no mistério, e que traz às almas sublime salvação. Assim, sem dúvida, acrescentar ou tirar algo daí, seria perder a vida eterna. Entretanto, se do Pai e do Filho separar o Espírito no batismo é perigoso para quem batiza, e prejudicial ao batizado, como seria seguro arrancar o Espírito de junto do Pai e do Filho? Ora, a fé e o batismo são dois meios de salvação, estreitamente unidos e inseparáveis, pois se a fé se consuma no batismo, o batismo, contudo, baseia-se na fé; ambos se realizam através dos mesmos nomes. Como acreditamos no Pai e no Filho e no Espírito Santo, assim também somos batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Precede, de fato, a confissão que nos conduz à salvação; mas segue-se logo o batismo, selo de nossa adesão.

13. *Qual o motivo por que Paulo trata conjuntamente dos anjos, do Pai e do Filho*

29. Mas, replicam eles, existem outros seres enumerados com o Pai e o Filho, e que de forma alguma são glorificados com eles. Assim o Apóstolo pôs junto deles os anjos, ao conjurar a Timóteo: "Conjuro-te diante de Deus e de Cristo Jesus, e dos seus anjos eleitos" (1Tm 5,21). No entanto, não os isolamos das outras criaturas, nem aceitamos enumerá-los com o Pai e o Filho. Embora tais objeções não mereçam resposta alguma, por se tratar de absurdo evidente, todavia digo o seguinte: pode acontecer que alguém encontre por testemunha um companheiro de servidão, perante um juiz manso e indulgente, e principalmente se este demonstra para com os acusados, por equidade, indiscutível justiça em seus julgamentos. Mas, de escravo passar a liberto, receber o nome de filho de Deus, de morto recuperar a vida, só é realizável por aquele que, naturalmente fruindo da intimidade com Deus, foge da condição servil. E como um estranho introduzirá na intimidade com Deus? Como libertará, se ele mesmo se acha sob o jugo da escravidão? Por conseguinte, não se faz memória do Espírito e dos anjos como se fossem iguais, mas considera-se o Espírito como Senhor da vida, enquanto se mencionam os anjos como amparo aos companheiros de servidão e fiéis testemunhas da verdade. Os santos, efetivamente, costumam transmitir os preceitos de Deus, apoiados em testemunhas, conforme fez o próprio Paulo, escrevendo a Timóteo: "O que de mim ouviste na presença de muitas testemunhas, confia-o a homens fiéis" (2Tm 2,2). Toma os anjos agora por testemunhas; com efeito ele sabe que os anjos assistirão o juiz, quando ele vier na glória do Pai a julgar com justiça a terra inteira. Diz a Escritura: "Todo aquele que se declarar por mim diante dos homens, o Filho do homem também se declarará por ele diante dos anjos de Deus; aquele, porém, que me houver renegado diante dos homens, será renegado diante dos anjos de Deus" (Lc 12,8-9). Por sua vez, diz Paulo: "Quando se revelar o Senhor Jesus, vindo do céu, com os anjos" (2Ts 1,7). Por esta razão, já daqui ele atesta diante dos anjos, no intuito de preparar provas convincentes a serem apresentadas quando comparecer perante o grande tribunal.

30. Mas, não somente ele. Certamente, também todos aqueles aos quais foi confiado o ministério da palavra, não cessam em ocasião alguma de empregar os testemunhos, clamando diante do céu e da terra; com efeito, agora todas as ações se realizam no céu e na terra. No julgamento das obras praticadas durante a vida, esses testemunhos acompanharão os que são julgados. "Do alto ele convoca, diz o salmo, o céu e a terra, para julgar o seu povo" (Sl 49,4). Moisés também exclama,

estando prestes a dar os preceitos ao povo: "Eu tomo hoje o céu e a terra como testemunhas contra vós" (Dt 4,2). E ainda, no cântico: "Dá ouvidos, ó céu, que eu vou falar; ouve, ó terra" (Dt 32,1). Igualmente Isaías: "Ouve, ó céus, presta atenção, ó terra" (Is 1,2). Jeremias, porém, narra certo espanto do céu pelo que ouve das obras ímpias do povo: "Espantou-se disso o céu, horrorizou-se profundamente, porque meu povo cometeu dois crimes" (Jr 2,12-13). Por isso, o Apóstolo, ciente de que os anjos são para os homens pedagogos ou educadores, invoca-os como testemunhas. Jesus, filho de Nun, porém, ergueu em testemunho uma pedra (outrora, parece, Jacó deu o nome de testemunho a um montão de pedras) (Gn 31,47). "Eis que esta pedra, disse ele, será testemunho contra vós, nos últimos dias, para vos impedir de mentir ao Senhor, nosso Deus" (Js 24,27). Talvez ele acreditasse que, pelo poder de Deus, até as pedras pudessem falar, a fim de confundir os transgressores; no mínimo, para que a consciência de cada um fosse atingida pelo vigor da advertência. Desta forma, todos aqueles aos quais foi confiada a direção das almas, previamente preparam testemunhas, seja como for, para mais tarde estarem a seu lado. O Espírito, porém, está junto de Deus, não para atender a uma necessidade momentânea, mas por comunhão de natureza. Não somos nós que o puxamos para lá, mas foi o Senhor quem aí o pôs.

14. *Objeção: Em Moisés alguns também foram batizados e nele creram. Resposta: Acerca dos "tipos"*

31. Mas, replicam eles, ainda que sejamos batizados *no* Espírito, não é justo pô-lo com Deus, pois também alguns foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar (1Cor 10,2). Entretanto, devemos confessar que tiveram fé num homem. Efetivamente, o povo acreditou "em Deus e em Moisés, seu servo" (Ex 14,31). Por que motivo, então, objetam eles, a propósito da fé e do batismo, exaltar e engrandecer tanto o Espírito Santo acima das criaturas, quando se atesta haver a mesma fé e o mesmo batismo em nome de homens? Que responderemos? Que se tem fé no Espírito, da mesma forma que no Pai e no Filho. Igualmente sucede no batismo. Quanto a Moisés, batiza-se nele e na nuvem, enquanto são sombra e tipo. No entanto, se as realidades divinas são prefiguradas por pequenos sinais humanos, nem por isso é insignificante a natureza divina, que os tipos frequentemente de antemão desenharam com luzes e sombras. De fato, o tipo revela através de uma imitação o que se espera; deixando entrever o futuro, com propriedade o indica. Assim, Adão é tipo do Cristo que há de vir; o rochedo simbolicamente é Cristo (Ex 17,6). A água que brota da pedra (Ex 17,6) é tipo do poder vivificador do Verbo. Ora, diz o Senhor: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba" (Jo 7,37). O maná também é tipo do pão vivo que desceu do céu. A serpente suspensa num poste é tipo da paixão do Salvador, consumada na cruz; os que nela fixavam o olhar, eram salvos. De igual modo, é também típico o êxodo de Israel, designando os que foram salvos através do batismo. Pois foram salvos os primogênitos dos israelitas, da mesma forma que os corpos dos batizados, pois a preservação foi concedida aos marcados com o sangue do cordeiro. Este sangue era tipo do sangue de Cristo; os primogênitos eram tipo do primeiro homem. Quanto a este, existe necessariamente em nós, acompanhando-nos em consequência da propagação do gênero humano até o fim. Por esta razão, em Adão todos morremos (1Cor 15,22) e a morte reinou até a consumação da Lei, e a vinda de Cristo. Preservou Deus os primogênitos dos ataques do destruidor, para demonstrar que de forma alguma morrem em Adão os que foram vivificados em Cristo. O mar, contudo, e a nuvem, relativamente ao presente, despertavam a fé, por causa do espanto que causavam; quanto ao futuro,

prefiguravam, enquanto constituíam um tipo, a graça futura. "Quem é sábio e observa estas coisas?" (Sl 106,43; cf. Os 14,10) para entender por que o mar é tipicamente o batismo, que separava de tal modo de Faraó como este banho livra da tirania do diabo. O mar matava o inimigo; aqui morre também nossa inimizade com Deus. O povo saiu do mar indene; quanto a nós, subimos da água, quais vivos dentre os mortos, salvos pela graça daquele que nos chamou. A nuvem, porém, era sombra do dom que provém do Espírito, e resfria a chama das paixões pela mortificação de nossos membros.

32. E então? Se Moisés batizava tipicamente, por isso a graça do batismo seria insignificante? Mas, nada haveria de grande para nós se depreciarmos por causa dos tipos o que há de honroso em cada coisa. Ficaria, então desprovido de grandeza sobrenatural o grande amor que aos homens devota Deus, ele que por nós entregou seu Filho Unigênito por nossos pecados, pois Abraão também não poupou o próprio filho. Nem a paixão do Senhor seria mais gloriosa, considerando-se que em lugar de Isaac (Gn 22,1-14) um cordeiro foi tipo de oferenda para um sacrifício. A descida aos Hades deixaria de ter aspecto terrível, uma vez que Jonas em três dias e outras tantas noites (Jn 2,1ss), havia de antemão apresentado o tipo da morte. O mesmo acontece com o batismo. Se alguém julga a verdade pela sombra, comparando as realidades significadas com os correspondentes tipos, e tentando utilizar a figura de Moisés e do mar para despedaçar com um só golpe toda a economia evangélica. Qual o perdão dos erros? Qual a renovação da vida através do mar? Qual o carisma espiritual por meio de Moisés? Que morte aos pecados ali existe? Eles não padeceram com Cristo, portanto, também não ressuscitarão com ele. Não trouxeram a imagem do homem celeste, nem foram portadores da mortificação de Jesus no seu corpo; não se despojaram do velho homem, nem revestiram o novo, renovados para o conhecimento, à imagem de seu criador. Por que, então, comparar os batismos, que de comum têm apenas o nome, e que de fato diferenciam-se tanto como um sonho difere da realidade, ou uma sombra, uma imagem da substância dos seres?

33. Mas, crer em Moisés não significa que seja de pouca valia a fé no Espírito. Antes, segundo a doutrina deles, diminuiria a profissão de fé no Deus do universo, pois diz a Escritura que o povo acreditou em Deus e em seu servo, Moisés. A Escritura alia Moisés a Deus, e não ao Espírito; ele, com efeito, não era tipo do Espírito, e sim de Cristo. Ele prenunciava, no ministério da Lei, o mediador entre Deus e os homens (1Tm 2,5). Moisés não era tipo do Espírito, quando servia de intermediário para o povo, junto de Deus. Efetivamente, a Lei tinha sido promulgada por anjos, pela mão de um mediador (Gl 3,19), isto é, Moisés, conforme o pedido do povo, que dizia: "Fala-nos tu, e não nos fale Deus" (Ex 20,19). A fé depositada nele refere-se, portanto, ao Senhor, ao mediador entre Deus e os homens, que disse: "Se crêsseis em Moisés, haveríeis de crer em mim" (Jo 5,46). Seria, pois, coisa pequena a fé no Senhor, pelo fato de ter sido prefigurada por Moisés? De igual modo, se houve um batismo em Moisés, nem por isso é sem valor a graça proveniente do Espírito no batismo. Entretanto, devo observar que a Escritura costuma mencionar Moisés em lugar da Lei, como, por exemplo, na passagem: "Eles têm Moisés e os profetas" (Lc 16,29). Pertenceria ao batismo sob a Lei a referência: "Foram batizados em Moisés" (1Cor 10,2). Por que, então, aqueles que, por causa das sombras e dos tipos, têm aversão à verdade, declaram desprezíveis o motivo de altivez de nossa esperança (Hb 3,6) e o precioso dom de Deus, nosso Salvador, que renova a nossa juventude como a da águia por meio da restauração de todas as coisas? Sem dúvida, é peculiar a quem é muito jovem, ou a uma criança ainda bem precisada de leite, ignorar o grande mistério de nossa salvação. Com efeito, segundo a iniciação ministrada nas escolas, somos exercitados na piedade em vista da

perfeição, aprendendo primeiro as coisas elementares, cujo conhecimento está a nosso alcance. A providência de Deus nos conduz até a plena luz da verdade, habituando aos poucos os nossos olhos, como se tivéssemos sido criados em meio a trevas. No intuito de poupar a nossa fraqueza, na profundidade da riqueza de sua sabedoria, e nos julgamentos imperscrutáveis de seu intelecto, proporciona-nos esta orientação suave e harmoniosa, fazendo-nos primeiro ver as sombras dos corpos e fitar o sol dentro da água, a fim de evitar a cegueira, que pode suceder se precipitadamente contemplarmos a luz intensa. De igual maneira, a Lei, sombra dos bens futuros (Hb 10,1), esboço traçado pelos profetas, enigma da verdade, é tida como exercício dos olhos do coração. Assim, destas sombras nos seja fácil a passagem para a sabedoria escondida no mistério. A respeito dos tipos, isso basta. Não é possível determo-nos por mais tempo. Seria dar ao acessório importância maior do que ao principal.

15. *Resposta à réplica: "Somos também batizados na água". O batismo*

34. O que, porém, eles ainda podem acrescentar? Eles são peritos, de fato, em refutar. Somos também, dizem eles, batizados na água, mas nem por isso honraremos a água mais do que as outras criaturas, nem vamos torná-la partícipe do culto que prestamos ao Pai e ao Filho. Tais expressões são próprias de homens irritados, os quais, por causa do obscurecimento apaixonado da razão, nada poupam para se defenderem daqueles que os afligem. Quanto a nós, de forma alguma hesitamos em discutir sobre este assunto. Efetivamente, ou instruiremos os ignorantes, ou não cederemos diante dos malfeitores. Mas, retornemos a um trecho mais acima.

35. Consiste a economia de Deus, nosso Salvador, em soerguer o homem após a queda, e fazer com que recupere a amizade com Deus, escapando da condição de inimizade em que se encontrava, devido a sua desobediência. Daí origina-se a vinda de Cristo na carne, o exemplo de sua vida de acordo com o evangelho, a paixão, a cruz, o sepultamento, a ressurreição. Assim, o homem salvo, através da imitação de Cristo, recupera a primitiva adoção filial. É indispensável para uma vida perfeita a imitação de Cristo não somente nos exemplos de mansidão, humildade e paciência que deu durante a vida, mas ainda na morte, conforme diz Paulo, o "imitador de Cristo" (1Cor 11,1; Fl 3,17): "Conformando-me com ele na sua morte, para ver se eu alcanço a ressurreição de entre os mortos" (Fl 2,10-11). Como nos conformaremos com Cristo na morte? Por nosso sepultamento com ele pelo batismo. Mas, como ser sepultado? Qual o proveito de tal imitação? Em primeiro lugar, faz-se mister romper com a vida anterior. Isso, porém, é impossível se não nascermos do alto, segundo a palavra do Senhor (Jo 3,3), porque a regeneração, conforme indica a palavra, é o começo de segunda vida. Mas, no intuito de começar esta segunda vida, será necessário pôr termo à vida anterior. Assim como em dupla corrida, uma parada, um momento de repouso separa a ida da volta, igualmente em mudança de vida parece necessária uma espécie de morte entre as duas vidas, para terminar a anterior e iniciar a seguinte. Mas, que fazer para descer ao Hades? Imitar o sepultamento de Cristo, por meio do batismo. O corpo dos batizados é de certo modo sepultado na água. O batismo simboliza, pois, o despojamento de obras carnais, segundo a palavra do Apóstolo: "Nele fostes circuncidados, por uma circuncisão não feita por mão de homem, mas pelo despojamento do corpo carnal: essa é a circuncisão de Cristo. Fostes sepultados com ele no batismo" (Cl 2,11-12). O batismo é para a alma ablução da mancha contraída por causa de pensamentos carnais, conforme está escrito: "Lava-me, ficarei mais branco do que a neve" (Sl 50,9). Por isso, não usamos purificarmo-

nos depois de cada mancha como os judeus, mas conhecemos apenas um batismo salutífero; pois uma só é a morte relativamente ao mundo e uma só a ressurreição dos mortos, das quais o batismo é tipo. Assim se entende por que razão o Senhor, que nos concede a vida, estabeleceu conosco esta aliança no batismo, tipo da morte e da vida. A água é imagem da morte, e o Espírito nos dá o penhor, as primícias da vida. Assim evidencia-se para nós o que procurávamos saber: Por que a água se acha ligada ao Espírito? Porque o batismo tem dupla finalidade: eliminar o corpo de pecado (Rm 6,6), a fim de não produzir mais frutos de morte (Rm 7,5), e fazer viver do Espírito, frutificar para a santidade (Rm 6,22). A água, com efeito, apresenta a imagem da morte, pois acolhe o corpo, à guisa de uma sepultura, enquanto o Espírito infunde a força vivificadora, renovando nossas almas, que retira da morte no pecado e transfere para a vida dos primórdios. É isto o que se chama nascer do alto, na água e no Espírito. A morte se realiza na água, mas o Espírito nos transmite a vida. Em três imersões, e em igual número de invocações, cumpre-se o grande mistério do batismo, para figurar o tipo da morte e iluminar os batizandos pela transmissão da ciência de Deus. De fato, se existe na água uma graça, esta não provém da natureza da água, mas origina-se da presença do Espírito. Com efeito, o batismo não consiste em lavar-se para tirar manchas carnais, mas em suplicar a Deus uma boa consciência. O Senhor, querendo preparar-nos para a vida de ressuscitados, apresenta-nos o modo de viver evangélico, preceituando sermos mansos, resignados, livres do amor do prazer, desprendidos das riquezas, de forma que voluntariamente realizemos desde agora o que o século futuro contém como que naturalmente. Se alguém, contudo, irritado, dissesse que o evangelho já é uma prefiguração da vida da ressurreição, a meu ver, ele não estaria errado. Mas, voltemos ao nosso assunto.

36. Por meio do Espírito Santo realiza-se a restauração do paraíso, a subida ao reino dos céus, o retorno à adoção filial. É ele quem nos dá a ousadia de chamar a Deus de Pai, possibilita-nos participar da graça de Cristo, ter o nome de filhos da luz, partilhar a glória eterna, em uma palavra, recebermos a plenitude da bênção, neste século e no século futuro, e como em espelho contemplar, desde já presente, a graça dos bens que nos estão reservados, conforme as promessas, e cuja fruição aguardamos pela fé. Se, porém, as arras são tais, o que será o dom completo? E se as primícias são tão grandes, que será a plenitude integral? Assim se torna cognoscível a diferença entre a graça do Espírito e o batismo na água. Pois João batizou na água; nosso Senhor Jesus Cristo batizou no Espírito Santo. "Eu vos batizo com água para a conversão, mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. De fato, eu não sou digno nem ao menos de carregar-lhe as sandálias. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Mt 3,11). João, aqui, à prova do juízo dá o nome de batismo com fogo, conforme diz também o Apóstolo: "O fogo provará o que vale a obra de cada um", e ainda: "O Dia a tornará conhecida, pois ele se manifestará pelo fogo" (1Cor 3,13). Mas, houve alguns que, combatendo em prol da piedade, em todo realismo e não apenas em imitação, suportaram a morte por Cristo. Eles não precisaram, para se salvar, do símbolo da água, uma vez que foram batizados no seu próprio sangue. Não falo desta maneira para excluir o batismo na água, mas a fim de derrubar os raciocínios desses homens exaltados que se opõem ao Espírito, misturam coisas que não se misturam, e igualam outras que não são comparáveis entre si.

16. *Em qualquer acepção, o Espírito Santo é inseparável do Pai e do Filho, quer se trate da criação dos seres inteligentes, quer da economia relativa aos homens, quer do juízo vindouro*

37. Voltemos ao início. O Espírito Santo em tudo é certamente inseparável do Pai e do Filho. S. Paulo, na epístola aos Coríntios, no trecho sobre o carisma das línguas, escreve: "Se, ao contrário, todos profetizarem, o incrédulo ou o simples ouvinte que entrar há de se sentir arguido por todos, julgado por todos; os segredos de seu coração serão desvendados; prostrar-se-á com o rosto por terra, adorará a Deus e proclamará que Deus está realmente no meio de nós" (1Cor 14,24-25). Efetivamente, se a profecia, ação do Espírito a distribuir os carismas, possibilita o reconhecimento da presença de Deus nos profetas, determinem nossos adversários que lugar querem destinar ao Espírito Santo. Seria mais justo pô-lo ao lado de Deus, ou expulsá-lo para o meio das criaturas? A repreensão de Pedro a Safira: "Por que combinastes entre vós tentar o Espírito Santo?" (At 5,9). "Não foi a homens que mentistes, mas a Deus" (At 5,4), mostra que pecar contra o Espírito Santo é pecar contra Deus. Isso nos ensina que em todas as ações o Espírito Santo está inseparavelmente unido ao Pai e ao Filho. Se Deus distribui ações e operações, e o Senhor dispõe sobre ministérios, o Espírito Santo está também presente, repartindo carismas como lhe apraz, de acordo com a dignidade de cada um. Pois declara o Apóstolo: "Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos" (1Cor 12,4-6). "Mas, isso tudo, é o único e mesmo Espírito que o realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz" (1Cor 12,11). Não se deve crer, visto que o Apóstolo neste trecho relembra primeiro o Espírito, em segundo lugar o Filho e em terceiro Deus Pai, que esteja a ordem completamente transtornada. Ao contrário, começa o Apóstolo à maneira do que costuma acontecer conosco. Ao recebermos um presente, primeiro encontramos quem no-lo entrega, depois pensamos naquele que o envia; em seguida nossa mente se eleva até a fonte e causa destes bens.

38. Podes aprender por meio dos seres criados desde o princípio qual a comunhão do Espírito com o Pai e o Filho. Pois as potências supracósmicas, puras e inteligentes, são na verdade santas, e assim são nomeadas, porque o Espírito Santo santificou-as por graça infusa. Mas foi conservada secreta a maneira como foram criadas as potências celestes. Pois, somente através das coisas sensíveis, o autor da narrativa da criação revelou-nos o Criador. Tu, porém, que tens a faculdade de conhecer as coisas invisíveis analogamente, através das coisas visíveis, glorifica o Autor, no qual foram criadas todas as coisas, visíveis e invisíveis, os Principados, as Potestades, as Virtudes, os Tronos, as Dominações, e os demais seres inteligentes que possam existir, mesmo se anônimos. Na criação deles, entendo como causa "principiadora" o Pai, como causa "demiúrgica" o Filho e "perfectiva" o Espírito, de tal modo que, por vontade do Pai, principiam os espíritos "servidores", por ação do Filho eles vêm a ser, e alcançam a perfeição pela presença do Espírito. Com efeito, a perfeição dos anjos encontra-se na santidade e está permanente. Ninguém pense que afirmo haver três "hipóstases-princípios", nem ser imperfeita a ação do Filho. Ora, existe apenas um princípio, que cria pelo Filho e perfaz no Espírito. Nem a atividade do Pai, que "realiza tudo em todos" (1Cor 12,6) é imperfeita, nem a operação criadora do Filho é deficiente, também se não é aperfeiçoada pelo Espírito. Pois, nem o Pai necessitaria do Filho, podendo criar somente por sua própria vontade, mas quer fazê-lo por meio do Filho; nem o Filho precisaria de auxiliar para agir à semelhança do Pai, quer, contudo, perfazer por meio do Espírito. "O céu foi firmado com a palavra do Senhor, e seu exército com o sopro de sua boca" (Sl 32,6). Por conseguinte, aqui palavra não significa a que, emitida pelo órgão da voz, produz uma vibração no ar, e exprime uma ideia, nem um sopro, proveniente das vias respiratórias e expirado pela boca, e sim o Verbo, que "no princípio estava com Deus e o Verbo era

Deus" (Jo 1,1). O "Sopro da boca de Deus", porém, é o "Espírito da Verdade, que vem do Pai" (Jo 15,26). Pensas, então, nos três: o Senhor que ordena, o Verbo que cria, o Sopro que confirma. Que significa, então, confirmar a não ser a perfeição da santidade, pois confirmar designa certamente ser firme, imutável, solidamente estabelecido no bem? Fora do Espírito, porém, não há santidade. As potências celestes não são santas por natureza. Do contrário, em nada seriam diferentes do Espírito Santo. Mas, na proporção da superioridade de uma sobre outra, recebem do Espírito a medida de sua santidade. Ora, como se concebe o cautério dependente do fogo, embora uma coisa seja, de fato, a matéria lançada ao fogo e outra, o próprio fogo, assim a substância das potestades celestes talvez seja um sopro aéreo, ou um fogo imaterial, conforme está escrito: "Fazendo dos ventos os teus mensageiros, das chamas de fogo os teus ministros" (Sl 103,4). Por isso, acham-se num lugar e tornam-se visíveis em forma corporal quando aparecem aos que merecem vê-los. Mas, a santidade, acima de sua essência, leva-os à perfeição, por comunicação do Espírito. Elas, porém, se conservam na sua dignidade, pelo fato de perseverarem no bem, porque, mantendo a livre escolha de seu prévio desígnio, jamais se apartam do verdadeiro bem. Imagina uma supressão do Espírito. Os coros angélicos seriam desfeitos, subtrair-se-iam as precedências entre os arcanjos, o conjunto todo ficaria revolucionado, a vida entre eles se tornaria ilegal, desordenada, indeterminada. Como, então, diriam os anjos: "Glória a Deus nas alturas" (Lc 2,14), se não houvessem recebido do Espírito poder para tal? Pois "ninguém pode dizer: 'Jesus é Senhor' a não ser no Espírito Santo, e ninguém que fale no Espírito de Deus, diz: 'Anátema seja Jesus!' " (1Cor 12,3). Talvez seja isso que tenham proferido os espíritos maus, os adversários, cuja queda comprova minha opinião, a saber, que as potências invisíveis são dotadas de livre-arbítrio, que mantém o fiel da balança a igual distância da virtude e do vício, e por isso mesmo necessitam do auxílio do Espírito. Asseguro que se também Gabriel predisse o futuro (Lc 1,30-33), não foi senão pela presciência do Espírito. Efetivamente, a profecia é um dos carismas distribuídos pelo Espírito. Donde veio ao enviado para anunciar os mistérios da visão ao homem dos desejos (Dn 10,10) a sabedoria a fim de revelar as coisas ocultas, senão do Espírito Santo? Com efeito, a revelação dos mistérios compete propriamente ao Espírito, segundo está escrito: "A nós, porém, Deus o revelou pelo Espírito" (1Cor 2,10). Os Tronos, porém, as Dominações, as Potestades e as Virtudes poderiam ter vida bem-aventurada, se não vissem "continuamente a face do Pai que está nos céus" (Mt 18,10)? Veem, não, porém, sem o Espírito. Com efeito, se à noite apagas a luz em tua casa, os olhos ficam em trevas, as forças paralisam-se, os valores tornam-se irreconhecíveis; sem que se perceba, pisam-se tanto o ouro quanto o ferro. De igual forma, espiritualmente não é possível sem o Espírito manter uma vida conforme as leis; tampouco, estando ausente o comandante, se conserva a boa ordem no exército, ou o coro, privado da direção do corifeu (*coryphaíos*), o acordo harmonioso. De que modo poderiam cantar os serafins: "Santo, santo, santo" (Is 6,3), se o Espírito não lhes tivesse tantas vezes ensinado quão piedoso é aclamar com esta doxologia? Então, se todos os anjos e todas as potências louvam a Deus, é por ação do Espírito. Se milhares de milhares de anjos e miríades de miríades de ministros estão junto dele, na força do Espírito eles cumprem irrepreensivelmente a própria obra. Toda essa harmonia supraceleste e inefável no serviço de Deus e na sinfonia das potências supracósmicas não poderia suceder sem a direção do Espírito. Assim, pois, na ação criadora está presente o Espírito Santo aos seres que não alcançam progressivamente a perfeição, mas de maneira imediata foram criados já perfeitos. O Espírito está presente para dar pleno acabamento à substância dos anjos, infundindo-lhes a graça.

39. No referente à economia adotada para o homem por "nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo" (Tt 2,13), segundo a bondade de Deus, quem contestará que se realize pela graça do Espírito? Quer se pondere o passado, quer as bênçãos dos patriarcas, ou o socorro proporcionado pelo dom da Lei, ou ainda os tipos, as profecias, os valorosos feitos de guerra, os milagres operados pelos justos, ou as determinações atinentes à manifestação da encarnação do Senhor, tudo isso se cumpriu por meio do Espírito. Em primeiro lugar, estava junto da carne do Senhor, enquanto unção, e dele sendo inseparável, conforme está escrito: "Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer, é o meu Filho bem-amado" (Jo 1,33; Lc 3,22), e "Jesus de Nazaré, que Deus ungiu com o Espírito Santo" (At 10,38). Em seguida, em toda a atividade de Cristo o Espírito estava presente. Estava também por ocasião da tentação do diabo. Pois, está escrito: "Então Jesus foi levado pelo Espírito para o deserto a fim de ser tentado" (Mt 4,1). Mantinha-se inseparável de Jesus quando este fazia os milagres. Diz o Evangelho: "Mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios…" (Mt 12,28). O Espírito não o deixou após a sua ressurreição dentre os mortos. Efetivamente, o que disse o Senhor, ao renovar o homem e lhe restituir a graça que ele recebera do sopro de Deus, soprando sobre a face dos discípulos? "Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados: aqueles aos quais não perdoardes ser-lhes-ão retidos" (Jo 20,22-23). E não constitui obra do Espírito, de maneira evidente e sem contradição, a boa organização da Igreja? Foi ele, diz o Apóstolo, que deu à Igreja "em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores... Vem, a seguir, o dom dos milagres, das curas, da assistência, do governo e o de falar diversas línguas" (1Cor 12,28). Esta ordem, porém, coincide com a distribuição que o Espírito faz de seus dons.

40. Talvez, conforme pensam alguns, se possa concluir, raciocinando bem, que mesmo por ocasião da esperada manifestação do Senhor, vindo do céu, o Espírito Santo não será inoperante; mas estará também presente, no dia da revelação do Senhor quando o Bendito e único Soberano (1Tm 6,14-15) há de julgar toda a terra com justiça. Ora, quem será tão ignorante acerca dos bens preparados por Deus aos que deles são dignos que não perceba consistir a coroa dos justos na graça do Espírito, oferecida então com maior abundância e perfeição, quando a glória espiritual for distribuída a cada um na proporção de suas ações virtuosas? No esplendor dos santos há, de fato, muitas moradas junto do Pai (Jo 14,2), isto é, honras diversas. " E até de estrela para estrela há diferença de brilho. O mesmo se dá com a ressurreição dos mortos" (1Cor 15,41-42). Ora, aqueles que foram marcados com o selo do Espírito Santo para o dia da redenção (Ef 1,13-14), e conservaram íntegras e puras as primícias do Espírito que receberam, ouvirão a palavra: "Muito bem, servo bom e fiel! Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei" (Mt 25,21). De outro lado, aos que entristecem o Espírito pela maldade de seus costumes, ou aos que não empregaram bem os próprios dons, ser-lhes-á subtraído o que haviam recebido, e as dádivas serão transferidas a outros, ou, segundo um dos evangelistas, serão verdadeiramente partidos ao meio (Mt 24,51). A expressão: "Ser partido ao meio" significa ser completamente apartado do Espírito. Não se divide um corpo, a fim de que uma parte seja entregue ao suplício e outra fique livre. Seria um mito. Um juiz justo, sabendo que o todo é culpado, não castigará apenas a metade. Nem a alma pode ser cortada em duas, mas é ela globalmente que concebe o pensamento culpado e com o corpo coopera no mal. "Ser partida ao meio" representa, para a alma, como já disse, uma separação definitiva do Espírito. Entretanto, se o Espírito não se envolve com os indignos, parece, todavia, tornar-se de algum modo presente aos que uma vez foram marcados com o selo, aguardando que eles se convertam e se salvem. Do contrário,

será totalmente desligado da alma que tiver profanado sua graça. "Pois na morte ninguém se lembra de ti, quem te louvaria no Hades" (Sl 6,6)? De fato, lá não existe assistência da parte do Espírito. Como, então pensar que sem o Espírito Santo se realizará o juízo, se a Palavra de Deus mostra ser ele também o prêmio dos justos, quando se trocarem as arras pela plenitude, e igualmente há de ser a principal condenação dos pecadores, quando forem privados mesmo do que pareciam possuir? A prova mais convincente da união do Pai e do Filho com o Espírito, é afirmar a Escritura que o Espírito se acha para com Deus como nosso espírito está em relação com nós mesmos. "Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus" (1Cor 2,11). Sobre o assunto, basta.

17. *Àqueles que afirmam não ser o Espírito Santo "co-enumerado" com o Pai e o Filho, mas ser "subenumerado". Neste capítulo se faz também um rápido sumário da fé acerca da piedosa "co-enumeração"*

41. Não é fácil entender o que eles chamam de "subenumeração", qual o significado atribuído ao termo. De fato, ninguém ignora ser ele um empréstimo feito da sabedoria deste mundo. Examinaremos se possui afinidade com o nosso assunto. Com efeito, afirmam eles, tão entendidos em futilidades, que há nomes comuns de significado extenso e nomes mais particulares, uns com sentido mais restrito que outros. É comum, por exemplo, o nome de "essência", porque é imposto a todos os seres, tanto animados quanto inanimados. O termo "animal", contudo, é certamente próprio, pois é mais limitado do que "essência", embora mais extenso do que parece, uma vez que abrange seres racionais e irracionais. Ainda "homem" determina mais do que "animal", "varão" mais do que "homem" e cada indivíduo, como Pedro, ou Paulo, ou João mais do que "varão". O conceito que eles têm de "subenumerar" seria a divisão do gênero em seres que o restringem? Mas, não posso acreditar que cheguem à loucura de assegurar ser o Deus do universo algo de muito geral, simplesmente nocional, sem nada absolutamente de subsistência, dividido em vários indivíduos; e ainda, chamam esta subdivisão de "subenumeração". Nem loucos o diriam, pois além de ímpio, constituiria argumento contrário a seu propósito. Pois o que é subdividido é da mesma essência que aquilo que é dividido. Mas aparentamos, perante tão grande estultícia, ter perdido a razão e não saber como atacar esta falta de lógica, a tal ponto que parecem tirar proveito de sua loucura. Do mesmo modo que não se aplicam duros golpes a corpos doentios e inconsistentes, por não oferecerem resistência, não se apresenta argumento vigoroso aos evidentemente loucos. Resta, pois, calar o que essa impiedade tem de abominável. Todavia, nem a caridade devida aos irmãos, nem a maldade dos adversários me permitem calar.

42. Mas, o que dizem eles? Notai de que se vangloriam! — Afirmamos que aos seres que merecem a mesma honra convém a "co-enumeração", e a "subenumeração", aos de condição inferior. — Com efeito, por que falais assim? Não compreendo vossa estranha sabedoria. Uma vez que o ouro é "co-enumerado" com o ouro, o chumbo é indigno de ser "co-enumerado" com o ouro, mas enquanto matéria de baixo preço seria "subenumerado"? Atribuis, pois, ao número força tal que aumente o valor das coisas vis ou rebaixe o das coisas preciosas? Então, seria também necessário "subenumerar" o ouro em confronto com as pedras preciosas e delas "subenumerar" diante das mais brilhantes e maiores, as foscas e menores. No entanto, que diriam aqueles que passam o tempo a falar

ou ouvir novidades? Enfim, esses coletores de impiedades sejam contados entre os estoicos e epicureus. Que "subenumeração" pode ocorrer de objetos menos honrosos a outros de maior valor? Como "subenumerar" ao estáter de ouro o óbulo de cobre? — Nós não declaramos, dizem eles, possuir duas moedas, e sim um estáter e um óbulo. Qual das duas então se há de "subenumerar" relativamente à outra? Efetivamente, ambas são designadas da mesma forma. Se, portanto, contares cada uma por si, atribui-lhes honra igual, contando-as da mesma maneira; mas se as reúnes, novamente as igualas em dignidade, "co-enumerando" a ambas. Se, porém, em segunda contagem, retorna a "subenumeração", depende daquele que conta começar pela moeda de cobre. Mas, deixemos para mais adiante convencê-los de ignorância e voltemos à parte mais importante.

43. Assegurais ser o Filho "subenumerado" ao Pai, e o Espírito ao Filho, ou a "subenumeração" é privativa do Espírito? Se, de fato, "subenumerais" o Filho, renovais a mesma doutrina ímpia, a saber, existir desigualdade quanto à essência, haver diminuição de dignidade, ser posterior a origem; em resumo, verificar-se-á simultaneamente uma restauração de todas as blasfêmias contra o Unigênito, por uma única palavra. Replicar-lhes seria tarefa além de nosso presente escopo. Tanto mais que, em outra obra, à medida de nossas forças, refutamos essa impiedade. Se, porém, eles acreditam que só ao Espírito convém a "subenumeração", tomem conhecimento de que o Espírito é nomeado *com* o Senhor do mesmo modo que o Filho *com* o Pai. Com efeito, o nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo foram igualmente dados. Por conseguinte, o Espírito acha-se relativamente ao Filho, como o Filho para com o Pai, segundo a ordem das palavras transmitidas no batismo. Se, porém o Espírito está coordenado com o Filho, é claro, uma vez que o Filho o está com o Pai, que o Espírito também esteja coordenado ao Pai. Que lugar resta para dizer que um é "co-enumerado" e o outro "subenumerado", quando seus nomes estão dispostos juntos numa só e mesma ordem? Em suma, qual dentre os seres foi privado de sua própria natureza por ter sido contado? O que é contado não subsiste conforme era por natureza desde a origem? O número não é para nós sinal que designa a multiplicidade de indivíduos? De fato, a alguns corpos contamos, a outros medimos, e a outros pesamos. Adquirimos conhecimento dos contínuos por natureza, medindo-os. Aos descontínuos, contamo-los, excetuando os mais tênues, até que se tornem mensuráveis. Quanto aos corpos pesados ponderamo-los na balança. Pelo fato de termos concebido sinais para conhecermos a quantidade, nem por isso mudamos a natureza das coisas por eles representadas. Assim, quanto aos seres pesados, não os subpesamos a outros, também se um é de ouro e o outro de estanho, nem submedimos os seres mensuráveis; sem dúvida alguma, não "subenumeramos" os elementos aritméticos. Ora, se nada é "subenumerado", como podem afirmar que convém ao Espírito ser "subenumerado"? Estão atacados da doença dos pagãos, que julgam conveniente "subenumerar" os seres inferiores em grau de dignidade e em sua essência.

18. *Como se conserva a piedosa doutrina da "monarquia", embora se confesse acreditar nas três hipóstases. Ainda a refutação dos que afirmam a "subenumeração" do Espírito*

44. Ao nos fazer o Senhor a revelação do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Mt 28,19), não os revelou com um número. De fato, não disse: no primeiro, e no segundo e no terceiro; nem em um, e em dois e em três, mas através dos santos nomes concedeu-nos o conhecimento da fé que conduz à salvação. De fato, o que nos salva é a fé. O número, porém, concebe-se como um sinal que dá a

conhecer a quantidade nos sujeitos. Aqueles, contudo, que sempre acumulam danos contra si mesmos, utilizam contra a fé até a numeração, e embora ser algum se tenha alterado pela adição de uma unidade, cuidam de aplicar um número à natureza divina, para deste modo não honrarem o Paráclito além de certa medida. Mas, ó ilustres sábios, é preferível que o Inacessível esteja acima da numeração. A antiga piedade dos hebreus empregava sinais particulares para assinalar o nome inefável de Deus, demonstrando assim a sua superioridade sobre todos os seres. E se importa contar, ao menos não se falsifique a verdade. Ou, com o silêncio se venerem as coisas inefáveis, ou que se enumerem piedosamente as coisas santas. Há um só Deus Pai, um só Filho Unigênito, um só Espírito Santo. Anunciamos cada uma das hipóstases singularmente. E se fosse conveniente "co-enumerar", não nos deixaríamos levar por rude enumeração a uma ideia politeísta.

45. Ora, não contamos adicionando, partindo da unidade para a multiplicidade, pois não contamos: um, dois, três; nem: primeiro, segundo, terceiro. Mas, "eu sou o primeiro e o último" (Ap 22,13). Até hoje, porém, não ouvimos falar de segundo Deus, pois, adorando um: "Deus de Deus", confessamos a propriedade das hipóstases e mantemos a "monarquia", sem fragmentar a teologia, visto que em Deus Pai e em Deus Unigênito apenas se contempla, por assim dizer, uma forma refletida qual em espelho na imutável divindade. De fato, o Filho está no Pai e o Pai está no Filho (Jo 14,10), uma vez que este é como aquele e aquele é tal qual este, e assim são um. Por isso, segundo a propriedade das pessoas, são um e um, mas segundo a comunhão da natureza, os dois são um. Como, então, sendo um e um, não são dois deuses? Porque se denomina rei também à imagem do rei, e não se diz que são dois reis. Efetivamente, nem a potência se reparte, nem a glória se divide. Assim como é uma a autoridade que nos governa e único o poder, também a glória que lhe prestamos é uma só, e não múltipla, porque a veneração da imagem se transfere ao protótipo. O mesmo que o Filho é por natureza, é aqui a imagem por imitação. Assim como nas artes, a semelhança segue a forma, na natureza divina, que é simples, a unidade encontra-se na comum posse da divindade. O Espírito Santo também é um, e também pode ser anunciado separadamente. Por meio do Filho que é um, ele se religa ao Pai, que também é um, e por si completa a Trindade bem-aventurada, digna de todo louvor. Sua intimidade com o Pai e o Filho manifesta-se devidamente no fato de não estar classificado no meio da multidão das criaturas, e ser singularmente nomeado. Não é um pela reunião de muitas partes, mas é absolutamente um. Como o Pai é um e um é o Filho, assim também é um o Espírito Santo. Está, portanto, tão afastado da natureza criada quanto o que é um está longe do que é composto e múltiplo. Está tão intimamente unido ao Pai e ao Filho quanto a unidade à unidade.

46. Comprova a comunhão de natureza não somente tudo isso, mas ainda porque se diz provir ele de Deus. Não da mesma forma como todas as coisas são de Deus, mas enquanto ele procede de Deus; não por geração como o Filho, mas como Espírito da boca de Deus. A palavra "boca" aqui não significa absolutamente um membro do corpo, nem Espírito assinala um sopro que se perde; mas por esta "boca" entenda-se algo que seja digno de Deus, e Espírito designe uma essência viva, senhora da santificação. Certamente, daí se deduz intimidade, mas sua maneira de existir permanece inefável. Ele é denominado também "Espírito de Cristo" a este intimamente unido por natureza. Consequentemente, "quem não tem o Espírito de Cristo, não pertence a ele" (Rm 8,9). Por isso, somente o Espírito louva dignamente o Senhor, pois este afirma: "Ele me glorificará" (Jo 16,14), não como a criação, mas como Espírito de verdade, que manifesta claramente em si a verdade, e como Espírito de sabedoria que revela, em sua própria grandeza, o Cristo, Poder de Deus e Sabedoria de

Deus. Como Paráclito, exprime em si a bondade do Paráclito que o enviou e na sua própria dignidade mostra a grandeza daquele do qual saiu. Há, pois, uma glória natural, como a glória do sol é a luz; e uma glória extrínseca, oferecida livremente, com ponderação, aos que dela são dignos. Ela é dupla. Ora, diz o profeta: "Um filho honra o pai, um servo o seu senhor" (Ml 1,6). A criação fornece o que é servil; o outro, porém, por assim dizer, vem da família, por meio do Espírito. O próprio Senhor dizia de si mesmo: "Eu te glorifiquei na terra, concluí a obra que me encarregaste de realizar" (Jo 17,4). Também diz do Paráclito: "Ele me glorificará, porque receberá do que é meu e vos anunciará" (Jo 16,14). O Pai glorifica o Filho, declarando: "Eu o glorifiquei e o glorificarei novamente" (Jo 12,28). Igualmente o Espírito é glorificado por estar em comunhão com o Pai e o Filho e por testemunho do Unigênito, nesses termos: "Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada" (Mt 12,31).

47. Quando, através de uma potência iluminadora, fixamos o olhar na beleza da Imagem do Deus invisível, e por meio dela, nos elevamos à visão belíssima do arquétipo, está de modo inseparável presente o Espírito do conhecimento, oferecendo em si a força para se contemplar a Imagem àqueles que gostam de ver a Verdade. Não faz a demonstração de fora, mas fá-la reconhecível em si mesmo. Pois "ninguém conhece o Pai senão o Filho" (Mt 11,27), assim como "ninguém pode dizer: 'Jesus é Senhor' a não ser no Espírito Santo" (1Cor 12,3). Com efeito, não foi dito: "pelo Espírito", e sim "no Espírito". "Deus é Espírito, e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito, e verdade" (Jo 4,24). Conforme está escrito: "Em tua luz nós vemos a luz" (Sl 35,10), isto é, com a iluminação do Espírito, veremos "a luz verdadeira que, vindo ao mundo, ilumina todo homem" (Jo 1,9). Assim, em si ele mostra a glória do Unigênito, e aos verdadeiros adoradores ele concede o conhecimento de Deus. Ora, o caminho do conhecimento de Deus estende-se do Espírito que é um, pelo Filho que é um, até o Pai que é um, e vice-versa, a bondade natural e a santidade natural, e a dignidade real partem do Pai, pelo Filho, até o Espírito. Assim também confessamos as hipóstases, sem quebra da piedosa doutrina da monarquia. Os que, porém, afirmam estar a "subenumeração" no dizer: "primeiro, segundo e terceiro" saibam que estão introduzindo na teologia imaculada dos cristãos o politeísmo dos erros pagãos. Ora, o crime da "subenumeração" a outra coisa não leva senão à confissão de que há Deus primeiro, segundo e terceiro. A nós basta a ordem estabelecida pelo Senhor; transtorná-la não seria crime menor que a impiedade deles. Foi dito bastante que nada, conforme seu engano, tem que ver a comunhão segundo a natureza com esta opinião de "subenumeração". Mas, concordemos com este contraditor estulto e concedamos que o primeiro possa ser "subenumerado" ao segundo. Vejamos o resultado.

Diz o Apóstolo: "O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem (o Senhor) vem do céu", e em outro trecho: "Primeiro foi feito não o que é espiritual, mas o que é psíquico; o que é espiritual, vem depois" (1Cor 15,46). Se, pois, o segundo deve ser "subenumerado" relativamente ao primeiro, o "subenumerado" é menos honroso que aquele sob o qual é enumerado; o "espiritual", portanto, é segundo vossa opinião menos honroso do que o psíquico, e o homem "celeste" do que o homem "terrestre"!

19. *Contra os que asseveram que não se deve glorificar o Espírito*

48. Seja, dizem eles. Mas não se deve absolutamente glorificar o Espírito, exaltando-o com hinos de louvor. De onde, então, extrairemos provas da dignidade do Espírito, se a comunhão com o Pai e o

Filho não for testemunho fidedigno de sua dignidade? É lícito, porém, olhar de relance o sentido de seus nomes, a grandeza de suas ações, a efusão de seus benefícios sobre nós, ou antes sobre toda a criação, para perceber ao menos um pouco de sua natureza sublime, de seu poder inacessível. Chama-se Espírito como "Deus é Espírito" (Jo 4,24) e "o Espírito de nossa face, o Ungido do Senhor" (Lm 4,20). É denominado "Santo", como o Pai é santo, e santo é o Filho. Quanto às criaturas, recebem de outrem a santificação, mas para o Espírito a santidade é integrante de sua natureza. Por conseguinte, ele não é santificado, mas santificador. É "bom" como o Pai é bom, e bom aquele que foi gerado do bom; tem a bondade por essência. É "reto" (Sl 91,16), como o Senhor Deus é reto; efetivamente, é em si mesmo verdade e justiça e não pode desviar-se, nem vergar, sendo imutável por natureza. É chamado "Paráclito" da mesma forma que o Unigênito, conforme este mesmo disse: "Rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito" (Jo 14,16). Por conseguinte, são comuns os nomes dados ao Pai, e ao Filho e ao Espírito, que recebe tais denominações em vista da intimidade entre eles, por natureza. Do contrário, como lhe sucederia isto? Recebe ainda as denominações de "Espírito que governa", e "Espírito de verdade", "Espírito de sabedoria". "Foi o Espírito divino que me fez" (Jó 22,4, sg LXX). E: "Deus encheu Beseleel com o Espírito divino em sabedoria, habilidade e perícia" (Ex 31,3). São estes os nomes do Espírito, extraordinariamente grandes, mas de forma alguma o exaltam em demasia.

49. Como são as suas ações? É impossível narrar sua grandeza ou contar a multidão delas. Como pensar no que é anterior aos séculos? Quais as suas ações antes de existirem as criaturas inteligentes? Qual o número de seus benefícios para com as criaturas, seu poder relativamente aos séculos futuros? Pois, ele era, preexistia e estava presente antes dos séculos com o Pai e o Filho. Se pensares, portanto, em um ser que existisse antes dos séculos, descobririas que é posterior ao Espírito. Refletes sobre a criação? As potências dos céus foram consolidadas pelo Espírito, e tal consolidação, é claro, consiste numa estabilidade nos bons hábitos. De fato, a intimidade com Deus, a imutabilidade diante do mal, e a permanência na felicidade provêm da fortaleza do Espírito. O Espírito precede a vinda de Cristo. É inseparável da sua manifestação na carne. Os milagres, o carisma das curas, foram produzidos por ação do Espírito Santo. Os demônios foram expulsos por meio do Espírito de Deus. A presença do Espírito venceu o diabo. A remissão dos pecados realizou-se por graça do Espírito. "Mas vós vos lavastes e fostes santificados em nome de nosso Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito Santo" (1Cor 6,11). A familiaridade com Deus se mantém por obra do Espírito Santo, pois "enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: 'Abba, Pai!' " (Gl 4,6). A ressurreição dos mortos se realiza por ação do Espírito. "Envias teu Espírito e eles são criados e assim renovas a face da terra" (Sl 103,30). Se interpretarmos essa criação como a revivescência de seres já corrompidos, como não é possante a ação do Espírito que nos destina uma vida de ressuscitados e readapta nossas almas a essa vida espiritual? Se, porém, dermos o nome de criação à transformação para melhor dos que haviam caído no pecado (é costume da Escritura exprimir-se assim, por exemplo, como diz Paulo: "Se alguém está em Cristo, é nova criatura" — 2Cor 5,17), se criação for a renovação realizada aqui na terra, e a mudança de uma vida terrestre e passível em cidadania celeste, por obra do Espírito em nós, isto provoca em nossa alma imensa admiração. Diante disso, que faremos? Temer ultrapassar a medida do que ele merece, honrando-o em demasia, ou, ao invés, diminuir o conceito que dele formamos, também se o engrandecermos com os nomes mais belos formados pela mente ou pelos lábios humanos? Assim diz o Espírito Santo, como assim diz o Senhor: "Desce, e vai com eles sem hesitação, porque fui eu que os enviei" (At 10-

20). Seriam estas expressões de alguém de condição humilde, paralisado de temor? "Separai-me Barnabé e Saulo para a obra a que os destinei" (At 13,2). Acaso fala assim um escravo? "E agora o Senhor com o seu Espírito me enviou" (Is 48,16, sg LXX), diz Isaías, e "o Espírito desceu de junto do Senhor, e os guiou". Mas, não consideres ser humilde serviço o de guiar, pois a própria Escritura atesta constituir obra do Senhor: "Guiaste o teu povo como um rebanho" (Sl 76,21), e também: "Guias a José como um rebanho" (Sl 79,1). E ainda: "Guiou-os com segurança e não temeram" (Sl 77,53). Mas, ao ouvires: "quando vier o Paráclito, ele vos recordará, e vos conduzirá à verdade plena" (Jo 14,26; 16,13), concebe a ação de guiar conforme aprendeste e não a calunies.

50. Além disso, "ele intercede por nós", diz o Apóstolo (Rm 8,26). Por conseguinte, o Espírito está tão abaixo de Deus em dignidade quanto um suplicante dista de seu benfeitor. — Nunca ouviste dizer que o Unigênito está à direita de Deus, e intercede por nós (Rm 8,34)? Apesar de estar o Espírito em ti (se, de fato, está em ti) e de nos ensinar a nós, cegos, a escolher o que for mais útil, não fique prejudicada a doutrina pia e sagrada que temos a seu respeito. Seria o cúmulo da insolência fazer do amor que aos homens dedica o benfeitor uma oportunidade de manifestar ingratidão."Não entristeçais o Espírito Santo" (Ef 4,30).Ouvi o que dizia Estêvão, o primeiro mártir, ao censurar a indocilidade e insubmissão do povo: "Vós sempre resistis ao Espírito Santo!" (At 7,51). E Isaías: "Mas eles magoaram o seu Espírito Santo. Foi então que ele se transformou em seu inimigo" (Is 63,10). E em outra passagem: "A casa de Jacó irritou o Espírito do Senhor". Tudo isso não assinala um poder soberano? Deixo ao leitor julgar o que opinar diante desses trechos. Referem-se a um instrumento, a um sujeito, a um ser que mereça honra igual à de uma criatura, a um companheiro de servidão? Não seria peso insuportável para os homens piedosos suportarem, ainda que somente em palavras, tal blasfêmia? Afirmas que o Espírito é servo? "O servo não sabe o que seu amo faz" (Jo 15,15). Ora, o Espírito conhece o que há em Deus como o espírito do homem sabe o que há no homem (1Cor 2,11).

20. *Contra os que afirmam que o Espírito não é de condição servil, nem de condição senhoril, e sim livre*

51. O Espírito, dizem eles, não é escravo, nem senhor, mas é livre. Espantosa insensibilidade, miserável temeridade dos que assim falam! O que é neles mais lastimável: a estultícia ou a blasfêmia? Insultam a doutrina teológica com exemplos tirados das realidades humanas, e tentam aplicar à inefável natureza divina o costume terreno de diferenças em dignidade. Não refletem que não existe homem algum escravo por natureza. Uns foram reduzidos à escravidão por opressão como os prisioneiros de guerra; outros devido à penúria, como os egípcios sob os Faraós; ou ainda por um sábio e inexplicável desígnio, decidiria um pai que os filhos menos dotados servissem aos irmãos mais prudentes e melhores, o que não constituiria propriamente condenação, e sim benefício, diria um justo observador. Efetivamente, é preferível para quem carece de bom senso e domínio natural de seus atos, tornar-se possessão de outro. Orientado pela razão do amo, assemelhe-se a um carro dirigido por um cocheiro, a uma nave com um piloto ao leme. Assim, Jacó foi estabelecido senhor de Esaú pela bênção do pai (Gn 27,29-40), a fim de que o insensato recebesse, embora de má vontade, os benefícios do irmão prudente, uma vez que não era capaz de cuidar de si. E: "Canaã seja, para seus irmãos, o último dos escravos!" (Gn 9,25), porque ele ignorava a virtude, tendo tido um pai sem inteligência, Cam. Isso relativamente aos escravos. São livres, ao invés, os isentos de penúria ou guerra, ou de responderem por outrem. Se um recebe o nome de senhor, outro de escravo, entretanto,

somos todos companheiros de servidão, por merecer igual respeito e ser possessão daquele que nos fez. Sendo assim, quem pode nos liberar da escravidão? Simultaneamente com a criação estabelece-se a escravatura. Os seres celestes não se combatem mutuamente, porque desconhecem a ambição de domínio, mas todos se curvam diante de Deus, e lhe prestam a reverência que lhe compete qual Senhor e dão-lhe a glória devida ao Criador. Pois "um filho honra o pai, um servo o seu senhor". Destas duas espécies de reverência, Deus exige absolutamente uma delas: "Se eu sou pai, onde está a minha honra? Se eu sou senhor, onde está o meu temor?" (Ml 1,6-7). De outro lado, seria misérrima a vida que não estivesse sob o olhar do Senhor. Tal foi a sorte das potências rebeldes que, erguendo a cerviz contra o Deus onipotente, revoltaram-se contra a servidão, embora não fossem por natureza de outra condição, mas por insubmissão relativamente ao seu autor. A quem chamas de homem livre? Aquele que não tem rei? Aquele que não tem poder de governar e recusa ser governado? Mas, não existe tal natureza entre as criaturas, e pensar isso acerca do Espírito constitui impiedade evidente! Por conseguinte, se o Espírito é criado, sem dúvida é escravo como as criaturas, pois diz a Escritura: "Todas as criaturas te servem" (Sl 118,91). Mas, se o Espírito está acima da criação, ele participa da realeza.

21. *Testemunhos das Escrituras que permitem dar ao Espírito a denominação de "Senhor"*

52. Mas, que vale combater por meio de humilde argumentação, obtendo uma vitória inglória para a doutrina, quando é possível apresentar exemplos mais honrosos para demonstrar a excelência irrefutável da glória do Espírito? Se repetimos o que aprendemos da Escritura, talvez logo os adversários do Espírito comecem a clamar com intensidade e veemência, tapem os ouvidos, apanhem pedras ou o que estiver a seu alcance, e cada qual, fabricando as próprias armas, nos atacará. A segurança, contudo, não é preferível à verdade. Efetivamente, encontramos nos escritos do Apóstolo: "Que o Senhor conduza os vossos corações para o amor de Deus e a constância de Cristo nas tribulações" (2Ts 3,5). Quem é este "Senhor" que conduz "para o amor de Deus e a constância de Cristo nas tribulações"? Respondam-nos os que rebaixam o Espírito à condição de escravo. Se a locução se referisse ao Pai, ter-se-ia dito, absolutamente: "Que o Senhor vos conduza em seu amor". Se fosse atinente ao Filho, ter-se-ia acrescentado: "em sua constância". Que eles procurem, então, quem será esta outra Pessoa, digna de ser honrada com o título de Senhor. Assemelha-se a esta a seguinte passagem: "A vós, porém, o Senhor faça crescer e ser ricos em amor mútuo e para com todos os homens, a exemplo do amor que nós vos temos. Queira ele confirmar os vossos corações numa santidade irrepreensível, aos olhos de Deus, nosso Pai, por ocasião da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo com todos os santos" (1Ts 3,12-13). A qual "Senhor" pede o Apóstolo "queira confirmar o coração" dos fiéis de Tessalônica "numa santidade irrepreensível, aos olhos de Deus, nosso Pai, por ocasião da vinda de nosso Senhor?". Respondam-nos os que põem o Espírito Santo entre os "espíritos servidores, enviados a serviço" (Hb 1,14). Ora, eles nada podem replicar. Por isso, escutem também outro testemunho claro, que dá ao Espírito o nome de "Senhor": "Pois o Senhor é Espírito" (2Cor 3,17). E ainda: "Pela ação do Senhor, que é Espírito" (2Cor 3,18). Tendo em vista não dar oportunidade alguma de contradição, repito a passagem do Apóstolo: "Sim; até hoje, todas as vezes que leem o Antigo Testamento, este mesmo véu permanece. Não é retirado, porque é em Cristo que ele desaparece… É somente pela conversão ao Senhor que o véu cai. Pois o Senhor é o Espírito" (2Cor 3,14.16-17). Por que razão assim se exprime? Porque aquele que se

apega à letra, e se limita às prescrições legais, tem o coração de certo modo velado por uma interpretação literal, à semelhança dos judeus. Assim acontece devido à ignorância de que a observância material da Lei foi abolida por ocasião da vinda de Cristo, e enfim, que os tipos agora se transformaram em realidade. As lâmpadas são desnecessárias quando aparece o sol; e a Lei é obsoleta, as profecias silenciam, ao manifestar-se a realidade. Quem, contudo, for capaz de perscrutar o sentido profundo das prescrições legais, de retirar esta espécie de véu, a obscuridade da letra, e puder penetrar nestes mistérios, esse imita Moisés, que tira o véu para falar com Deus, retornando também ele da letra ao espírito. Assim, a obscuridade dos ensinamentos da Lei é análoga ao véu que cobria a face de Moisés, e a ação de voltar-se para o Senhor corresponde à contemplação espiritual. Aquele que, na leitura da Lei contorna a letra, volta-se para o Senhor (aqui é o Espírito que recebe o nome de Senhor), e assemelha-se a Moisés, cuja face resplandecia diante da manifestação de Deus. Os seres postos perto de cores brilhantes ficam também coloridos pelo fulgor que elas emitem; assim igualmente se alguém fixa intensamente o olhar no Espírito, a glória deste o transforma em algo de mais resplandecente, porque a verdade provinda do Espírito de certa maneira ilumina de cima o coração. Nisto consiste ser transfigurado pela glória do Espírito em sua própria glória (Ex 34,34), não com parcimônia, nem imperceptivelmente, mas à medida que é capaz aquele que o Espírito ilumina. Não te perturbes, ó homem, com a palavra do Apóstolo: "Sois o templo de Deus e o Espírito de Deus habita em vós" (1Cor 3,16). Por acaso, a habitação de um escravo foi honrada com o título de templo? Por que razão aquele que declara ter sido a Escritura "inspirada por Deus", por ter sido escrita sob o sopro do Espírito Santo (2Tm 3,16), não emprega uma linguagem que o ultraje e rebaixe?

22. *Prova-se possuir o Espírito comunhão de natureza com o Pai e o Filho, por ser tão difícil contemplá-lo quanto ao Pai e ao Filho*

53. A superioridade de natureza do Espírito é cognoscível não apenas pelo fato de receber ele as mesmas denominações que o Pai e o Filho, mas ainda por ser igualmente tão difícil contemplá-lo. Efetivamente, tendo sido dito acerca do Pai que ele ultrapassa toda compreensão humana, e do Filho também a mesma coisa, o Senhor fala de maneira idêntica sobre o Espírito Santo. "Pai justo, diz-se, o mundo não te conheceu" (Jo 17,25). Aqui não se dá o nome de mundo ao universo, o céu e a terra, mas a esta vida perecível, sujeita a inúmeras mudanças. Sobre si mesmo, ele declara: "Ainda um pouco e o mundo não mais me verá, mas vós me vereis" (Jo 14,19). Aqui ainda ele chama de mundo a todos os que se acham apegados à vida material e carnal, que só acreditam no que seus olhos veem, e que por falta de fé na ressurreição de forma alguma hão de ver o Senhor com os olhos do coração. Ele se referiu ao Espírito nos mesmos termos: "O Espírito de verdade, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. Vós o conheceis, porque permanece convosco" (Jo 14,17). O homem carnal, porém, não tendo o espírito exercitado na contemplação, ou antes inteiramente sepultado num lamaçal, os pensamentos e as inclinações carnais (cf. Rm 8,6), não consegue erguer os olhos para a luz espiritual da verdade. Por isso, o mundo, isto é, a vida sujeita às paixões carnais, não acolhe a graça do Espírito, assim como um olho doente não aceita a luz de raios do sol. Ao contrário, aos seus discípulos, o Senhor, após atestar terem eles a vida purificada por meio de seus ensinamentos, desde agora fá-los alcançar a contemplação dos mais altos mistérios do Espírito. "Vós já estais puros, por causa da palavra que vos fiz ouvir" (Jo 15,3). Ora, "o mundo não o pode acolher,

porque não o vê. Vós o conheceis, porque permanece convosco" (Jo 14,17). O mesmo diz Isaías: "Firmou a terra e tudo o que dela brota, deu o alento aos que a povoam, e o Espírito aos que a calcam aos pés" (Is 42,5). Com efeito, os que calcam aos pés as coisas terrestres e se elevam acima delas, são dignos das dádivas do Espírito Santo, conforme atesta a Escritura. Que pensar ou que honras tributar àquele que o mundo não pode conter, e que somente os santos, devido à pureza do próprio coração, podem contemplar?

23. *Enumerar as denominações do Espírito é também glorificá-lo*

54. Acredita-se que, das outras potências, cada qual se encontra em determinado lugar. Pois o anjo que apareceu a Cornélio não se achava simultaneamente junto de Filipe (At 8,26; 10,3), nem o que falava junto do altar com Zacarias (Lc 1,11ss) ocupava no mesmo instante seu lugar no céu. Quanto ao Espírito, ao contrário, acredita-se que simultaneamente agia a favor de Habacuc e de Daniel em Babilônia (Dn 14,33) e que estava junto à grade levadiça com Jeremias (Jr 20,2) e com Ezequiel às margens do Cobar (Ez 1,1). Pois "o Espírito do Senhor enche o universo" (Sb 1,7), e: "Para onde ir, longe do teu Espírito? Para onde fugir, longe da tua presença?" (Sl 138,7). E o profeta: "Porque eu estou convosco — oráculo do Senhor — e o meu Espírito permanecerá entre vós" (Ag 2,5-6). Mas, de que natureza cremos ser aquele que se acha em toda a parte, e está sempre com Deus? De uma natureza que envolve todas as coisas, ou de uma natureza circunscrita a algum lugar, como a Palavra de Deus nos mostra ser a dos anjos? Quem afirmaria tal coisa? Não haveremos de engrandecer, de glorificar aquele que é divino por natureza, ilimitado em grandeza, poderoso em obras, bom em seus benefícios? A meu ver, glorificar não é outra coisa senão enumerar suas admiráveis denominações. Consequentemente, se eles nos constrangirem a não relembrar os benefícios do Espírito, ou efetivamente a não aludir a seus títulos, isso constituirá o mais acabado louvor. De fato, não podemos glorificar a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, e a seu Filho Unigênito de outra forma a não ser, na medida de nossas forças, narrando minuciosamente as maravilhas do Espírito.

24. *Refutação do absurdo daqueles que não louvam o Espírito, e o equiparam a criaturas que foram glorificadas*

55. O homem, em geral, é "coroado de glória e de honra" (Sl 8,6), e "glória, honra e paz são para todo aquele que pratica o bem" (Rm 2,10).Existe, porém, uma glória peculiar a Israel", a quem, diz o Apóstolo, pertencem "a adoção filial, a glória e o culto" (Rm 9,4). O salmista fala de sua própria glória: "Por isso minha glória canta a ti" (Sl 29,13) e: "Vamos, glória minha" (Sl 107,2). "Uma é a glória do sol, outra a glória da lua, e outra a glória das estrelas" (1Cor 15,41) e de acordo com o Apóstolo, também "o ministério da condenação foi glorioso" (2Cor 3,9). Se são tantos os seres glorificados, queres que somente o Espírito careça de glória? No entanto, diz o Apóstolo: "Será glorioso o ministério do Espírito" (2Cor 3,9). Então o Espírito não é digno de ser glorificado? Segundo o salmista, é grande a glória do justo (Sl 20,6). Em tua opinião, seria nula a glória do Espírito? Então, não será certo o perigo de contrairmos com tais palavras o pecado irremissível? Se o homem salvo por meio de obras de justiça, glorifica até mesmo os homens tementes ao Senhor, com maior razão não pode recusar ao Espírito a glória que lhe cabe. — Está bem, respondem eles, seja glorificado, não, porém, *com* o Pai e o Filho. Que motivo têm eles para imaginar outra colocação para o Espírito, deixando de lado a determinada pelo Senhor? Qual a razão de privar da glória

comum quem se acha unido à divindade em tudo: profissão da fé, batismo da redenção, realização dos milagres, inabitação na alma dos santos, e graças outorgadas aos dóceis? Efetivamente, não provém à criatura dom algum a não ser do Espírito, porque, a não ser que coopere o Espírito, nem mesmo uma simples palavra a favor de Cristo pode ser proferida, conforme nos evangelhos (Mt 10,20; Lc 12,11-12) nosso Senhor e Salvador nos ensinou. Não me consta ter a aprovação daqueles que "receberam o Espírito Santo" (Hb 6,4) quem menospreza tudo isto, e esquecido da comunhão integral do Espírito, separa-se do Pai e do Filho.

Onde, então, o poremos? Entre as criaturas? Mas, elas todas são servas, enquanto o Espírito liberta da escravidão, porque "onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade" (2Cor 3,17). Seria possível falar ainda longamente a fim de demonstrar que não convém contar o Espírito Santo entre as naturezas criadas. Adio no momento discorrer sobre o problema. Se fosse preciso, diante da importância da questão, apresentar provas, e solucionar as objeções dos adversários, teríamos de fazer muitas exposições e cansaríamos os leitores com a extensão do livro. Por isso, reservando exclusivamente para tal outra obra, prossigamos tratando de nosso assunto.

56. Examinemos cada coisa por si. O Espírito por natureza é bom, como bom é o Pai, e bom é o Filho. A criatura, porém, optando pelo bem, participa daquela bondade. O Espírito conhece as profundezas de Deus, enquanto a criatura recebe pelo Espírito a revelação dos mistérios. Ele vivifica, juntamente com Deus, que dá vida a todo ser vivo e com o Filho, que comunica a vida, pois, como diz o Apóstolo: "Aquele que ressuscitou Cristo dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito, que habita em vós" (Rm 8,11). Diz a Escritura: "Minhas ovelhas escutam a minha voz… e eu lhes dou a vida eterna" (Jo 10,27.28). E ainda: "O Espírito é que vivifica" (Jo 6,63). E o Apóstolo: "Mas, o Espírito é vida, pela justiça" (Rm 8,10). Também o Senhor atesta que o Espírito é vivificador: "A carne para nada serve" (Jo 6,63). Como, então, retirar do Espírito o poder vivificador, equiparando-o à natureza carente de vida? Quem é a tal ponto contestador, tão alheio ao dom celeste, tão sem gosto pelas belas palavras de Deus, de tal modo privado das esperanças eternas que alinhe o Espírito com a criatura, arrancando-o da divindade?

57. Afirmam os adversários: — O Espírito está em nós, como um dom da parte de Deus. Sem dúvida, não se prestam ao dom as mesmas honras que ao doador. — Certamente, o Espírito é dom de Deus, mas é dom de vida, considerando-se que, conforme afirma o Apóstolo, "a Lei do Espírito da vida nos libertou" (Rm 8,2). É também dom de fortaleza, pois "o Espírito Santo descerá sobre vós e dele recebereis força" (At 1,8). Seria desprezível por isso? Deus não doou também o Filho aos homens? De fato, diz o Apóstolo: "Quem não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo com ele?" (Rm 8,32). E em outra passagem: "A fim de que conheçamos os dons da graça de Deus" (1Cor 2,12). Assim fala, referindo-se ao mistério da encarnação. Como não ver que aqueles que se exprimem desta maneira suplantam os judeus em ingratidão, visto que a excessiva bondade de Deus lhes fornece ocasião de blasfêmia? Acusam o Espírito de nos dar a ousadia de chamar a Deus de Pai. Com efeito, "enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: 'Abba, Pai' " (Gl 4,6), a fim de que a voz do Espírito se torne a voz daqueles que o receberam.

25. *A Escritura substitui às vezes* em *por* com. *A partícula* em *tem sentido idêntico à partícula* com

58. Por que razão, dizem eles, a Escritura jamais ensinou que o Espírito deve ser glorificado *com* o Pai e o Filho? Por que motivo cuidadosamente evita dizer: *com* o Espírito? Por que prefere, como sendo mais conveniente, glorificar sempre dizendo: *no* Espírito? Não ouso, porém, assegurar que a partícula *no* terá sentido menos honroso; mas, ao invés, sendo retamente entendida, eleva o pensamento de modo sublime. Observamos também que é muitas vezes empregada em lugar da preposição *com.* Assim acontece na passagem: "Entrarei em tua casa *em* holocaustos", em vez de: *"com* holocaustos" (Sl 65,13). E: "Fê-los sair *em* ouro e prata", isto é, "*com* ouro e prata" (Sl 104,37). Também: "Já não sais *em* nossos exércitos", a saber, *"com* nossos exércitos" (Sl 43,10) e uma porção de frases semelhantes. Enfim, gostaria de aprender desta nova sabedoria em que doxologia o Apóstolo usa a partícula *em*, de acordo com a norma que eles agora estabelecem como provinda da Escritura. Jamais encontrei formulado: "A ti, ó Pai, a honra e a glória, por teu Filho Unigênito, *no* Santo Espírito", conforme agora, diz-se, lhes é mais habitual do que a respiração. Encontra-se, de fato, cada uma dessas preposições isoladas, mas eles não podem de forma alguma apresentá-las juntas, naquela ordem. Por conseguinte, se eles falam exatamente como está escrito, que nos apresentem as passagens em que se baseiam. Mas se seguem apenas um costume, não nos impeçam de fazer o mesmo.

59. Ora, nós encontramos as duas fórmulas em uso entre os fiéis, e empregamos a ambas. Acreditamos prestar com elas igualmente glória ao Espírito e fechar a boca dos que prejudicam a verdade mais facilmente com o uso da palavra *com.* Esta exprime melhor o sentido das Escrituras, presta-se menos aos ataques dos adversários (é ela que é controvertida) e substitui a conjunção *e.* É indiferente empregar: "Paulo *e* Silvano *e* Timóteo" ou: "Paulo *com* Timóteo *e* Silvano". A ligação entre os nomes salva-se igualmente em ambas as expressões. Se, portanto, o Senhor nos diz: Pai e Filho e Espírito Santo, se eu disser: "Pai e Filho *com* o Espírito Santo" terei dito algo de sentido diverso? Inúmeros são os testemunhos em que esses nomes são ligados pela conjunção *e*. Diz o Apóstolo: "A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo" (2Cor 13,13). E em outro lugar: "Eu vos peço por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito" (Rm 15,30). Se em lugar da conjunção *e* quiséssemos usar a partícula *com,* que diferença haveria? De minha parte, não vejo, a menos que as frias regras gramaticais prefiram a conjunção copulativa, como se produzisse maior união, e rejeite a preposição, como não tendo a mesma força. Mas, se tivéssemos de prestar contas a este respeito, sem dúvida não necessitaríamos de longa defesa. Com efeito, não se trata de discussão acerca de sílabas, nem de tal e tal som, e sim de questões diversas, quanto ao sentido e à realidade. Por isso, embora seja indiferente o uso destas partículas, nossos adversários se empenham por fazer com que a Igreja adote oficialmente umas e exclua outras. Quanto a mim, apresentarei o motivo por que nossos Pais razoavelmente e em comum adotaram o uso desta preposição, embora logo se torne evidente a sua utilidade. Pois, se esta preposição *com* refuta o erro de Sabélio com tanta força como a conjunção *e*, se de maneira semelhante apresenta a particularidade das hipóstases, como acontece na seguinte passagem: "E a ele viremos" eu e o Pai (Jo 14,23) e: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10,30), ela atesta de maneira extraordinária a comunhão eterna e a união sem fim. Efetivamente, quem declara que o Filho é *com* o Pai, assinala simultaneamente a propriedade das hipóstases e sua inseparável comunhão. Mesmo nas realidades humanas verifica-se isto. A conjunção *e* indica ação comum, enquanto a preposição *com* também marca uma espécie de sociedade. Por exemplo: "Paulo *e* Timóteo navegaram para a Macedônia, mas Tíquico e Onésimo foram enviados a Colossas". Ficamos assim cientes de que eles

fizeram a mesma coisa. Se, porém, ouvimos dizer que navegaram um *com* o outro e que foram enviados um *com* o outro, ficaríamos sabendo que haviam juntos realizado tal ação. Desta forma, eliminando, como nenhuma outra palavra o faria, o erro de Sabélio, a preposição ainda destrói a impiedade diametralmente oposta. Refiro-me à que introduz separação temporal entre o Filho e o Pai, e entre o Espírito Santo e o Filho.

60. Afinal, a partícula *com* diferencia-se de *em* principalmente por indicar união mútua de seres que vivem em comum, por exemplo, que juntos navegam, que habitam unidos, que fazem em conjunto qualquer obra que executem. Ao invés, *em* indica a relação existente entre os que agem e o lugar onde se encontram. Ao ouvirmos dizer: "Navegam *em*" e "habitam *em*", logo se pensa num barco ou numa casa. Tal é, na linguagem comum, a diferença entre essas partículas, mas os estudiosos poderão descobrir maior diversidade. Quanto a mim, não tenho tempo para examinar a fundo essas partículas. Uma vez, portanto, que foi demonstrado conter a partícula *com* o conceito de união, de maneira muito significativa, concedei-nos, por favor, uma trégua e cessai a implacável e penosa guerra contra ela. Por conseguinte, apesar de ser um termo bem empregado, se aprouver a alguém unir os nomes pela partícula *e* na doxologia e glorificar o Pai *e* o Filho *e* o Espírito Santo, como o evangelho nos ensina acerca do batismo, ninguém o contradirá. Acerca disso, se lhe aprouver, concordemos. Mas, eles prefeririam arrancar a língua do que aceitar esta palavra. Aí está o que os incita a uma guerra implacável e sem tréguas. É "*no* Espírito Santo", afirmam eles, que se há de formular a doxologia a Deus, e não: "*E* ao Espírito". Apegando-se ardorosamente a esta palavra, como rebaixam eles o Espírito! Por isso, não é ocioso fazer a esse respeito discurso mais longo. Se eles ouvirem o que expusemos, ficaríamos surpresos se eles não considerassem traição abandonar esta expressão, para darem glória ao Espírito.

26. *Os diversos sentidos da partícula* em *podem todos eles ser aplicados ao Espírito Santo*

61. Examinando melhor, esta partícula, que se emite de maneira simples e rápida, abrange, a meu ver, vários significados. Os diversos sentidos da palavra *em* encontram-se a serviço dos conceitos sobre o Espírito. Diz-se que a forma está *na* matéria, a potência *em* um "receptáculo", o modo de ser *em* um sujeito etc. Assim, o Espírito Santo, enquanto perfaz os seres dotados de inteligência, e completa a sublimidade deles, faz as vezes de forma. Efetivamente, não se denomina "espiritual" alguém que não viva mais segundo a carne, e sim o que é movido por ação do Espírito de Deus, tem o nome de filho de Deus e se torna conforme a imagem do Filho de Deus (Rm 8,13; 8,29). Como a capacidade de ver se encontra *no* olho sadio, assim a operação do Espírito acha-se *na* alma purificada. Por isso, Paulo deseja aos efésios que tenham os olhos iluminados *no* Espírito de sabedoria (Ef 1,17). E assim como a arte permanece *no* que a adquiriu, igualmente a graça do Espírito está *em* quem a acolhe, sempre presente, embora nem sempre atuante. A arte, também, está *no* artista em potência; em ato, porém, quando o artista a emprega para operar. Assim igualmente o Espírito está sempre presente aos que são dignos, opera conforme a necessidade, por meio das profecias, ou das curas, ou de algumas outras ações miraculosas. Assim como a saúde, a temperatura, enfim, as outras disposições transitórias estão *no* corpo, o mesmo acontece com o Espírito, que muitas vezes está presente, mas não permanece *na* alma dos que, por instabilidade de ânimo, facilmente rejeitam a graça recebida. Assim eram Saul e os setenta anciãos dos filhos de Israel, exceto Eldad e Medad (Nm 11,25-26ss LXX) (evidentemente, dentre todos, neles apenas o Espírito permaneceu); tais, de fato, são os que se

lhes assemelham, por livre escolha. A palavra está *na* alma, ora como pensamento no coração, ora como termo proferido pelos lábios; igualmente o Espírito Santo, ao dar testemunho a nosso espírito e clamar em nosso coração: "Abba, Pai", ou ao falar por nós, como está escrito: "Não sereis vós que falareis naquela hora, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós" (Mt 10,20). Como um todo *em* suas partes, entende-se também ser o Espírito relativamente à distribuição dos carismas. Pois somos todos membros uns dos outros, tendo, porém, carismas diferentes segundo a graça de Deus que nos foi concedida (Rm 12,5). Por conseguinte, "não pode o olho dizer à mão: 'Não preciso de ti'; tampouco pode a cabeça dizer aos pés: 'Não preciso de vós' " (1Cor 12,21). Mas, os membros todos juntos compõem o corpo de Cristo na unidade do Espírito, e prestam-se mutuamente os serviços necessários, segundo os carismas recebidos. Pois Deus dispôs os membros no corpo, cada qual como ele quis. Por isso, os membros preocupam-se uns com os outros igualmente, segundo a mútua afeição, proveniente da comum união espiritual. Deste modo, "se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros compartilham a sua alegria" (1Cor 12,26). Como as partes *no* todo, somos todos um *no* Espírito, pois nós todos, que formamos um só corpo, fomos batizados num só Espírito.

62. Eis um paradoxo, contudo, nada de mais verdadeiro: muitas vezes se diz ser o Espírito como que o lugar dos seres santificados. Verificar-se-á não ser um modo de falar que rebaixe o Espírito; antes o glorifica. Frequentemente a Palavra de Deus emprega nomes de seres corporais para noções espirituais, a fim de torná-las acessíveis. Observamos, de fato, dizer o salmista referindo-se a Deus: "Sê para mim um Deus protetor e um lugar fortificado que me salve" (Sl 30,3). E a respeito do Espírito: "Eis aqui um lugar junto a mim; põe-te sobre a rocha" (Ex 33,21). Que é este lugar a não ser a contemplação no Espírito, contemplação na qual Deus distintamente apareceu a Moisés? É o lugar próprio à adoração verdadeira. Diz a Escritura: "Fica atento a ti mesmo. Não oferecerás teus holocaustos em qualquer lugar que vejas, pois é só no lugar que o Senhor houver escolhido, que deverás oferecer" (Dt 12,13-14). Qual é o holocausto espiritual? É o sacrifício de louvor. Em que lugar o ofereceremos? *No* Espírito Santo. Quem nos ensinou isso? O Senhor mesmo, que disse: "Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em Espírito e verdade" (Jo 4,23). Jacó viu este lugar e disse: "Na verdade o Senhor está nesse lugar" (Gn 28,16). Assim, o Espírito é verdadeiramente o lugar dos santos. Também o santo é lugar adequado para o Espírito, que se prontifica a habitá-lo com Deus, e dá a si mesmo o nome de templo de Deus. Ora, Paulo fala *em* Cristo: "Falamos, na presença de Deus, em Cristo" (2Cor 2,17). E Cristo fala em Paulo, segundo ele próprio declara: "Pois procurais uma prova de que Cristo fala em mim?" (2Cor 13,3). De idêntica maneira, é no Espírito que ele revela os mistérios, e por sua vez o Espírito é quem fala nele.

63. Quanto às criaturas, diz-se frequentemente e de muitos modos que o Espírito nelas está; quanto ao Pai e o Filho, mais conforme à piedade é dizer que o Espírito está *com* eles do que afirmar que se acha *neles*. Efetivamente, afirma-se melhor que a graça do Espírito, habitando naqueles que dela são dignos, e agindo neles, acha-se *nos* seres capazes de o *receber*. Ao contrário, a existência antes dos séculos, e a permanência sem fim com o Filho e o Pai, se bem consideradas, reclamam palavras que exprimam união eterna. De fato, diz-se com propriedade e verdade que seres existentes inseparavelmente uns dos outros, existem *com*. Afirmamos que o calor existe *no* ferro abrasado, mas que existe *com* o fogo. Declaramos que a saúde existe *no* corpo; de outro lado, dizemos que a vida existe *com* a alma. Deste modo, onde há propriamente união natural e indissolúvel, o termo *com* é

mais expressivo, por sugerir união indissolúvel. Onde, porém, a graça do Espírito pode sobrevir e depois afastar-se, emprega-se com propriedade e verdade de termos: existir *em,* mesmo se acontecer frequentemente, devido às boas disposições dos que a recebem, que a graça perdure. Assim, quando pensamos na dignidade própria do Espírito, contemplamo-lo com o Pai e o Filho. Mas se refletimos sobre a graça produzida nos participantes dela, diz-se que o Espírito está *em* nós. A doxologia: *no* Espírito não é, pois, afirmação de sua dignidade, e sim confissão de nossa fraqueza. Mostramos que, por nós mesmos, somos incapazes de dar glória, mas podemos dá-la *no* Espírito Santo.

Fortificados nele, damos graças a nosso Deus por seus benefícios. À medida que formos purificados do mal, uns mais, outros menos, recebemos o auxílio do Espírito para oferecermos hóstias de louvor a Deus. Desta forma piedosamente damos graças *no* Espírito. Ora, não seria agradável poder dar a si mesmo o testemunho de possuir em si o Espírito de Deus, e, instruído por sua graça, glorificá-lo? É linguagem digna de Paulo: "Julgo que também eu possuo o Espírito de Deus" (1Cor 7,40). E em outro lugar: "Guarda o bom depósito, por meio do Espírito Santo que habita em nós" (2Tm 1,14). De Daniel também se afirmou que o Espírito Santo de Deus habitava nele (Dn 5,11), e o mesmo se pode dizer dos que se lhes assemelham pela virtude.

64. Existe, porém, outro sentido que não é de forma alguma inaceitável. Assim como *no* Filho se vê o Pai, assim vê-se o Filho *no* Espírito. Então, adorar *no* Espírito significa que nosso espírito age na luz, como se depreende do que foi dito à samaritana. Induzida em erro pelo costume de sua terra, pensava que se devia adorar em determinado lugar. Nosso Senhor desiludiu-a, dizendo ser necessário adorar em Espírito e verdade, e declarando ser ele mesmo indubitavelmente a verdade. Referimo-nos a uma adoração *no* Filho, Imagem de Deus Pai, e *no* Espírito, como sendo quem mostra em si a divindade do Senhor. Por isso, na adoração, o Espírito é inseparável do Pai e do Filho. Efetivamente, fora dele, não se adora absolutamente; quem está nele, de maneira alguma o separa de Deus, assim como a luz é inseparável das coisas visíveis. É impossível ver a Imagem do Deus invisível, a não ser por iluminação do Espírito. Quem fixa o olhar na Imagem não pode separá-la da luz. Com efeito, abrange-se a causa da visão necessariamente com aquilo que se vê. Consequentemente, em propriedade de termos, pela iluminação do Espírito, divisa-se a irradiação da glória de Deus e, através da marca, atingimos a glória daquele a quem pertencem o sinete que a imprime e a impressão.

27. *Donde deriva a partícula* com *e qual seu sentido. Também se trata das leis eclesiásticas orais*

65. Por que motivo, perguntam eles, visto que a partícula *em* se adapta tão bem ao Espírito, e é suficiente para exprimir todas as noções a seu respeito, introduzis esta nova partícula, dizendo: "*com* o Espírito", e não: *"no* Espírito Santo", utilizando termos desnecessários e não aprovados pelas normas das Igrejas? Já dissemos mais acima que não é fortuito o emprego de *em* relativamente ao Espírito Santo, e que a partícula é comum ao Pai e ao Filho. Mas, acredito que suficientemente afirmei não somente que ela nada rouba à dignidade do Espírito, mas ainda, ao contrário, contribui para que tenham pensamentos sublimes os que não estão completamente no erro. Resta explicar de onde se origina a partícula *com*, qual seu sentido e como concorda com as Escrituras.

66. Entre as verdades conservadas e anunciadas na Igreja, umas nós as recebemos por escrito e outras nos foram transmitidas nos mistérios, pela Tradição apostólica. Ambas as formas são igualmente válidas relativamente à piedade. Ninguém que tiver, por pouco que seja, experiência das

instituições eclesiásticas, há de contradizer. De fato, se tentássemos rejeitar os costumes não escritos, como desprovidos de maior valor, prejudicaríamos imperceptivelmente o evangelho, em questões essenciais. Antes, transformaríamos o anúncio em palavras ocas. Por exemplo (para relembrar o que vem primeiro e é o mais comum), quem ensinou por escrito a assinalar com o sinal-da-cruz aqueles que esperam em nosso Senhor Jesus Cristo? Que passagem da Escritura nos instruiu a nos voltarmos para o Oriente durante a oração? Qual dos santos nos deixou por escrito as palavras da "epiclese" no momento da consagração do pão na Eucaristia e do cálice da bênção? Não nos bastam as palavras referidas pelo Apóstolo e pelo evangelho; antes e depois proferimos outras, recebidas do magistério oral, por terem grande importância para o mistério. Benzemos também a água batismal e o óleo do crisma e além disso o próprio batizado. Conformamo-nos a que escrito? Não é por causa da tradição secreta e mística? E então? Qual a palavra escrita que prescreveu a própria unção com o crisma? Donde se origina a tríplice imersão? De que trecho da Escritura provêm as cerimônias complementares do batismo, como a renúncia a Satanás e a seus anjos? Não se originam desta instrução particular e secreta, que nossos Pais guardaram num silêncio tranquilo e isento de inutilidades, cônscios de que assim salvaguardavam o caráter sagrado dos mistérios? Com efeito, como seria razoável divulgar por escrito aquilo que de forma alguma é permitido aos não-iniciados contemplar? Qual o fim que tinha em mira o grande Moisés quando determinou que nem todas as partes do templo seriam acessíveis a todos? Estabeleceu que ficassem fora do recinto sagrado os profanos, permitindo apenas aos mais puros o acesso aos primeiros átrios, enquanto só os levitas foram considerados dignos do serviço divino. Para os sacrifícios, porém, os holocaustos, e o restante desempenho do culto foram designados os sacerdotes. Não admitiu no santuário senão um só, escolhido dentre eles; além disso, não em qualquer tempo, mas apenas num só dia do ano, em hora determinada por ele, a fim de contemplar o Santo dos Santos com assombro, por ser evento estranho e insólito. Em sua sabedoria, Moisés estava bem ciente de que facilmente se menospreza o que é habitual e de pronto acesso, enquanto uma raridade, conservada à parte, desperta como que naturalmente uma ardorosa procura. Foi igualmente desta forma que os Apóstolos e os Padres, que desde os primórdios dispuseram tudo o que se refere às Igrejas, sob silêncio e segredo conservaram também o caráter sagrado dos mistérios. Pois já não é mistério absolutamente o que chega aos ouvidos do vulgo. É o seguinte o motivo da tradição não escrita: impedir que, por descuido, o conhecimento da doutrina seja menosprezado por muitos, devido à rotina. De fato, uma coisa é a doutrina, e outra o anúncio. Cala-se a primeira, enquanto o anúncio é proclamado. Constitui igualmente uma forma de silêncio a obscuridade empregada nas Escrituras, que torna mais difícil à mente apreender a doutrina, para proveito dos leitores. Eis por que, apesar de todos nós olharmos para o Oriente ao rezarmos, poucos sabem que estamos procurando nossa antiga pátria, o paraíso que Deus plantou no Éden, na direção do Oriente (Gn 2,8). De pé fazemos nossas orações, no primeiro dia da semana, mas nem todos conhecem a razão disso. Não é somente porque, ressuscitados com Cristo e devendo procurar as coisas do alto (Cl 3,1), relembramos, ao rezarmos de pé, o dia dedicado à ressurreição, a graça que nos foi dada, mas porque este dia parece ser, de algum modo, a imagem do século futuro. Visto que é o começo dos dias, Moisés não o denominou "primeiro", e sim "um": "Houve uma tarde e uma manhã: um dia" (Gn 1,5), como se muitas vezes voltasse o mesmo dia. Ainda, esse dia "um" identifica-se com o oitavo, que significa por si mesmo o dia realmente único e verdadeiramente oitavo, que o salmista comemora no título de alguns salmos (Sl 6 e 12): a "catástasis" após este tempo, o dia sem fim que não terá tarde, nem amanhã, o século sem termo, sem

envelhecimento. Faz-se mister, pois, que a Igreja ensine seus filhos a rezar de pé, naquele dia, a fim de que, lembrados incessantemente da vida sem fim, não descuidemos de preparar o viático, em vista de nossa partida. O período de cinquenta dias (Pentecostes) representa uma memória da esperada ressurreição no século futuro. Efetivamente, este dia que é um e primeiro, sete vezes sete, completa as sete semanas do santo período de Pentecostes, que começa do primeiro e termina por este, desenrolando-se nesse intervalo cinquenta vezes em dias semelhantes. Assim, assemelha-se um tanto à eternidade, pois termina no ponto de onde começa, num movimento circular. Neste dia, é a posição ereta na oração que as leis da Igreja nos ensinaram a preferir. Essa memória tão evidente faz com que, de certo modo, a mente emigre do presente em direção ao futuro. Doutro lado, cada vez que dobramos os joelhos e depois nos reerguemos, mostramos pelos gestos que o pecado nos jogou por terra e que o amor de nosso Criador para com os homens (*philanthropía*) novamente nos chamou para o céu.

67. Um dia inteiro não nos bastaria se quiséssemos expor os mistérios da Igreja que não constam das Escrituras. Deixando de lado tudo mais, pergunto de quais passagens retiramos a profissão de fé no Pai e no Filho e no Espírito Santo. Se a extraímos da tradição batismal, de acordo com a piedade (pois devemos crer segundo a maneira como fomos batizados), para entregarmos uma profissão batismal, essencial ao batismo, consequentemente nos seja permitido também glorificar conforme nossa fé. Mas, se esta forma de dar glória nos é recusada, por não constar das Escrituras, sejam-nos mostradas provas escritas da profissão de fé e de todo o restante, que enumeramos. Desde que há tantas coisas que não foram escritas, e coisas tão importantes para o mistério da piedade, ser-nos-á recusada uma só palavra, proveniente dos Pais, que nós vemos persistir por um uso espontâneo nas Igrejas isentas de desvios, uma palavra muito razoável, e que muito contribui para a força do mistério?

68. Foi explicado o sentido de cada uma das expressões. Agora vamos expor em que pontos são concordantes e em que diferem. A oposição não faz com que se levante uma contra a outra, mas cada qual contribui para a piedade com seu sentido particular. *Em* antes demonstra o que para nós é relativo, enquanto *com* proclama a comunhão do Espírito com Deus. Por conseguinte, usamos os dois termos: um para indicar a dignidade do Espírito, e o outro para anunciar a sua graça em nosso favor. Assim, glorificamos a Deus *no* Espírito e *com o Espírito*. Nada falamos de nosso próprio alvitre, mas utilizamos uma palavra dos ensinamentos do Senhor, regra para nós, e a aplicamos a realidades entre si estreitamente ligadas, necessariamente unidas nos mistérios. Pois, o que é "co-enumerado" no batismo, julgamos necessário uni-lo também na fé. Quanto à profissão de fé, nós a fizemos qual começo e origem da doxologia. Mas que fazer? Que eles agora nos convençam a não batizarmos como aprendemos; a não crer como fomos batizados; a não dar glória como acreditamos! Demonstrem-nos, pois, que não existe sequência necessária, inquebrantável, ou ainda que inovar nesta questão não será tudo dissolver. Eles, contudo, não se cansam de repetir em tons altos e baixos que a doxologia *com* o Espírito Santo não é atestada, não se acha nas Escrituras etc. Já foi, porém, assegurado ser indiferente, quanto ao sentido, dizer: "Glória ao Pai *e* ao Filho *e* ao Espírito Santo", e: "Glória ao Pai *e* ao Filho, *com* o Espírito Santo". Não se pode, portanto, rejeitar ou apagar a partícula *e*, proferida pela boca do próprio Senhor, bem como nada impede de se aceitar a preposição equivalente. Demonstramos mais acima em que ela é diversa da outra, e em que ela se lhe assemelha. Reforça o que dizemos o exemplo do Apóstolo, que emprega indiferentemente uma ou

outra palavra, ora dizendo: "*em* nome do Senhor Jesus Cristo e *no* Espírito de nosso Deus" (1Cor 6,11), ora: "Estando vós e o meu espírito reunidos em assembleia *com* o poder do Senhor Jesus" (1Cor 5,4). É indiferente usar a conjunção ou a preposição para unir os Nomes.

28. *Os nossos contraditores recusam atribuir ao Espírito o que a Escritura declara a respeito dos homens, a saber, que eles reinam* com *Cristo*

69. Examinemos, todavia, se descobrimos como de-fender o uso adotado por nossos Pais. Efetivamente, os primeiros a adotar essa maneira de falar estão mais que nós expostos a censuras. Paulo, de fato, escreve aos colossenses: "Vós estáveis mortos pelas vossas faltas e pela incircuncisão da vossa carne e ele vos vivificou juntamente *com* Cristo" (Cl 2,13). Por conseguinte, Deus concedeu a todo o povo e à Igreja viver *com* Cristo, e não o teria dado ao Espírito Santo? Se é impiedade até mesmo pensar assim, como não seria um ato santo uni-los (Cristo e o Espírito) na profissão de fé, visto que são unidos por natureza? Finalmente, como não seria o cúmulo do absurdo professar que os santos estão *com* Cristo (considerando-se que Paulo, fora do corpo, habita junto do Senhor, e tendo partido desta vida (2Tm 4,6), já se encontra *com* Cristo) (2Cor 5,8; Fl 1,23) e não conceder ao Espírito, na medida do possível, estar *com* Cristo, ao menos tanto quanto aos homens? Paulo também se dá o título de "ministro de Deus na pregação (*oiconomía*) do evangelho" (1Ts 3,2); e se dizemos que o Espírito Santo é cooperador, pois por ele o evangelho frutifica em toda criatura que existe sob o céu, eles deporiam contra nós, por uma acusação escrita de impiedade? Parece que a vida dos que esperam no Senhor "está escondida *com* Cristo em Deus; quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar", então também eles serão *com* Cristo manifestados em glória (Cl 3,3-4). E o Espírito da vida que nos libertou da lei do pecado (Rm 8,2) de forma alguma estaria *com* Cristo, nem numa vida escondida e oculta *com* ele, nem na manifestação da glória que esperamos resplandeça nos santos? Herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo (Rm 8,17) somos nós; e o Espírito seria deserdado, excluído da comunhão com Deus e com seu Cristo? "O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus" (Rm 8,16); e nós não havemos de testemunhar, nem mesmo por aquilo que aprendemos do Senhor, que ele está em comunhão com Deus (Mt 28,19)? Mas o cúmulo da loucura consiste nisto: acreditamos em Cristo *no* Espírito, portanto esperamos ressuscitar *com* Cristo e sentar *com* ele nos céus, quando ele transformará nosso corpo humilhado de psíquico em espiritual (Fl 3,20; 1Cor 15,44); ao Espírito, porém, não atribuímos assentar-se *com* Cristo, nem a glória, nem nenhuma outra coisa que recebemos por seu intermédio? Mas, nenhum destes benefícios de que nos julgamos merecedores, prometidos por aquele que não mente, cederíamos ao Espírito Santo, como sendo além de sua dignidade? E quanto a ti, serias digno de estar sempre *com* o Senhor, e esperas ser arrebatado nas nuvens ao encontro do Senhor, e assim estar para sempre *com* ele (1Ts 4,17); mas ao Espírito, contradizes que esteja agora *com* Cristo. Se alguém o "co-enumera" e coordena com o Pai e o Filho, tu o exilas como sendo um ímpio insuportável.

70. Envergonho-me de acrescentar o que falta, a saber, tu esperas ser glorificado *com* Cristo ("Pois sofremos *com* ele para também *com* ele ser glorificados" — (Rm 8,17), mas não glorificas *com* Cristo o Espírito de santidade, como se não fosse digno das mesmas honras que tu. Esperas reinar *com* Cristo, mas ultrajas o Espírito da graça (Hb 10,29), relegando-o à condição de escravo e de servo. Digo isto, não para mostrar quanta glorificação se deve ao Espírito, mas para censurar a irreverência dos que lha recusam, e, além disso, fogem, como de uma impiedade, de atribuir ao

Espírito a comunhão na glória com o Filho e o Pai. Quem poderia, sem lamentar, deixar passar tais asserções? De fato, não é evidente, e até uma criança o entende, que a situação atual é uma preparação daquela crise de fé que nos ameaça? Torna-se ambíguo o que é incontestável. Cremos no Espírito, mas lutamos contra ele nas nossas profissões de fé; somos batizados, e ainda lutamos. Invocamo-lo como autor da vida, e o menosprezamos como sendo companheiro de escravidão. Recebemo-lo *com* o Pai e o Filho, e desprezamo-lo como se fosse parte da criação. Nossos adversários não sabem o que pedir na oração (Rm 8,26). Se induzidos a falar sobre o Espírito respeitosamente, julgam que o igualam em mérito, e reprovam os termos que lhes parecem ultrapassar a justa medida, enquanto, ao contrário, deviam lastimar-lhe a deficiência. De fato, faltam-nos as palavras para realmente dar graças pelos benefícios de que somos cumulados. O Espírito ultrapassa todo entendimento (Fl 4,7) e desafia a linguagem, que não exprime nem a menor porção de sua dignidade, segundo a palavra do livro intitulado: Sabedoria (de Sirac): "Que vossos louvores exaltem o Senhor, segundo o vosso poder, porque ele vos excede. Para o exaltar, desdobrai vossas forças, não vos canseis, porque nunca chegareis ao fim" (Eclo 43,30). Certamente, tereis terríveis contas a prestar de tais palavras, tendo ouvido do Deus que não mente (Tt 1,2) ser irremissível a blasfêmia contra o Espírito Santo (Mt 12,32; Mc 3,28-29; Lc 12,10).

29. *Catálogo de homens ilustres na Igreja que usaram em seus escritos o termo* com

71. Afirmam nossos adversários que a doxologia "com o Espírito" não é atestada, nem se encontra nas Escrituras. Mas, se não se aceita coisa alguma que não esteja escrita, também não se aceite esta fórmula. Todavia, se à maior parte dos ritos místicos damos direito de cidade, mesmo se não constam das Escrituras, assumamos também esta doxologia entre muitas outras coisas. Julgo, de fato, ser costume apostólico manter mesmo as tradições orais. Declara o Apóstolo: "Eu vos louvo por vos recordardes de mim em todas as ocasiões e por conservardes as tradições tais como vo-las transmiti" (1Cor 11,2). E: "Guardai as tradições que vos ensinamos oralmente ou por escrito" (2Ts 2,15), uma das quais é a presente doxologia. Aqueles que nos primórdios a adotaram, transmitiram-na aos pósteros. O uso, com o correr do tempo, se propagou e o hábito se arraigou nas Igrejas. Então, se levamos a esta espécie de tribunal uma multidão de testemunhas, pela carência de provas escritas, não obteríamos de vós a absolvição? Assim julgo eu. "A causa será estabelecida pelo depoimento pessoal de duas ou três testemunhas" (Dt 19,15). E se vos demonstramos claramente haver a nosso favor a longa duração, não vos pareceria sensato asseverarmos que não deveríeis procurar aí motivo de litígio? As doutrinas mais antigas sempre impressionam, por sua venerável antiguidade. Por conseguinte, vou enumerar os defensores desta expressão. Simultaneamente pode-se computar o tempo, deduzido do que se omitir. Não fomos nós que a inventamos. Como o teríamos feito? Somos de ontem, de fato, para falar como Jó (Jó 8,9), diante de tão longa duração deste uso. Quanto a mim, se for mister dar meu parecer, conservo esta expressão qual herança paterna, recebida de alguém que viveu longamente no serviço de Deus, que me batizou e me induziu a abraçar o ministério eclesiástico. E ao procurar, de meu lado, se algum dos antigos e santos varões usou estas palavras atualmente controvertidas, encontro grande número, anciãos fidedignos que, pela precisão de seus conhecimentos, não se assemelham a nossos contemporâneos. Para unir as palavras da doxologia, uns usaram a preposição, outros a conjunção. Ninguém julgou que eles assim estabeleciam uma diferença, ao menos no atinente à reta concepção da piedade.

72. São eles: o ilustre Ireneu, Clemente Romano, Dionísio de Roma e Dionísio de Alexandria que (coisa paradoxal!), na segunda carta a seu homônimo, "Refutação e apologia", assim conclui o discurso (transcrevo literalmente suas palavras): "Nós também, de acordo com todos eles, tendo recebido de nossos presbíteros o modelo e a regra, unânimes damos graças, e assim terminamos a carta que vos escrevemos. A Deus Pai e ao Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, com o Espírito Santo glória e poder nos séculos dos séculos. Amém". Ninguém poderá dizer que este texto é apócrifo. Dionísio não teria insistido assim, dizendo que recebeu "modelo e regra", se precisamente tivesse dito: "*no* Espírito", pois esta última expressão é de uso frequente, enquanto a outra é que precisava de defesa. Justamente no meio da carta, assim escreve aos sabelianos: "Se por haver três hipóstases, eles afirmam que elas são separadas, tornar-se-iam três, quer queiram, quer não, ou então suprimam inteiramente a divina Trindade". E ainda: "Por esta razão, o que há de mais divino, após a unidade, é a Trindade". Clemente também disse o mesmo, embora de forma mais antiquada: "Viva Deus, e o Senhor Jesus Cristo e o Espírito Santo". Como a respeito do Espírito se exprime Ireneu, que viveu tão próximo dos apóstolos, na exposição "Contra as heresias"? Escutemo-lo: "Aos desenfreados, que se deixam arrastar por suas paixões, não anelam de forma alguma pelo Espírito divino, com justeza o Apóstolo os denomina carnais" (1Cor 3,3). E em outra passagem ele diz ainda: "No intuito de evitar que, privados do Espírito divino, percamos o reino dos céus, clama a nós o Apóstolo que a carne não pode ser herdeira do reino dos céus" (1Cor 15,50). Aos que consideram ser fidedigno Eusébio, o palestinense, em vista de sua grande experiência, podemos demonstrar que ele usa das mesmas expressões em "Dificuldades sobre a poligamia dos antigos". Efetivamente, diz no começo de sua obra: "Invocamos o Deus santo, iluminador dos profetas, por nosso Senhor Jesus Cristo, *com* o Espírito Santo".

73. De igual modo, Orígenes. Em muitos de seus comentários sobre os salmos, notamos que usa a doxologia: "*com* o Espírito Santo". Ele, contudo, não tinha sobre o Espírito um conceito inteiramente sadio. Entretanto, em muitas passagens, ele também, impelido pela força do costume, utiliza termos piedosos acerca do Espírito. Se não me engano, no sexto de seus comentários sobre o evangelho segundo São João, declara abertamente que se deve adorar o Espírito, escrevendo literalmente: "O lavacro simboliza a purificação da alma, lavada de qualquer mácula de pecado; ele contém em si nada menos que o princípio e a fonte dos carismas, pela força das invocações, para todo aquele que se entrega à divindade da adorável Trindade". E no comentário da epístola aos Romanos: "As potências sagradas podem entender o Unigênito e a divindade do Espírito Santo". Assim, a meu ver, a força da Tradição muitas vezes induziu os homens a contradizer suas próprias doutrinas. Mas, nem o historiógrafo Africano ignora esta forma de doxologia. É conhecido que ele também assim fala no quinto livro da "Epítome das várias épocas": "Nós que conhecemos a medida destas palavras e não ignoramos a graça da fé, damos graças ao Pai que nos deu, a nós os seus, o Salvador de todos, nosso Senhor Jesus Cristo; a ele a glória, a majestade, com o Espírito Santo, pelos séculos". Podemos certamente desconfiar de alguns outros testemunhos, ou se foram falsificados dificilmente se descobrirá o erro, porque a diferença está numa sílaba somente. Mas, os que mencionamos, devido à extensão da frase, escapam a todas as ciladas e são atestados, sem contradição, pelos próprios documentos. Apresentarei ainda o que em outras circunstâncias seria inteiramente sem importância. Esta prova, por ser tão antiga, me é necessária, porque sou acusado de introduzir uma inovação. Nossos Pais julgaram conveniente não acolher em silêncio a luz da tarde, mas dar graças logo que ela aparece. Não podemos dizer quem foi o autor destas palavras de ação de graças do lucernário. O

povo, no entanto, pronuncia a antiga fórmula, e ninguém jamais pensou ser ímpio proferir: "Louvamos o Pai, e o Filho, e o Espírito Santo de Deus". Todos aqueles que conhecem o hino de Atenógenes, que ele deixou a seus discípulos como segundo discurso de despedida, quando já se apressava em direção à fogueira, sabem qual a opinião dos mártires sobre o Espírito. E isto é suficiente.

74. E onde havemos de colocar Gregório, o Grande, com suas palavras? Por que não com os apóstolos e os profetas, se foi um varão com espírito idêntico ao deles, se durante toda a vida seguiu as pegadas dos santos e sempre conservou tão exatamente o modo de viver evangélico? Quanto a mim, digo que infligiríamos afronta à verdade se não contássemos entre os familiares de Deus esta alma que foi uma tocha a espalhar seu fulgor por toda a Igreja de Deus. Teve contra os demônios terrível poder, por obra do Espírito Santo. Recebeu a graça de tal eloquência para levar as nações à obediência da fé que, tendo encontrado no começo apenas dezessete cristãos, levou o povo inteiro, citadinos e camponeses, ao conhecimento de Deus. Desviou o leito dos rios, ordenando-lhes no poderoso nome de Cristo e secou um pântano, objeto de litígio entre irmãos ambiciosos. Suas predições foram tais que em nada cede o passo aos grandes profetas. Em resumo, seria longo demais narrar por extenso seus milagres. Por causa da superabundância dos carismas produzidos nele pelo Espírito, enquanto obras de poder, sinais e prodígios, era proclamado segundo Moisés até pelos inimigos da Igreja. Assim, em suas palavras e obras, realizadas por meio da graça, resplandecia certa luz, indício do poder celeste que invisivelmente o assistia. A admiração que suscitava nos habitantes da região era grande e dura até hoje. Sua lembrança com viço e sempre vivaz continua firme nas Igrejas. O tempo não a apagou. Nada se acrescentou ao que ele deixou à sua Igreja: nem prática, nem palavra, nem símbolos místicos. Por isso, muitas coisas que ali se fazem parecem inacabadas, por causa da antiguidade de sua instituição. Efetivamente, seus sucessores no governo das Igrejas rejeitaram qualquer fórmula introduzida depois dele. Ora, entre as fórmulas de Gregório encontra-se a doxologia agora controvertida; transmitida por ele, foi conservada na Igreja. Não se precisará de esforço, ou de muito pouco, para uma certeza sobre a questão. Tal foi igualmente a fé de nosso Firmiliano, conforme atestam os sermões que ele deixou. O ilustre Melécio também, segundo afirmam seus familiares, era do mesmo parecer. Mas, por que falar do passado? Agora ainda, no Oriente, não são reconhecidos os homens piedosos por este único meio, o uso desta palavra qual sinal distintivo? Como ouvi de um habitante da Mesopotâmia, perito em sua língua e de muito bom senso, não é possível, mesmo querendo, falar de outra maneira na língua da região. Forçoso é proferir a doxologia com a sílaba *e*, ou antes, com sinônimos do idioma pátrio. É assim que também nós, capadócios, falamos em nossa língua regional, pois o Espírito já previra, por ocasião da divisão das línguas (Gn 11,1-9), a utilidade desta palavra. Quanto ao Ocidente inteiro, ou quase, da Ilíria até os limites da terra que habitamos, não se prefere este termo?

75. Como seria eu um inovador, um criador de neologismos, se apresento como autores e defensores deste termo um costume imemorial, bem como povos inteiros e cidades e homens que foram colunas da Igreja, distintos em ciência e notáveis na força do Espírito? Tal é o motivo da movimentação desta tropa combatente contra nós. Cada cidade, cada aldeia e o país inteiro até os confins estão cheios dos que nos caluniam. Como é triste e doloroso para corações que buscam a paz! Mas, como são grandes as recompensas da paciência nos sofrimentos suportados pela fé! Além de tudo isso, brilhe a espada, afie-se o machado, acenda-se um fogo mais ardente do que o da fornalha de Babilônia, movimente-se

contra nós todos os aparelhos de tortura. Nada me é mais terrível do que não temer as ameaças do Senhor contra os blasfemadores do Espírito! Constitui suficiente defesa para homens prudentes o que foi dito. Muito apreciada e familiar entre os santos é a palavra, firmada em antigo costume, que empregamos. Efetivamente, desde os inícios da pregação evangélica até hoje teve direito de cidade nas Igrejas, e o que é mais, goza de alto conceito, sagrado e piedoso. Mas que defesa preparamos para nosso comparecimento diante do grande tribunal? Consiste em que fomos induzidos a dar glória ao Espírito, primeiro pela honra que o Senhor lhe presta, associado a si mesmo e ao Pai no batismo; depois, cada um de nós é introduzido no conhecimento de Deus por idêntica iniciação (Mt 28,19); sobretudo, o temor das ameaças divinas retira de nossa mente qualquer noção indigna do Espírito ou qualquer conceito mais humilhante. Mas, o que dizem os adversários? Como defendem sua blasfêmia? Não respeitam nem as honras prestadas pelo Senhor, nem têm medo de suas ameaças. Compete-lhes agora decidir o que preferem, ou mudar de opinião desde agora. Quanto a mim, desejo, antes de tudo, que o Deus bondoso nos dê sua paz, a fim de que ela reine no coração de todos. Assim, nossos adversários, que com ardor e violência se congregam contra nós, ficariam apaziguados pelo Espírito de mansidão e de amor. Mas, se estão inteiramente excitados e for impossível acalmá-los, que Deus nos dê suportarmos pacientemente o que nos infligirem. Seja como for, quando se tem em si uma sentença de morte, não é penoso sofrer pela fé; ao contrário, não ter combatido por ela é que seria intolerável. Para atletas, não é tão pesado receber ferimentos na luta, e sim nem ao menos ter sido admitido no estádio! Mas, talvez seja "tempo de calar" (Ecl 3,7), conforme diz o sábio Salomão. De que adianta, de fato, gritar contra o vento, quando uma tempestade tão violenta impede de viver? Então, a mente dos catequizandos assemelha-se a olhos cheios de poeira, repleta como está de raciocínios falsos, de erros. Os ouvidos se enchem de sons ensurdecedores e inusitados. Todas as coisas são sacudidas e acham-se periclitantes.

30. *Descrição do estado atual das Igrejas*

76. A que se assemelha a situação atual? Assemelha-se um pouco a um combate naval que, devido a antigos conflitos, travaram povos belicosos, e amantes da luta, veementemente encolerizados uns contra os outros. Peço-te que olhes o seguinte quadro: de cada lado a frota avança terrível para atacar; depois, com incontido clamor de cólera, lançam-se uns sobre os outros em enérgica luta. Imagine que um violento turbilhão dispersa as naves, e densa escuridão, proveniente das nuvens, encobre a visão, de forma que não se distinguem mais amigos e inimigos, tornando-se irreconhecíveis nesta confusão as insígnias das duas partes. Acrescentemos ainda ao quadro, para fazê-lo mais vivo, o mar encapelado e revolto, chuva impetuosa caindo das nuvens, espantosa borrasca, provocada por enormes vagalhões. Em seguida, os ventos de todos os pontos concentrados num só lugar, fazem com que toda a esquadra entre em colisão. Dentre os combatentes, uns atraiçoam e passam para o campo do adversário mesmo durante o prélio; outros se veem forçados simultaneamente a repelir os barcos, arrastados contra eles pelos ventos, e a marchar contra os assaltantes e se massacrarem uns aos outros na sedição proveniente da malevolência contra os superiores e da ambição de cada qual de tomar o poder. Pensa ainda no ruído impreciso e confuso do mar, no barulho do turbilhão dos ventos, no entrechoque dos navios, no embate das ondas, nos gritos dos combatentes, clamando contra os acidentes que os afligem, de sorte que nem se ouve a voz do comandante, nem a do piloto e instalam-se terrível desordem e confusão. Os males excessivos

acarretam, com a desesperança de viver, desenfreada liberdade de pecar. Acrescenta a tudo isso uma inacreditável mania de glória, a tal ponto que já o navio naufraga e a equipagem não renuncia à disputa pelo primeiro lugar.

77. Passa, então, da imagem ao mal que lhe serve de modelo. Não parece haver já há algum tempo que o cisma ariano, surgindo como partido contrário à Igreja de Deus, postou-se sozinho, como fileira inimiga diante dela? Quando, após longa e penosa disputa, os arianos se nos contrapuseram em luta aberta, a guerra se estendeu por muitas partes e de mil maneiras, de tal sorte que a comum hostilidade e particularmente as suspeitas suscitaram em todos implacável ódio. Essa agitação nas Igrejas não tem aspecto um tanto mais feroz do que a tempestade no mar? Por ela todos os limites dos Pais foram deslocados, todos os fundamentos, os sustentáculos da doutrina foram sacudidos. Tudo o que estava com a base corrupta foi arrebatado, revirado à menor sacudidela. Caindo uns sobre os outros, mutuamente fomos abatidos. Se o primeiro combatente não pôde ferir, seu ajudante fere; se, ferido, ele caiu, seu companheiro de armas passa por cima dele. Une-nos fortemente o ódio comum contra o adversário. Mal se afastaram os inimigos, tratamo-nos uns aos outros como inimigos. Em vista disso, quem pode contar a multidão de náufragos? Uns submergiram pelo ataque dos inimigos, outros pela traição secreta de seus aliados, outros pela inexperiência dos comandantes, porque Igrejas inteiras esbarraram contra ciladas de hereges, quais escolhos, e pereceram, enquanto outros ainda, entre os inimigos da Paixão salutífera que se haviam apossado do leme, naufragaram na fé. E as perturbações causadas pelos príncipes deste mundo não derrubam os povos de maneira mais violenta que qualquer procela? Estende-se sobre as Igrejas noite realmente sombria, escura e tenebrosa, pois as luzes do mundo, colocadas por Deus, para iluminar a alma do povo, foram exiladas. O excesso de inveja tirou aos príncipes toda sensibilidade, enquanto o temor de uma dissolução universal é ameaçadora. A animosidade dos particulares prevalece sobre a guerra comum do povo inteiro, pois a glória de ter esmagado os próprios adversários fica acima do bem comum, quando se preferem os atrativos das honras imediatas às recompensas reservadas para o fim. Por isso, levantam todos igualmente as mãos homicidas, uns contra os outros, conforme é possível a cada um. O som rouco daqueles que a contenda levanta um contra o outro e o barulho confuso e indistinto formado por clamores contínuos, e que falseiam por excesso ou por falta da reta doutrina da piedade, enchem quase toda a Igreja. Com efeito, uns aderem ao judaísmo, confundindo as Pessoas, outros ao paganismo, contrapondo entre si as naturezas. A Escritura, inspirada por Deus, não consegue apaziguá-los, nem a Tradição apostólica os induz a reconciliarem-se. Uma só coisa define a amizade: permitir que se fale a seu bel-prazer, enquanto uma divergência de opinião basta como pretexto de inimizade. Maior garantia de comunhão nas diversas situações constitui a aceitação dos mesmos erros do que qualquer juramento de conjurados. Como todos falam de Deus, até mesmo aquele que tem a alma marcada por mil manchas, aos inovadores não faltam partidários. Também os intrigantes, eleitos por si mesmos, disputam a presidência das igrejas, pouco se importando com as disposições (*oiconomía*) do Espírito Santo. E como as instituições evangélicas estão inteiramente confusas devido à desordem, são incríveis as contendas pelos primeiros lugares, e cada um dos que ambicionam aparecer usa de violência para tomar a presidência. Uma terrível anarquia, por causa desta ambição, apossou-se do povo, de sorte que as exortações dos chefes ficam inteiramente ineficazes e vãs. Cada qual julga, na vaidade de sua ignorância, que, ao invés de obedecer, deve antes dominar os outros.

78. Por tal motivo, determinei que era melhor calar-me do que falar, pois não consegue uma só voz ser ouvida, no meio deste tumulto. Se são verdadeiras as palavras do Eclesiastes: "Escutam-se antes na calma as palavras dos sábios" (Ecl 9,17) não é oportuno atualmente tratar deste assunto. Retém-me igualmente a palavra do profeta: "Por isso, o sábio se cala neste tempo, porque é um tempo de desgraça" (Sm 5,13), tempo em que uns caem, outros injuriam o que caiu, e outros aplaudem. Ninguém estende mão compassiva àquele que está vacilante. Entretanto, segundo a Lei antiga, aquele que passava indiferente ao lado do jumento do inimigo, caído debaixo da carga, era condenável (Ex 23,5); agora, não é mais assim. Por quê? Porque a caridade em toda a parte se esfriou, desapareceu a concórdia entre os irmãos. Até mesmo seu nome é ignorado. Já não há admoestações caridosas, nem misericórdia cristã, nem lágrimas de compaixão. Ninguém que venha em socorro do fraco na fé; ao contrário, inflamou-se tal ódio entre os compatriotas, que há maior regozijo pelas infelicidades do próximo do que pela própria felicidade.

Numa epidemia de peste, até os que se sujeitam aos mais minuciosos cuidados são atingidos como os outros, por causa do contágio proveniente do contato com os doentes; assim também agora todos nós nos assemelhamos uns aos outros, levados a um zelo maligno pela rivalidade de que nossas almas estão repletas. Além disso, assentam-se os examinadores rígidos e implacáveis de causas falidas, juízes injustos e desfavoráveis de causas em si justas. O mal parece tão arraigado em nós, que somos mais desarrazoados que os irracionais, pois se os compatriotas se congregam entre si, quanto a nós, é aos nossos que fazemos a guerra mais hostil.

79. Tais os motivos convenientes de calar; a caridade, contudo, se inclina noutra direção, pois não busca os próprios interesses (1Cor 13,5), mas procura vencer todas as dificuldades de circunstâncias e de tempo. Efetivamente, os jovens de Babilônia (Dn 3,12ss) nos ensinaram que, mesmo se não houver quem se ponha do lado da piedade, devemos até o fim cumprir por nós mesmos a tarefa de que fomos incumbidos. Eles, de fato, no meio da fornalha, louvavam a Deus, sem considerar a multidão dos que desprezavam a verdade, mas sustentavam-se mutuamente, embora fossem somente três. Por isso, a nuvem de inimigos não nos incute temor; mas proclamamos a verdade com ousadia, depositando nossa esperança no auxílio do Espírito. Não seria em extremo lamentável que nós, enquanto os blasfemadores do Espírito se exaltam tão facilmente contra a doutrina verdadeira, apesar de termos um amparo e defensor tão poderoso, tenhamos medo de servir a doutrina proveniente da Tradição dos Pais, que chegou até nós, conservada fielmente? Ainda mais, nosso ardor se inflamou novamente ao fogo de tua caridade sincera; e teu modo de ser ponderado e calmo nos assegura que não haverá divulgação inoportuna do que dissemos. Não digo que seja preciso escondê-lo, e sim que não se lancem pérolas aos porcos (Mt 7,6). Tenho dito. Se te basta o que eu disse, termine aqui o discurso. Se te parece incompleto, nada impede de te entregares com diligência à pesquisa, e aumentar teus conhecimentos apresentando novas perguntas, sem contestação. O Senhor certamente suprirá, por intermédio de nós ou de outros, o que faltar, conforme o conhecimento concedido aos que são dignos pelo Espírito!

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué

2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmias

3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma

4. Contra as heresias, Ireneu de Lião

5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão

6. Sermões, Leão Magno

7. A Trindade, S. Agostinho

8. O livre-arbítrio, S. Agostinho

9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho

9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho

9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho

10. Confissões, S. Agostinho

11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho

12. A Graça (I), S. Agostinho

13. A Graça (II), S. Agostinho

14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia

15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia

16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho

17. A doutrina cristã, S. Agostinho

18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio

19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho

20. Contra Celso, Orígenes

21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho

22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers

23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo

24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho

25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho

26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio

27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo

27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo

27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo

28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno

29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo

32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital
Erivaldo Dantas

Tradução
Roque Frangiotti: Homilia sobre Lucas 12.
Monjas Beneditinas do Mosteiro Maria Mãe de Cristo, Caxambu (MG): Homilias sobre a origem do homem; Tratado sobre o Espírito Santo.

Introdução e notas
Roque Frangiotti

Revisão
Iranildo B. Lopes

Capa
Visa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Basílio Magno, Santo, Bispo de Cesareia, 330-379. Basílio de Cesareia / [tradução de Roque Frangiotti, Monjas Beneditinas]. — São Paulo : Paulus, 1998. — (Patrística) Conteúdo: Homilia sobre Lucas 12 — Homilias sobre a origem do homem — Tratado sobre o Espírito Santo.

eISBN 9788534938907

1. Basílio Magno, Santo, Bispo de Cesareia, 330-379 2. Basílio, etc. 300-379 – Sermões 3. Bíblia. N.T. Lucas, XII – Sermões 4. Espírito Santo 5. Homem – Origem – Sermões 6. Padres da Igreja primitiva I. Título. II. Título: Homilia sobre Lucas 12. III. Título: Homilias sobre a origem do homem. IV. Título: Tratado sobre o Espírito Santo. V. Série.

98-4363 CDD-270

Índices para catálogo sistemático:
1. Padres da Igreja : Literatura cristã primitiva 270
2. Patrística 270

© PAULUS – 2014
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534938907